



## Rumos e muros da filosofia na era digital. A aventura do pensamento

**Massimo Canevacci**

A filosofia atrás de uma muralha?

**Roberto Romano**

Filosofia não é, necessariamente, sistema

**Celso Candido de Azambuja**

A derrocada dos grandes sábios e um oráculo chamado Google

E mais:

>> **Flavio Comim:**  
Amartya Sen, o ser humano  
e a alternativa do diferente

>> **Thiago Soares:**  
Lady Gaga: espelho  
de nosso cotidiano

# Rumos e muros da filosofia na era digital. A aventura do pensamento

A primeira década de funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos inspira o debate da IHU On-Line desta semana. Quais são os rumos da Filosofia em plena era da tecnologia da informação, da globalização do saber e da fragmentação do sujeito? A filosofia tem conseguido estabelecer diálogos com os demais saberes, refletir sobre o mundo contemporâneo ou, tal como a coruja de minerva a que Hegel se refere na sua Filosofia do direito, só levanta voo ao entardecer?

Para **Celso Candido de Azambuja** (Unisinos), a sociedade da informação em rede perdeu “para sempre a chance de produzir seus grandes sábios”, mas por outro lado nos fez avançar por novos caminhos, repletos de possibilidades.

**Alfredo Culleton**, coordenador da graduação em Filosofia da Unisinos, reflete sobre a memória como possibilidade de crítica à filosofia, pontuando a importância de Ockham e Suarez no pensamento contemporâneo.

Na opinião de **Ernilo Stein** - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS - é preciso atentar para o uso precoce da denominação de filósofo àqueles que se ocupam “com a história, a filologia e a justaposição eclética de textos”. Filosofar exige continuidade e produção de livros e volumes de investigação, assevera.

**Massimo Canevacci**, italiano e docente na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, é rigoroso em sua crítica à filosofia, apontando-a como arraigada num historicismo e atrasada no diálogo com o mundo digital. Estaria a filosofia “muda” em relação às redes sociais, atrás de uma muralha, como ele afirma?

O argentino **Julio Cabrera**, professor na Universidade de Brasília - UnB, pondera que o filósofo está constantemente “inventando a roda”, e que sem grandes intuições, não há grande filosofia.

**Luiz Rohden**, da Unisinos, traça as aproximações entre filosofia e literatura, enquanto **Oswaldo Giacóia**, da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, frisa que a independência do pensamento é a prerrogativa máxima da filosofia.

**Roberto Romano**, também da Unicamp, esclarece que “o desejo de produzir um sistema é recente na filosofia”, surgido no corolário do romantismo alemão.

O platonista francês **Jean-François Mattéi** ressalta que o mito da caverna continua sendo fundamental e relevante em nossa época.

Dois entrevistas completam a discussão: uma com o coordenador do PPG em Filosofia da Unisinos, **Adriano Naves de Brito**, que menciona o respeito da comunidade acadêmica brasileira pelo curso da instituição, e outra com o filósofo jesuíta francês, **Paul Valadier**.

**Thiago Soares**, jornalista e professor na Universidade Federal da Paraíba - UFPB analisa o fenômeno pop Lady Gaga como um espelho de nosso cotidiano.

“O Papel da comunicação e da mídia de massa na crise da superprodução - informação, reflexão e ideologia: o caso da crise imobiliária irlandesa” é o tema abordado pelo sociólogo Henry Silke, doutorando em sociologia pela City University of Dublin (Irlanda).

Nesta segunda-feira, 07-11-2011, o economista **Flavio Comim**, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, falará sobre *Amartya Sen: o desenvolvimento como liberdade para a superação da fome, da miséria e do mal-estar social*. A conferência faz parte do **Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia**.

**José Alberto Baldissera**, historiador e professor da Unisinos, compartilha sua história acadêmica e pessoal no IHU Repórter.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

## Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (grazielaw@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br), Patrícia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br) e Thamiris Magalhães (thamirism@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patrícia Fachin. Atualização diária do sítio: Inácio Neutzling, Rafaela Kley e Stefanie Telles. IHU On-Line pode ser acessada às segundas-feiras, no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuonline@unisinos.br](mailto:ihuonline@unisinos.br). Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br) - ramal 1173.



LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



Ministério  
da Cultura



## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

### A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Roberto Romano: Filosofia não é, necessariamente, sistema

PÁGINA 11 | Celso Candido de Azambuja: A derrocada dos grandes sábios e um oráculo chamado Google

PÁGINA 16 | Jean-François Mattéi: O mito da caverna e a liberdade humana

PÁGINA 20 | Massimo Canevacci: A filosofia atrás de uma muralha?

PÁGINA 25 | Ernildo Stein: “Já temos uma filosofia brasileira”

PÁGINA 29 | Julio Cabrera: Sem grandes intuições, não há grande filosofia

PÁGINA 34 | Oswaldo Giacóia: Independência do pensamento: prerrogativa máxima da filosofia

PÁGINA 36 | Luiz Rohden: A ontologia indireta da literatura e a ontologia direta da filosofia

PÁGINA 38 | Alfredo Culleton: A memória como possibilidade de crítica à filosofia

PÁGINA 41 | Adriano Naves de Brito: 10 anos do PPG em Filosofia da Unisinos: desafios, avanços e perspectivas

PÁGINA 44 | Paul Valadier: A filosofia precisa de mais audácia

### B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 48 | Thiago Soares: Lady Gaga: espelho de nosso cotidiano

» Coluna do Cepos

PÁGINA 52 | Henry Silke: O papel da comunicação e da mídia de massa na crise da superprodução - informação, reflexão e ideologia: o caso da crise imobiliária irlandesa

» Destaques On-Line

PÁGINA 54 | Destaques On-Line

### C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 58 | Flavio Vasconcellos Comim: Amartya Sen, o ser humano e a alternativa do diferente

» IHU Repórter

PÁGINA 61 | José Alberto Baldissera



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# A.

## Tema de Capa

## Filosofia não é, necessariamente, sistema

Nem Platão, nem Tomás de Aquino foram sistemáticos. Para Heidegger, o sistema correspondia ao cartesianismo, e a demanda por esse tipo de filosofia vem na esteira do romantismo alemão, observa Roberto Romano

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** ‘desregulamentação’ do universo financeiro, o poder concedido a ‘agências de risco’ que elevam ou rebaixam notas de países ou regiões inteiras do globo terrestre, a paralisia dos governos diante de semelhantes bandidos, ou mesmo sua cumplicidade em relação aos que, negando todos os princípios e valores almejam o lucro, tudo mostra que entramos numa era em que o humano está sendo reduzido a suporte de uma categoria financeira, como enuncia Marx no introito de *O capital*, o lucro”. A reflexão de Roberto Romano perscruta os efeitos do relativismo e do niilismo ético em nossos dias. “Quem deseja verificar os resultados do niilismo em marcha assista o filme *Inside job*, sobre o império de Wall Street na suposta maior potência estatal do planeta. Império que se espalha pelo mundo inteiro. Mas tudo, mesmo a recusa de princípios axiológicos, tem limites”. Outro tema da entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line** é o diálogo da filosofia com outras áreas do conhecimento: “O trato interdisciplinar ainda é um mito, pois os estudantes e professores de filosofia que entram em terrenos limítrofes dificilmente são valorizados pelos pares”. Além disso, desafia, é recente o imperativo de que a filosofia seja feita de forma sistemática. Essa concepção surgiu “nos anos românticos que espalharam esquemas sobre o pensamento pretérito (atribuindo algo como um sistema a Kant, quando sua filosofia notoriamente apresenta lacunas e descontinuidades) e sobre o que veio depois de Hegel, Schelling e outros”. E completa: “Heidegger vai ao ponto dolorido ao dizer que o sistema corresponde ao cartesianismo, mas que nem Platão nem Tomás de Aquino foram sistemáticos, o que não significa que não foram rigorosos. Nas próprias Luzes o sistema já era algo considerado prejudicial ao pensamento filosófico”.

Roberto Romano cursou doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, na França, e é professor de filosofia na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Escreveu, entre outros, os livros *Igreja contra Estado. Crítica ao populismo católico* (São Paulo: Kairós, 1979), *Conservadorismo romântico* (2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1997) e *Moral e Ciência. A monstruosidade no século XVIII* (São Paulo: Senac Ed., 2002). Atualmente leciona na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Na entrevista que concedeu em dezembro à IHU On-Line, o senhor se refere a um “mercadejo ético”, no qual “o caráter dos indivíduos e grupos é corroído de alto a baixo”<sup>1</sup>. Qual é a relevância de temas como o relativismo e o niilismo ético na filosofia hoje?**

**Roberto Romano** - Quando um valor é inventado, ele se torna de certo modo modelo de comportamento ético. Por mimetismo, as sociedades e indivíduos tendem a repeti-lo automaticamente,

<sup>1</sup> Confira a íntegra da entrevista *Niilismo e mercadejo ético brasileiro* na edição 354 da IHU On-Line, de 20-12-2010, disponível em <http://migre.me/63kJB>. (Nota da IHU On-Line)

garantindo a sobrevivência da sociedade. O mesmo ocorre, em sentido contrário, com o valor negativo. Se ele surge e se impõe, também pode ser retomado como segunda natureza, conduzindo a sociedade que o pratica à indefinida agonia. Mas valor e contravalor são corroídos pelo niilismo, o que retira do relacionamento social qualquer parâmetro valorativo. Abrem-se as portas do estado de natureza, desaparece o fundamento das leis. A lição platônica é relevante no caso. Quando *A República*<sup>2</sup> narra a passagem da po-

<sup>2</sup> *A República*: diálogo socrático escrito por Platão, filósofo grego, no século IV a.C.. Todo o diálogo é narrado, em primeira pessoa, por

lítica democrática à tirânica, Platão<sup>3</sup>

Sócrates. O tema central da obra é a justiça. No decorrer da obra é imaginada uma república fictícia (a cidade de Calípole, Kallipolis, que significa “cidade bela”) onde são questionados os assuntos da organização social (teoria política, filosofia política). O diálogo tem uma extensão considerável, articulada pelos tópicos do debate e por elementos dramáticos. Exteriormente, está dividido em dez livros, subdividida em capítulos e com a numeração de páginas do humanista Stéphanus da tradição manuscrita e impressa. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Idéias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* e o *Fédon*. Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Prof.

põe na boca dos cidadãos acostumados à licença a frase segundo a qual quem segue a lei é um “escravo voluntário”. A lei não pode impor comportamentos, é fraca soberana. Segue-se que, para ser livre, é preciso abandonar o respeito pela lei. Os totalitarismos foram iniciados por partidos que visavam abolir a lei vigente. Claude Lefort<sup>4</sup>, no comentário ao *Arquipélago Gulag*<sup>5</sup> diz que apenas bandidos abolem as leis. Mas quantos bandidos controlaram o Estado nazista, fascista, stalinista e outros! A recusa em obedecer a lei resulta em massacres, genocídios, torturas, exílios, prisões para os que não foram beneficiados com o poder baseado na força. Sem a lei, os filhotes de Trasímaco<sup>6</sup> encontram facilidades adequadas para suas façanhas.

Marcello Gigante<sup>7</sup>, em *Nomos Basileus*<sup>8</sup> apresenta um tratamento clássico do tema. Como ele mesmo diz, o assunto toca fundo no problema da justiça e no “problema da legitimidade e da injustiça”. E também na questão da legitimidade da violência

no mundo dos violentos. Hoje, adianta ele, “a violência é praticada em nome do ‘direito’ do punho, descoberta antiga do homem ainda deseducado. Mas tal ‘direito’ não tem raiz divina, nem o homem conseguiria codificá-lo. Hoje o interesse econômico elevou a *nomos* novíssimo uma história inglória, com a violência do mais forte sobre os mais fracos. Sobram apenas as teorias ‘intimistas’ do desfalecimento da consciência moral, e cuja ação inclui os procedimentos tortuosos e de bajulação”. Lúcido Gigante, profeta dos horrores passados e futuros e Wall Street, escreve logo após a II Guerra Mundial, com o fascismo aparentemente vencido, bem como o nazismo. O estalinismo estava no auge. A pergunta sobre o político, o republicano, o justo, permanece, bem como a questão dos saber se obedecemos leis ou somos servos de outros homens. Com base na força física dos Estados, bandidos do mundo financeiro atacam o direito à vida de humanos aos milhões. Prestemos atenção às massas que, na Europa e também em Israel, protestam contra as “medidas inadiáveis”, as lições de casa escritas no lombo dos “negativamente privilegiados” (o termo é de Max Weber<sup>9</sup>). Notemos também os cassetetes, os tanques e todos os engenhos militares contra pessoas desarmadas e munidas apenas de indignação e que exigem emprego e dignidade. Os nossos governantes seguem mesmo as lições de Trasímaco, com leve matiz de esquerda ou direita para encobrir o fascismo das finanças.

### Nilismo em marcha

#### E o nilismo tem muito a ver com

9 Max Weber (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. Ética protestante e o espírito do capitalismo (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a IHU On-Line dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/30rKx>. De Max Weber o IHU publicou o *Cadernos IHU em Formação* n° 3, 2005, chamado *Max Weber - o espírito do capitalismo*. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo IHU, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da IHU On-Line)

tal prática corrosiva. A “desregulamentação” do universo financeiro, o poder concedido a “agências de risco” que elevam ou rebaixam notas de países ou regiões inteiras do globo terrestre, a paralisia dos governos diante de semelhantes bandidos, ou mesmo sua cumplicidade em relação aos que, negando todos os princípios e valores almejam o lucro, tudo mostra que entramos numa era em que o humano está sendo reduzido a suporte de uma categoria financeira, como enuncia Marx<sup>10</sup> no introito de *O capital*, o lucro. Esse último promove o processo de corrosão dos valores (o termo *Auflösung*, usado pelo ainda jovem Marx para elogiar a lógica “progressista” da burguesia, é eloquente) e de tudo o que poderia receber alguma solidez no caos chamado humanidade.

Quem deseja verificar os resultados do nilismo em marcha assista o filme *Inside job*<sup>11</sup> sobre o império de Wall Street na suposta maior potência estatal do planeta. Império que se espria pelo mundo inteiro. Mas tudo, mesmo a recusa de princípios axiológicos, tem limites. Quando uma sociedade demo-

10 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos *Cadernos IHU Ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lF>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da IHU On-Line)

11 *Inside Job*: documentário sobre a crise financeira que ocorreu em 2008, produzido por Charles Ferguson. Ganhou o Oscar 2011 e foi traduzido para o português como *Trabalho interno*. Confira os seguintes materiais publicados pelo site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU: *Um filme ruim só no título*, disponível em <http://migre.me/4b8ZY>; *Dez anos sem Milton Santos ou Buitful e Inside Job, duas faces da mesma moeda*, disponível em <http://migre.me/4b91a>; *Não pode ser mera coincidência. Um comentário do documentário “Inside Job”*, disponível em <http://migre.me/4b94x>; *“Inside Job”: a crise financeira contada “de dentro”*, disponível em <http://migre.me/4b973>, entre diversos outros. (Nota da IHU On-Line)

Dr. Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://migre.me/uNq3>. Leia, também, a edição 294 da IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://migre.me/uNqj>. (Nota da IHU On-Line)

4 Jean-Claude Lefort (1924-2010): filósofo francês, autor de, entre outros *A invenção democrática: os limites da dominação totalitária* (São Paulo: Brasiliense, 1983) e *Desafios da escrita política* (São Paulo: Discurso Editorial, 1999). Por ocasião de seu falecimento, a IHU On-Line entrevistou a filósofa Olgária Matos, na edição 348 da Revista IHU On-Line, de 25-10-2010, disponível em <http://migre.me/34o19> e intitulada *Claude Lefort e a invenção democrática*. (Nota da IHU On-Line)

5 *Un homme en Trop, réflexions sur l'Archipel du Goulag* (Ed. Seuil). (Nota do entrevistado)

6 Trasímaco: personagem do diálogo platônico *A República*, principal interlocutor de Sócrates no primeiro livro desta obra. É responsável pela apresentação da definição de que a justiça não é nada mais do que a “conveniência do mais forte”, “fazer o que é do interesse do mais forte”. Assevera que a lei criada pelo arbítrio do governante tem a qualidade de lei justa, ao contrário do que defendia Sócrates, que afirmava que a ruína da cidade se define pela sujeição da lei ao governante e sua salvação pelo império da lei sobre os governantes “que fazem a si mesmos escravos da lei”. (Nota da IHU On-Line)

7 Marcello Gigante (1923-2001): filólogo clássico e papirólogo italiano, estudioso da antiguidade clássica e bizantina. (Nota da IHU On-Line)

8 Napoli, Glaux Ed., 1956. (Nota do entrevistado)

crática abandona seus valores em favor de oligarquias poderosas, surge a outra face de Trasímaco, trazendo esperanças de recuperar o antigo estado de coisas segundo métodos violentos.

Não é possível esquecer que Marcello Gigante escreve quase ao mesmo tempo que Carl Schmitt<sup>12</sup>, autor de *O nomos da Terra*. Se a lei não é seguida, sobe o clamor por um *Katechon*, um *Soter*, um líder que decida contra a corrosão do direito. Ele decide contra os privatismos acarinhados pelo mundo liberal (leia-se a atualíssima crítica dos parlamentos feita por Schmitt em *A crise da democracia parlamentar*) e pelos grupos financeiros. Sendo impossível viver sob corrosão permanente, o movimento contrário procura uma unidade social baseada na força e na liderança carismática de um indivíduo ou partido. Gargalhar com a falta de valores pode ser útil para quem se aproveita da corrosão generalizada, com as privatizações rendosas, desregulamentações fraudulentas. Mas assim se retiram dos seres humanos os parâmetros vitais que lhes permitiriam resistir ao poder dos bandidos. O ressurgimento do movimento nazista no mundo (“neonazismo” é disfarce criminoso) mostra que, no abismo trazido pela negação dos valores, abre-se um ventre fértil de desgraças iminentes.

### IHU On-Line - Quais são as grandes linhas, os grandes temas, da filosofia atualmente?

**Roberto Romano** - Se é verdade que toda a filosofia se resume a uma nota de pé de página a Platão (e acredito), um tema essencial é a história da filosofia, que indica o modo pelo qual os diferentes herdeiros, a começar de Aristóteles<sup>13</sup>, pensaram o homem e a

12 **Carl Schmitt** (1888-1985): jurista e cientista político alemão. A IHU On-Line 139, de 2-05-2005, publicou o artigo O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo. (Nota da IHU On-Line)

13 **Aristóteles de Estagira** (384 a. C. - 322 a. C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas — por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega — acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É

natureza. Ao mesmo tempo, a pesquisa estética traz alimento para a alma, num tempo em que as mudanças tecnológicas chegam ao paroxismo. Talvez não estejamos muito longe da época, profetizada por Novalis<sup>14</sup>, na qual será preciso, de fato, “introduzir alma na máquina”. Quase no mesmo terreno, temos as reflexões sobre a cibernética, a neurociência e tudo o que promete o *enhancement* do ser humano, visando ultrapassar limites até hoje obedecidos na engenharia do corpo e da mente. Nesse sentido, a política e o Estado atravessam uma crise ímpar, porque ao mesmo tempo se aproveitam de tais procedimentos (sobretudo em plano bélico e financeiro) e são por eles ameaçados. Temas como a soberania dos países tendem a se tornar anacrônicos, deixando as massas sem proteção possível. Tal problema foi exposto por um jurista do trabalho, tempos atrás (na comemoração da Encíclica *Rerum Novarum*<sup>15</sup> em São Paulo): hoje uma pessoa residente no Rio de Janeiro pode trabalhar para outra, que mora em Moscou ou em Tokyo. Quem garante a sua aposentadoria, o seu tratamento médico, a sua educação ou segurança? Com a privatização definitiva do público, algo muito prezado pelos filhos de Hayek, teremos o fim do Estado? Haverá forma institucional que substitua o antigo (mas em termos históricos muito novo, pois data do século XVI) mecanismo estatal? Como produzir elos entre as pessoas, se elas não possuem novos paradigmas de comportamento coletivo que permitam abolir os monopólios entregues ao *Leviatã*, como o da força física, da norma jurídica, dos impostos?

### Melhoramento do humano

#### Num ambiente noético cambiante,

considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

14 **Novalis** (1772-1801): pseudônimo de Georg Friedrich Philipp Freiherr von Hardenberg, poeta e filósofo alemão. Foi um dos mais importantes representantes do romantismo alemão de finais do século XVIII. (Nota da IHU On-Line)

15 **Rerum Novarum**: primeira encíclica pontifícia que aborda os problemas sociais, publicada no dia 15 de maio de 1891 pelo papa Leão XIII. O título pode ser traduzido por “Das coisas novas”. O sub-título da encíclica é: “Sobre a condição de vida dos operários”. (Nota da IHU On-Line)

instável, existem trabalhos interdisciplinares que tentam achar algumas pistas. Cito, entre vários, um pequeno livro denominado justamente ‘*Enhancement, éthique et philosophie de la médecine d’amélioration*’, reunindo escritos de especialistas nos vários setores<sup>16</sup>. **Antonio Damasio** (*Self comes to brain*)<sup>17</sup>, **Jonathan Moreno** (*Minds wars: brain research and national security*)<sup>18</sup> e outros, apresentam os desafios da tecnologia que pretende “melhorar” o ente humano. Se é verdade, como quer André Leroi-Gourhan, que somos demiurgos do nosso próprio corpo, vivemos desde o início da aventura planetária em tecnosfera, hoje os limites entre o biológico, o psicológico, o intelectual e o mecânico se tornam a cada minuto mais tênues. Aprofundamos as ambições das Luzes, com seu culto às técnicas herdado de Francis Bacon<sup>19</sup> e Descartes<sup>20</sup> (o *Homem máquina* de La Mettrie<sup>21</sup> é ícone da coisa, entrevista por Platão e idealizada no *Leviatã*), mas não sabemos, ao certo, como prever consequências desastrosas, para nós ou para o nosso habitáculo cósmico. Reflexões como a de Hans Jonas<sup>22</sup>, portanto,

16 (Paris, Vrin, 2009). (Nota do entrevistado)

17 (New York, Pantheon, 2010). (Nota do entrevistado)

18 (New York, Dana Press, 2005). (Nota do entrevistado)

19 Francis Bacon (1561-1626): político, filósofo e ensaísta inglês. Sua principal obra filosófica é o *Novum Organum*. (Nota da IHU On-Line)

20 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

21 **Julien Offray de La Mettrie** (1709-1751): médico e filósofo francês e um dos primeiros escritores a escrever sobre o materialismo na Era do Iluminismo. É reivindicado como um fundador da ciência cognitiva. (Nota da IHU On-Line)

22 **Hans Jonas** (1902-1993): filósofo alemão, naturalizado norte-americano, um dos primeiros pensadores a refletir sobre as novas abordagens éticas do progresso tecnológico. A sua obra principal intitulada-se *Das Prinzip Verantwortung. Versuch einer Ethik für die technologische Zivilisation*, publicada em português como *O princípio de responsabilidade* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2006). Confira a edição 371 da revista IHU On-Line, de 29-

são inelutáveis. Modestamente, em meu livro *Moral e ciência: a monstruosidade no século XVIII*<sup>23</sup> tentei apresentar as premissas de semelhantes aporias no pensamento de Denis Diderot<sup>24</sup>.

**IHU On-Line - Qual é a relevância da filosofia num tempo em que a economia possui preponderância sobre as outras esferas da sociedade?**

**Roberto Romano** - Primeiro, uma questão histórica. Como fruto da especialização universitária, a filosofia foi posta, a cada instante mais fortemente, num campo que não é o seu, o das ciências humanas. Tal foi o grande equívoco. Ela não se limita ao campo das humanidades, mas sempre teve o impulso e a ambição de interrogar a natureza (e o que vai além dela), as artes, a religião, a política. Michel Foucault<sup>25</sup>, em *As pa-*

08-2011, intitulada *Tudo é possível? Uma ética para a civilização tecnológica*, disponível em <http://bit.ly/qhC1gz>. (Nota da IHU On-Line) 23 (São Paulo, Senac Ed.). (Nota do entrevistado)

24 **Denis Diderot** (1713-1784): filósofo e escritor francês. A primeira peça importante da sua carreira literária é *Lettres sur les aveugles à l'usage de ceux qui voient*, em que resume a evolução do seu pensamento desde o deísmo até ao cepticismo e o materialismo ateu, o que o leva à prisão. Mas a obra da sua vida é a edição da *Encyclopédie* (1750-1772), que leva a cabo com empenho e entusiasmo apesar de alguma oposição da Igreja Católica e dos poderes estabelecidos. (Nota da IHU On-Line)

25 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Suas teorias sobre o saber, o poder e o sujeito romperam com as concepções modernas destes termos, motivo pelo qual é considerado por certos autores, contrariando a sua própria opinião de si mesmo, um pós-moderno. Seus primeiros trabalhos (*História da Loucura*, *O Nascimento da Clínica*, *As Palavras e as Coisas*, *A Arqueologia do Saber*) seguem uma linha estruturalista, o que não impede que seja considerado geralmente como um pós-estruturalista devido a obras posteriores como *Vigiar e Punir* e *A História da Sexualidade*. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas deste termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a “tomada de poder” proposta pelos marxistas. O poder não é considerado como algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual jurídico-política), mas sim como uma relação de forças. Ao ser relação, o poder está em todas as partes, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não pode ser considerada independente delas. Para Foucault, o poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. Em três edições a IHU On-Line dedi-

## “Os nossos governantes seguem mesmo as lições de Trasímaco, com leve matiz de esquerda ou direita para encobrir o fascismo das finanças”

*lavras e as coisas*, procura mostrar, em sentido polêmico, o frágil estatuto das ciências humanas no campo epistêmico. Ele enuncia que a economia é das poucas disciplinas que atingiram uma axiomatização preliminar que lhe garante algum terreno no sistema de saber contemporâneo. Ora, a filosofia, desde Platão pelo menos, é companheira das matemáticas, do cálculo, etc. Esse ponto é notável no saber antigo e moderno (por exemplo em Descartes, Hobbes<sup>26</sup>, Leibniz<sup>27</sup>,

cou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/vMiS>, edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/vMj7>, e edição 364, de 06-06-2011, disponível em <http://bit.ly/k3Fcp3>. Além disso, o IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault, que também foi tema da edição número 13 dos *Cadernos IHU em Formação*, disponível para download em <http://migre.me/vMjd> sob o título *Michel Foucault. Sua contribuição para a educação, a política e a ética*. Confira, também, a entrevista com o filósofo José Ternes, concedida à IHU On-Line 325, sob o título *Foucault, a sociedade panóptica e o sujeito histórico*, disponível em <http://migre.me/zASO>. De 13 a 16 de setembro de 2010 aconteceu o XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Para maiores informações, acesse <http://migre.me/JyAh>. Confira a edição 343 da IHU On-Line, intitulada *O (des)governo biopolítico da vida humana*, publicada em 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/bi5U9l>, e a edição 344, intitulada *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/9SOCgl>. (Nota da IHU On-Line)

26 **Thomas Hobbes** (1588 - 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela Profa. Dra. Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista IHU On-Line, de 06-10-2008. O material está disponível em <http://bit.ly/BDU-pAj>. (Nota da IHU On-Line)

27 **Gottfried Wilhelm von Leibniz** (1646-1716): filósofo, cientista, matemático, diplo-

mesmo em Kant<sup>28</sup>, Hegel<sup>29</sup>, Marx). Com a sua inserção burocrática e dogmática no campo das ciências humanas, ela se afastou das matemáticas, sobretudo no ensino da graduação. No mesmo passo a economia usa e abusa de uma retórica, a estatística, para edificar seu discurso e sua intervenção no mundo social. Filósofos não conseguem seguir, por não terem recebido ensinamentos matemáticos sólidos, os enunciados de seus colegas economistas. Ou seja, não conseguem retomar a crítica, seja em sentido kantiano, seja em sentido marxista, da economia. A retórica econômica garante aos seus defensores o estatuto de novos artífices do Estado no mesmo passo em que a filo-

mata e bibliotecário alemão. A ele é creditada a criação do termo “função” (1694), que usou para descrever uma quantidade relacionada a uma curva. Geralmente, juntamente com Newton, é creditado a Leibniz o desenvolvimento do cálculo moderno; em particular por seu desenvolvimento da Integral e da Regra do Produto. (Nota da IHU On-Line)

28 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

29 **Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito*, tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de *Georg Wilhelm Friedrich Hegel* (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. O material está disponível em <http://migre.me/zAON>. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/zAOX>. (Nota da IHU On-Line)

sofia foi encerrada num campo menor do que o seu, o das ciências humanas.

Quando digo que a estatística compõe na economia uma retórica, não pretendo enunciar que toda ela integra a arte da persuasão, pois cumpre o papel de auxiliar metodológico em muitos campos da pesquisa científica e humanística. Só indico que a ojeriza atual de numerosos cursos de filosofia à lógica, às matemáticas, à própria estatística, serve apenas para afastar a análise filosófica das questões pertinentes, no mundo efetivo das pessoas.

**IHU On-Line - Dentro da tradição filosófica, quais são os autores e obras fundamentais, que prosseguem instigantes e atuais para a pós-modernidade?**

**Roberto Romano** - Depois de Platão (e suas notas ao pé de página, em dois mil anos)? Os mestres da suspeita, Nietzsche, Freud e Marx, e suas respectivas notas ao pé de página...

**IHU On-Line - Como percebe o ensino de filosofia no Brasil? Quais são as principais diferenças de ensino hoje em relação ao passado e quais são os limites que permanecem?**

**Roberto Romano** - Saímos, felizmente, da época em que a filosofia era ensinada sobretudo por sacerdotes (padres ou pastores), juízes, advogados e promotores. Claro, no ensino médio. Após os anos ditatoriais, quando a sociologia e a filosofia foram consideradas disciplinas diabólicas e subversivas, graças aos programas universitários e à vida política nacional elas adquiriram certa “respeitabilidade”. Alguns cursos se dedicaram mais à história da filosofia, outros à estética ou à ética. O trato interdisciplinar ainda é um mito, pois os estudantes e professores de filosofia que entram em terrenos limítrofes dificilmente são valorizados pelos pares. Ainda a carteira corporativa determina quem é quem nas áreas acadêmicas. Existe ainda a tolice corporativa de se procurar o que seja “propriamente filosófico”. Mas surgem trabalhos de filosofia que utilizam elementos das várias ciências humanas, biológicas, médicas, ou físicas e matemáticas. No campo da estética, aparecem colaborações com setores artísticos e, no

**“Saímos, felizmente, da época em que a filosofia era ensinada sobretudo por sacerdotes (padres ou pastores), juízes, advogados e promotores. Claro, no ensino médio”**

terreno religioso, diálogos são encetados entre filosofia e teologia.

#### Filosofia “detergente”

Um equívoco grave, cuja base é em parte a ideologia e, em parte, o lucro de editoras, ocorre com o ensino da filosofia no segundo grau. Sou absolutamente contrário a tal coisa. Se a filosofia é usada como propedêutica ao pensar, é um desastre impor aos jovens manuais dogmáticos que ensinam, com algumas fórmulas e seletas de trechos dos filósofos, a não pesquisar, não duvidar, não refletir. Se ela for praticada como propedêutica para a “conscientização” política ou social, não passa de um detergente para lavagem das mentes. Se usada para inculcar bons costumes, não vai além da moral e cívica, tão acarinhada pelos conservadores de todos os quilates. Se, o que é pior, for movida pelo desejo de doutrinar religiosamente, é substituto inferior e perigoso do catecismo. Sempre digo que se tome cuidado com aulas de religião, porque elas podem gerar efeitos contrários aos esperados, ou seja, podem fabricar ateus. O mesmo com a filosofia. Decorar enunciados ou trechos de filósofos causa misologia. A ninguém, salvo os perversos, pode ser aconselhável a ideia de passar aos estudantes apenas trechos de, por exemplo, um filme de Kubrick, como *2001* ou *Laranja mecânica*.

Como então justificar a prática de impingir trechos de Platão (esquartejando ainda mais *O Banquete*, *A República*, *as Leis*), Maquiavel<sup>30</sup>, Pla-

<sup>30</sup> Nicolau Maquiavel (1469-1527): historiador, filósofo, dramaturgo, diplomata e cientista político italiano do Renascimento. É reconhecido

tão, Marx? Existe perversidade maior do que, sob capa de filosofia, passar ao estudante programas de partidos políticos, seitas ou movimentos? A filosofia, no secundário, deve ser preparada pelo estudo rigoroso da literatura (sem as famosas seleções, porque elas estupram os textos), da poesia, da história, das línguas, da geografia, da história, das matemáticas. Sérgio Rouanet<sup>31</sup>, em artigo antigo para a revista *Humanidades*, da UnB, critica a eliminação do latim no segundo grau, algo feito pela ditadura de 1964. Ele argumenta que o latim ajuda o estudante a pensar com rigor, sendo por tal motivo uma iniciação relevante para as humanidades, a filosofia e demais ciências. Talvez ocorra exagero no seu juízo, mas ele tem razão com o treino da mente trazido pelo latim. Eu diria também: pela poesia, pelas matemáticas. Lembro a recomendação de Fichte<sup>32</sup> para o bom ensino dirigido aos jovens: usar línguas as mais distantes do cotidiano, para aguçar a imaginação e o espírito. Propor lemas das mais variadas procedências, mesmo que travestidos de filosofia, é vacinar os jovens contra as dificuldades do pensamento, estiolando

como fundador da ciência política moderna por escrever sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser. Separou a ética da política. Sua obra mais famosa, *O Príncipe*, foi dedicada a Lourenço de Médici II. (Nota da IHU On-Line)

<sup>31</sup> Sergio Paulo Rouanet (1934): diplomata, filósofo e ensaísta brasileiro. É membro da Academia Brasileira de Letras desde 1992. Exerceu o cargo de secretário de Cultura do presidente Fernando Collor de Mello e foi responsável pela criação da lei Rouanet, de incentivos fiscais à cultura. (Nota da IHU On-Line)

<sup>32</sup> Johann Gottlieb Fichte (1762-1814): filósofo alemão. Exerceu forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Schelling, Hegel e Schopenhauer. Fichte decidiu dedicar sua vida à filosofia depois de ler as três Críticas de Immanuel Kant, publicadas em 1781, 1788 e 1790. Sua investigação de uma crítica de toda a revelação obteve a aprovação de Kant, que pediu a seu próprio editor para publicar o manuscrito. O livro surgiu em 1792, sem o nome e o prefácio do autor, e foi saudado amplamente como uma nova obra de Kant. Quando Kant esclareceu o equívoco, Fichte tornou-se famoso do dia para a noite e foi convidado a lecionar na Universidade de Jena. Fichte foi um conferencista popular, mas suas obras teóricas são difíceis. Acusado de ateísmo, perdeu o emprego e mudou-se para Berlim. Seus Discursos à nação alemã são sua obra mais conhecida. (Nota da IHU On-Line)

seu gosto e sua imaginação.

**IHU On-Line - Tem crescido o número de cursos de filosofia no Brasil, em termos de graduação e pós-graduação, além da pesquisa acadêmica. Nesse sentido, qual é a importância da consolidação de uma filosofia brasileira? Podemos falar nesses termos? Por quê?**

**Roberto Romano** - Desconheço uma filosofia brasileira, grega ou egípcia. No pensamento filosófico questões relativas à humanidade, para além de todas as fronteiras culturais, podem ser verificadas na China, em Roma, na Grécia, até mesmo no Brasil. Estamos longe da época, etnocêntrica, na qual a filosofia era dita grega e, depois, alemã, francesa, inglesa, italiana. O livro de Luciano Canfora, *Ideologie del Classicismo*<sup>33</sup> fornece elementos para compreender o vezo ocidentalizante e pró-europeu de tal noção de filosofia. No meu sentimento, importa consolidar a filosofia no Brasil sem cair na perspectiva, em meu entender equivocada, de uma filosofia nacional.

**IHU On-Line - Qual é a sua percepção a respeito da filosofia que não se edifica mais sobre grandes sistemas, como Kant e Hegel, por exemplo? O que essa filosofia aponta a respeito da pós-modernidade?**

**Roberto Romano** - O desejo de produzir um sistema é recente na filosofia. Identifico o seu maior vigor nos anos românticos que espalharam esquemas sobre o pensamento pretérito (atribuindo algo como um sistema a Kant, quando sua filosofia notoriamente apresenta lacunas e descontinuidades) e sobre o que veio depois de Hegel, Schelling<sup>34</sup> e outros. Heidegger vai ao ponto dolorido ao dizer que o sistema corresponde ao

33 (Torino, Einaudi, 1980). (Nota do entrevistado)

34 Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como "filosofia negativa". Schelling tentou desenvolver uma "filosofia positiva", que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da IHU On-Line)

cartesianismo, mas que nem Platão nem Tomás de Aquino foram sistemáticos, o que não significa que não foram rigorosos. Nas próprias Luzes o sistema já era algo considerado prejudicial ao pensamento filosófico. Digamos assim: a sinfonia romântica responde, na música, ao desejo de sistema na filosofia. Podemos ouvir uma sinfonia romântica com interesse e gosto. Mas hoje nossas vias seguem o caminho de Boulez, Cage, Berio, Ligeti, Carter, Stockhausen e outros, ainda mais distantes do formulário romântico. Algo similar ocorre na filosofia.

## LEIA MAIS...

Roberto Romano já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira.

\* "O governo do Brasil retoma a ética conservadora e contrária à democracia, o que exige da Igreja o papel vicário". Publicado nas Notícias do Dia 14-01-2008, disponível em <http://migre.me/63kHZ>

\* Niilismo e mercadejo ético brasileiro. Edição 354 da IHU On-Line, de 20-12-2010, disponível em <http://migre.me/63kJB>

**IHU On-Line - O que é ser filósofo nos dias de hoje?**

**Roberto Romano** - Não sei. E duvido que alguém possa responder, sem grandes doses de sofisma.

## BAÚ DA IHU ON-LINE

Confira outras edições da Revista IHU On-Line cujo tema de capa aborda autores e temas ligados à filosofia.

\* Merleau-Ponty. Um pensamento emaranhado no corpo. Edição 378, de 31-10-2011, disponível em <http://migre.me/63RPv>

\* Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um sistema em resposta ao niilismo ético. Edição 374, 26-09-2011, disponível em <http://migre.me/63RRH>

\* Tudo é possível? Uma ética para a civilização tecnológica. Edição 371, de 29-08-2011, disponível em <http://migre.me/63RUP>

\* David Hume e os limites da razão. Edição 369, de 15-08-2011, disponível em <http://migre.me/63RWq>

\* A "História da loucura" e o discurso racional em debate. Edição 364, de 06-06-2011, disponível em <http://migre.me/63RYa>

\* Niilismo e relativismo de valores. Mercadejo ético ou via da emancipação e da salvação? Edição 354, de 20-12-2010, disponível em <http://migre.me/63S1v>

\* Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate. Edição 344, de 21-09-2010, disponível em <http://migre.me/63S3h>

\* O (des) governo biopolítico da vida humana. Edição 343, de 13-09-2010, disponível em <http://migre.me/63S4C>

\* Escolástica. Uma filosofia em diálogo com a modernidade. Edição 342, de 06-09-2010, disponível em <http://migre.me/63S6m>

\* Corpo e sexualidade. A contribuição de Michel Foucault. Edição 335, de 28-06-2010, disponível em <http://migre.me/63S8r>

\* O Mal, a vingança, a memória e o perdão. Edição 323, de 29-03-2010, disponível em <http://migre.me/63SaD>

\* A atualidade de Soren Kierkegaard. Edição 314, de 09-11-2010, disponível em <http://migre.me/63ScE>

\* Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos. Edição 313, de 03-11-2009, disponível em <http://migre.me/63Sf6>

\* Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades. Edição 308, de 14-09-2010, disponível em <http://migre.me/63Shx>

\* Platão, a totalidade em movimento. Edição 294, de 25-05-2009, disponível em <http://migre.me/63SkL>

\* Lévinas e a majestade do Outro. Edição 277, de 14-10-2008, disponível em <http://migre.me/63Snu>

\* Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel. Edição 261, de 09-06-2008, disponível em <http://migre.me/63SpD>

\* A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois. Edição 237, de 24-09-2007, disponível em <http://migre.me/63Stz>

\* O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Edição 220, de 21-05-2007, disponível em <http://migre.me/63Svl>

\* Fenomenologia do espírito de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. 1807-2007. Edição 217, de 30-04-2007, disponível em <http://migre.me/63SwM>

\* O mundo moderno é o mundo sem política. Hannah Arendt 1906-1975. Edição 206, de 27-11-2007, disponível em <http://migre.me/63Syr>

\* Michel Foucault, 80 anos. Edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://migre.me/63Szo>

\* O Pós-humano. Edição 200, de 16-10-2006, disponível em <http://migre.me/63SAh>

\* A política em tempos de niilismo ético. Edição 197, de 25-09-2006, disponível em <http://migre.me/63SBA>

\* Ser e tempo. A desconstrução da metafísica. Edição 187, de 03-07-2006, disponível em <http://migre.me/63SCH>

\* O século de Heidegger. Edição 185, de 19-06-2006, disponível em <http://migre.me/63SDq>

\* Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XXI. Edição 168, de 12-12-2005, disponível em <http://migre.me/63SEs>

\* Nietzsche filósofo do martelo e do crepúsculo. Edição 127, de 13-12-2004, disponível em <http://migre.me/63SJ4>

\* Kant: razão, liberdade e ética. Edição 94, de 22-03-2004, disponível em <http://migre.me/63SKv>

## A derrocada dos grandes sábios e um oráculo chamado Google

Para Celso Candido de Azambuja, a história da humanidade se confunde com a da escrita. A sociedade da informação em rede perdeu “para sempre a chance de produzir seus grandes sábios”, mas por outro lado nos fez avançar por novos caminhos, repletos de possibilidades

POR MÁRCIA JUNGES

“Que sábio hoje ousaria enfrentar os poderes de um ‘oráculo’ como o Google ou desafiaria a sabedoria emergente do ‘doutor’ Wikipédia?”. O questionamento é do filósofo Celso Candido de Azambuja, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Em sua opinião, “a situação atual é relativamente semelhante à do tempo de Platão com a invenção da escrita. Hoje, as redes de computadores cada vez mais dinâmicas e ubíquas afetam todas as nossas atividades, e em especial as intelectuais. Filósofos e não filósofos, todos nós estamos inseridos em um contexto de alta mobilidade interconectada”. Celso recupera o cenário de surgimento da escrita no mundo helênico antigo e a derrocada dos grandes sábios, apontada por Platão. “De acordo com o filósofo, a palavra escrita é estática, carente da dinâmica dialética que apenas o embate oral pode garantir: o sistema de perguntas e respostas esforçadamente inteligentes que constitui um momento essencial do método filosófico”. E provoca: “Nesse sentido, não seria a internet finalmente a imbecilização da humanidade? Todo conhecimento não estaria agora exteriorizado nas memórias artificiais dos computadores, não restando para a memória humana senão o trabalho de se conectar à rede de uma ou outra forma e encontrar os conhecimentos de que se necessita?” Sobre o papel do filósofo em nosso tempo, aponta que é preciso se dedicar, de corpo e alma, ao conhecimento. “Seu compromisso primeiro é, foi e será sempre com a sabedoria. Sua missão essencial consiste em buscar, sempre e tão somente a verdade, mesmo que ultrapassar-se a si mesmo”.

Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Celso Candido de Azambuja é mestre em Filosofia pela mesma instituição e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP com a tese *Hipertexto e subjetividade - máquinas e redes cibernéticas interativas de comunicação e informação e produção de subjetividade*. É professor dos cursos de graduação e pós-graduação da Unisinos e organizou inúmeras publicações, entre elas *Filosofia e ensino: um diálogo transdisciplinar* (Ijuí: Unijuí, 2004) e *A criação histórica* (Porto Alegre: Artes e Ofícios/Sec. Municipal da Cultura, 1992). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - A partir do surgimento da “ágora virtual”, a internet, estaria em xeque a “era dos grandes sábios”? Por quê?**

**Celso Candido de Azambuja** - A “era dos grandes sábios” talvez tenha realmente acabado, mas isso foi bem antes da invenção da internet. Foi com a invenção da escrita, ao menos se considerarmos importantes os testemunhos de Platão. Para ele, o mundo dos verdadeiros sábios entra em derrocada paradoxalmente a partir da emergência da palavra escrita no mundo helênico antigo, no momento em que

a palavra oral é preterida em favor daquela. De acordo com o filósofo, a palavra escrita é estática, carente da dinâmica dialética que apenas o embate oral pode garantir: o sistema de perguntas e respostas esforçadamente inteligentes que constitui um momento essencial do método filosófico.

Ainda segundo Platão, a palavra escrita não é senão um recurso auxiliar da memória e, ao contrário do que se acredita, ela não fortalece, mas acaba por enfraquecer a própria memória, na medida em que o conhecimento deixa de ser uma conquista da atividade in-

terna da alma, para tornar-se algo que lhe vem do exterior. A escrita, assim, só produz aparência de sabedoria.

Com tal situação instituída, não poderíamos jamais tornar-nos sábios novamente, mas apenas amantes da sabedoria, ou seja, filósofos, inevitavelmente carentes da grande e verdadeira sabedoria.

### **Imbecilização e bricolage**

Nesse sentido, não seria a internet finalmente a imbecilização da humanidade? Todo conhecimento não estaria agora exteriorizado nas memórias artificiais

dos computadores, não restando para a memória humana senão o trabalho de se conectar à rede de uma ou outra forma e encontrar os conhecimentos de que se necessita? Para navegar na noosfera do conhecimento digital não seria preciso mais do que tornar-se mestre na arte da *bricolage* e da combinação de teclas <ctrl c/ctrl v>?

Para nossa sorte, Platão só em parte tem razão. Por um lado, é verdade que o conhecimento exteriorizado pode enfraquecer e empobrecer a memória pela ausência do exercício dialético. Entretanto, por outro lado, é preciso reconhecer também que apenas com a palavra escrita o conhecimento pode universalizar-se e enriquecer-se, saindo do círculo limitado, ainda que profundo e altamente interiorizado, dos contextos de oralidade e clausura signitiva. Não é justamente graças à escrita que hoje nós temos a felicidade de ler um livro de Platão ou Aristóteles e ainda aprender muito com seus textos?

A verdade é que a própria história humana se confunde com a da escrita. A humanidade talvez tenha perdido para sempre a chance de produzir seus grandes sábios, mas seguramente ganhou no desenvolvimento do conjunto; como espécie pode avançar em caminhos que, sem a exteriorização e registro da memória através da palavra escrita, jamais teria sequer sonhado em trilhar.

### Cibermemória

Além disso, a própria escrita originalmente imóvel presa à argila ou ao papiro, vai transformando-se em uma palavra cada vez mais dinâmica a partir principalmente dos tipos móveis de Gutenberg e chegando a uma “palavra líquida” das telas digitais dos nossos dias. Palavra cuja mobilidade e plasticidade, sem dúvida, jamais teria sonhado Platão.

O próprio texto deixou de ser um texto para se tornar um entretexo, um hipertexto, porque se encontra necessariamente interconectado e recortado por outros textos e entretexos. Ao mesmo tempo em que a dinâmica de aceleração nos processos de produção e renovação dos saberes - que Pierre Lévy<sup>1</sup> caracterizou como

<sup>1</sup> Pierre Lévy: filósofo da informação que estuda as interações entre a internet e a sociedade. Mestre em História da Ciência e doutor

um contexto de “saber fluxo” - tornou o próprio conhecimento dependente dos modos de ser e fazer das redes, de um pensamento em rede, interconectando seres humanos e máquinas.

A era dos grandes sábios talvez tenha acabado também no sentido de que o conhecimento acumulado tornou-se imenso, praticamente incognoscível por qualquer indivíduo. A memória desterritorializou-se do corpo vivo e encontra-se hoje distribuída e articulada nas redes sociais eletrônicas. Trata-se de uma cibermemória que potencialmente articula os tesouros do conhecimento acumulado pelo conjunto de todas as memórias vividas e em movimento, produzidos diante da qual nenhuma memória humana individualmente poderia comparar-se. Que sábio hoje ousaria enfrentar os poderes de um “oráculo” como o Google ou desafiaria a sabedoria emergente do “doutor” Wikipédia?

**IHU On-Line - Em que aspectos essa “praça pública virtual planetária” altera o filosofar? Nesse sentido, como podemos compreender o conceito de “dialética eletrônica”?**

**Celso Candido de Azambuja** - A internet é o resultado da ação emergente de milhares e milhares de mentes, potencializadas pelos recursos cibernéticos. A internet é a expressão tecnocultural do mais novo e mais avançado estágio de articulação da inteligência coletiva humana. Do ponto de vista da ciência, ela está revolucionando todas as formas de produção, criação e distribuição dos saberes.

Fonte inesgotável e sempre crescente a partir da qual podemos navegar nos tesouros acumulados pela civilização e espaço produtivo no qual podemos e *devemos* participar como colaboradores diretos na criação, produção e intercâmbio dos saberes. Sem dúvida, trata-se de um acontecimento admirável do ponto de vista do desenvolvimento científico e cultural.

A filosofia não é uma ciência cuja ati-

em Sociologia e Ciência da Informação e Comunicação, pela Universidade de Sorbonne, França, Lévy é titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva na Universidade de Ottawa, Canadá. Entre outras obras, escreveu *A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?* (São Paulo: Loyola, 1998) e *O que é o virtual?* (São Paulo: Editora 34, 1996). (Nota da IHU On-Line)

vidade seja atemporal, acósmica, como às vezes alguns filósofos tendem a pensar. Tudo o que acontece no tempo e no mundo de alguma forma tem seus efeitos também sobre a filosofia como qualquer instituição imaginária social.

Antes da invenção da escrita, filosofar era uma atividade que envolvia os homens em sua dimensão oral e presencial. Platão contestará o poder emergente da escrita, mas não poderá fazer isso senão através do próprio texto escrito. Ele inventa os diálogos escritos como tentativa de salvaguardar a dialética, condição indispensável da filosofia, porém não conseguirá conter o poder da nova técnica nascente. Esta se imporá como recurso tecnocultural assumindo a direção do progresso intelectual e científico humano durante mais de dois milênios até pelo menos a emergência da era eletrônica e dos novos superpoderes dos meios audiovisuais e multimídias, com o rádio, o cinema, a televisão e a internet.

### Dialética eletrônica

A situação atual é relativamente semelhante à do tempo de Platão com a invenção da escrita. Hoje, as redes de computadores cada vez mais dinâmicas e ubíquas afetam todas as nossas atividades, e em especial as intelectuais. Filósofos e não filósofos, todos nós estamos inseridos em um contexto de alta mobilidade interconectada. Muitos ainda tentarão resistir, mas o furacão avança sem chances de retroceder. O hipertexto como novo suporte tecnointelectual logo constituirá o nosso ambiente cognitivo. Já não é? A velocidade com que esse movimento se processa é espantosa. Não penso que está muito distante o dia em que livros, revistas e jornais de papel serão considerados veneráveis peças de museu ou questionáveis artigos de luxo da sociedade de consumo.

Assim, com o conceito de “dialética eletrônica” eu gostaria de evocar o potencial de mobilidade e plasticidade da palavra digital, como já fiz referência na pergunta anterior. Híbrida, mas distinta das palavras oral e escrita, a palavra eletrônica abre-se para um processo altamente dinâmico de autoinstituição e autoconstrução. Queria indicar a emergência de um fenômeno tecnointelectual que permite realizar através das redes um debate vivo, di-

nâmico e intercriativo, em um sentido semelhante ao requerido pelo embate dialético oral. Tratava-se principalmente de mostrar que o hipertexto vem transformar e superar os limites estáticos e antidialéticos nos quais originalmente, nos tempos de Platão, a palavra escrita se encontrava.

**IHU On-Line - Dado esse contexto tecnológico, quais são os maiores desafios para o ensino acadêmico da Filosofia?**

**Celso Candido de Azambuja** - Primeiramente, queiramos ou não, penso que todos aqueles profissionais que hoje ocupam um lugar na academia e no ensino de filosofia e que foram forjados no horizonte de sentido determinado pela “galáxia Gutenberg” deverão se alfabetizar digitalmente, se pretendem de fato participar do debate intelectual global atual, seja científico, político ou cultural. Estamos rumando cada vez mais rapidamente para habitar a “galáxia Internet”: avançamos da inteligência e da escrita de papel para a inteligência e a escrita eletrônica, hiperconectada à velocidade da luz; do texto para o hipertexto; do livro para o computador; do isolamento da máquina de escrever para a conexão total das redes cibernéticas; do conhecimento estocado nas bibliotecas para o conhecimento desterritorializado navegando em fluxo no ciberespaço ao alcance de todos; da cultura de poucos para a cultura de muitos; do discurso de poucos para o discurso de muitos; da *mono-tonia* ordenada e participativa dos *mass media* para a polifonia emergente e incontrolável dos dispositivos moleculares de comunicação que poderíamos definir como os *my media*.

Esta alfabetização digital inclui nossa capacidade de nos adaptarmos às novas tecnologias intelectuais, sendo capazes não apenas de nos manifestarmos através delas, mas também de nos tornarmos intercriativos com elas. Inclui não somente a capacidade de dominar recursos hipertextuais e multimídias que exigem e instituem uma nova arquitetura do saber e uma nova atitude intelectual, mas também teremos que ser capazes de nos inserirmos em um mundo globalizado tecnológica, cultural e economicamente e que, tanto quanto a internet, fala muitas línguas e lingua-

**“Antes da invenção da escrita, filosofar era uma atividade que envolvia os homens em sua dimensão oral e presencial. Platão contestará o poder emergente da escrita, mas não poderá fazer isso senão através do próprio texto escrito”**

gens e é essencialmente poliglota. Entre outras coisas.

**Intercriação cultural e científica**

O papel da filosofia, nesse contexto, seria também o de conseguir fazer uma leitura crítica e criativa do fenômeno da tecnologia na nossa vida atual. Não basta reclamar - e o que seria pior, impedir - que os jovens fiquem ligados aos seus celulares e computadores. Antes, é preciso reconhecer que os meios tecnológicos são constitutivos do seu universo cognitivo e sociocultural; compreender que tais meios não são apenas instrumentos que se pode manipular dessa ou daquela forma, mas que, ao contrário, hoje mais que nunca, são constitutivos de nossa própria subjetividade. Sem esse reconhecimento, penso que dificilmente se poderá inventar formas pedagógicas interessantes capazes de envolver a juventude não apenas no verdadeiro respeito pela e cultivo da herança cultural acumulada, mas também no movimento de intercriação cultural e científica.

**IHU On-Line - Qual é o papel e a importância do filósofo em nosso tempo?**

**Celso Candido de Azambuja** - No nosso tempo, como em qualquer outro, o filósofo deve “manter firme a corrente espiritual do sublime”, como diria Nietzsche. Ele deve, em primeiro lugar, dedicar-se de corpo e alma ao conhecimento. Seu compromisso pri-

meiro é, foi e será sempre com a sabedoria. Sua missão essencial consiste em buscar, sempre e tão somente a verdade, mesmo que tenha que ultrapassar-se a si mesmo. Ele deve questionar o mundo em que vive e colocar o problema do sentido da existência. E tentar construir os conceitos mais apropriados para as experiências, as angústias e os desejos humanos.

As grandes questões da humanidade são, por assim dizer, eternas e transpassam tempos e povos. O que é o amor? O que é Deus? O que é o bem? O mal? O justo e o injusto? A verdade, o erro? A felicidade? A humanidade? A vida? A morte?

São problemas de todos os tempos e todos os povos. O filósofo tem este papel fundamental de manter tais questões vivas, animá-las, atualizá-las no seu tempo. O filósofo é a consciência intelectual crítica e criadora de seu tempo. Ele tem como uma de suas tarefas fundamentais forjar os conceitos que nos permitam não apenas enxergar, mas compreender e atuar em nossa realidade.

**IHU On-Line - Quais são os grandes temas que continuam importantes no debate filosófico atual?**

**Celso Candido de Azambuja** - Os grandes temas clássicos da filosofia, por exemplo. Eles permanecem todos fundamentais no debate filosófico atual: da lógica passando pela ética, pela política, pela estética, pela linguagem, pela epistemologia.

Quando se trata da verdade e dos conceitos filosóficos o tempo transcorrido entre o passado e o presente não pode ser simplesmente medido e reduzido a escala cronológica de uma existência individual. Para a verdade, o tempo é relativo.

Assim, por exemplo, a ontologia e a antropologia não se tornaram temas de somenos importância na atualidade. Ao contrário, sua importância só tende a aumentar na medida mesma em que a sociedade vai avançando no processo de esclarecimento e na melhoria das condições de vida das gerações emergentes, através principalmente do desenvolvimento tecnocientífico. As perguntas pelo sentido da existência e pela condição humana têm cada vez mais atualidade.

Encerram em si questões e problemas teóricos e morais cuja grandeza os tempos e os homens não esgotarão jamais.

### IHU On-Line - Quais são as grandes obras que permanecem fundamentais dentro da tradição filosófica?

**Celso Candido de Azambuja** - Uma grande obra não é atemporal, mas tem tendência inata para vencer o tempo. As grandes obras são as que resistem ao tempo. E se renovam com o tempo. E revolucionam o próprio tempo.

A filosofia é uma história cuja instituição não foi construída sem grandes lutas, sacrifícios e contradições memoráveis. A história das grandes obras e dos grandes gênios da filosofia foi forjada também através de perseguições, condenações, exílios, sofrimentos, torturas. Sócrates<sup>2</sup>, condenado a beber a cicuta; Aristóteles, obrigado a abandonar Atenas; Nietzsche, consumido pela doença; Marx, mergulhado na miséria. Galileu Galilei<sup>3</sup>, triste e cego. Hegel, vítima de cólera.

É muito difícil dizer quais são as obras que permanecem fundamentais, porque a riqueza da filosofia é tão grande que hoje se tornou praticamente impossível acessar o conjunto dessa riqueza monumental.

Entre outras e por força de minha formação na área de concentração fi-

losofia moral e política, eu destacaria e apenas a título de ilustração algumas obras cuja atualidade e genialidade ultrapassam os tempos e que, interpretadas adequadamente, são essenciais na compreensão de nosso tempo e nossa existência: de Platão, *A República*; de Aristóteles, *A ética a Nicômaco*; de Nietzsche, *A genealogia da moral*; de Marx, *O capital*; de Freud, *A interpretação dos sonhos*; de Kant, *A crítica da razão pura*; de Heidegger, *Ser e tempo*; de Castoriadis<sup>4</sup>, *A instituição imaginária da sociedade*; e teríamos ainda que falar das obras monumentais de Hegel, Marcuse<sup>5</sup>, Hume<sup>6</sup>, Hobbes, Agostinho<sup>7</sup>, Foucault, Gadamer<sup>8</sup>, Deleuze<sup>9</sup>, Arendt<sup>10</sup>, Scho-

4 Cornelius Castoriadis (1922-1997): filósofo, economista e psicanalista francês, de origem grega, defensor do conceito de autonomia política. É considerado um dos maiores expoentes da filosofia francesa do século XX. (Nota da IHU On-Line)

5 Herbert Marcuse (1898-1979): sociólogo alemão naturalizado norte-americano, membro da Escola de Frankfurt. Estudou Filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu os filósofos e professores de filosofia Husserl e Heidegger e se doutorou com a tese Romance de artista. Algumas de suas obras: *Razão e Revolução*, *Eros e Civilização*, *O Homem Unidimensional*. (Nota da IHU On-Line)

6 David Hume (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o *Tratado da natureza humana*. Sobre ele, leia a IHU On-Line número 369, de 15-08-2011, intitulada *David Hume e os limites da razão*, disponível para download em <http://bit.ly/pFBA94> (Nota da IHU On-Line)

7 Aurélio Agostinho (354-430): Conhecido como Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, bispo católico, teólogo e filósofo. É considerado santo pelos católicos e doutor da doutrina da Igreja. (Nota da IHU On-Line)

8 Hans-Georg Gadamer: filósofo alemão, autor de *Verdade e método* (Petrópolis: Vozes, 1997), faleceu no dia 13-03-2002, aos 102 anos. Por essa razão, dedicamos a ele a matéria de capa da IHU On-Line número 9, de 18-03-2002, Nosso adeus a Hans-Georg Gadamer, disponível em <http://migre.me/DtiK>. (Nota da IHU On-Line)

9 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da IHU On-Line)

10 Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e so-

penhauer<sup>11</sup>, Wittgenstein<sup>12</sup>, Husserl<sup>13</sup>, filósofa alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os EUA, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta numa crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. Entre suas obras, citamos: *Eichmann em Jerusalém - Uma reportagem sobre a banalidade do mal* (Lisboa: Tenacitas, 2004) e *O Sistema Totalitário* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978). Sobre Arendt, confira as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível para download em <http://bit.ly/qMjoc9> e a edição 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política*. *Hannah Arendt 1906-1975*, disponível para download em <http://bit.ly/rt6KMG>. Nas Notícias Diárias de 01-12-2006 você confere a entrevista *Um pensamento e uma presença provocativos*, concedida com exclusividade por Michelle-Írène Brudny em 01-12-2006, disponível para download em <http://bit.ly/o0pntA>. (Nota da IHU On-Line)

11 Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo e entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

12 Ludwig Wittgenstein (1889-1951): filósofo austríaco, considerado um dos maiores do século XX, tendo contribuído com diversas inovações nos campos da lógica, filosofia da linguagem, epistemologia, dentre outros campos. A maior parte de seus escritos foi publicada postumamente, mas seu primeiro livro foi publicado em vida: *Tractatus Logico-Philosophicus*, em 1921. Os primeiros trabalhos de Wittgenstein foram marcados pelas idéias de Arthur Schopenhauer, assim como pelos novos sistemas de lógica idealizados por Bertrand Russell e Gottlob Frege. Quando o *Tractatus* foi publicado, influenciou profundamente o Círculo de Viena e seu positivismo lógico (ou empirismo lógico). Confira na edição 308 da IHU On-Line, de 14-09-2009, a entrevista *O silêncio e a experiência do inefável em Wittgenstein*, com Luigi Perissinotto, disponível para download em <http://migre.me/qQYt>. Leia, também, a entrevista *A religiosidade mística em Wittgenstein*, concedida por Paulo Margutti, concedida à revista IHU On-Line 362, de 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/LUCopl>. (Nota da IHU On-Line)

13 Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como ideia fundamental de seu antipsicologismo a "intencionalidade da consciência", desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e epoché. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger,

Kierkegaard<sup>14</sup>... A lista poderia estender-se ainda mais.

**IHU On-Line - Em que medida a Filosofia tem conseguido estabelecer debates transdisciplinares com outras áreas de conhecimento? Quais são os principais avanços para o conhecimento que surgem desses diálogos?**

**Celso Candido de Azambuja** - Penso que a filosofia tem uma natureza essencialmente transdisciplinar, mas não se confunde com a transdisciplinaridade propriamente dita.

Primeiramente, a filosofia não tem *um objeto* propriamente dito em seu sentido tradicional, porque o seu fim é o conceito, sua arte a criação conceitual enquanto tal. Depois, os temas e problemas da filosofia são inequivocamente transdisciplinares: o *antropos*, o *ethos*, a *episteme*, a *polis*, a *psique* são temas que envolvem necessariamente distintas disciplinas e áreas do conhecimento. Ao mesmo tempo, a filosofia está na origem de uma gama sem fim de disciplinas e áreas de conhecimento.

Entretanto, a filosofia como todas as demais ciências no Brasil, ao menos, tem grandes dificuldades para forjar e participar em debates transdisciplinares que envolvam outras áreas do

Sartre e outros. (Nota da IHU On-Line)

14 Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus y J, Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e aquilo que viria a ser o existencialismo. Kierkegaard negou tanto a filosofia hegeliana de seu tempo, bem como aquilo que classificava como as formalidades vazias da igreja dinamarquesa. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de *O Conceito de Ironia* (1841), *Temor e Tremor* (1843) e *O Desespero Humano* (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista Paulo e Kierkegaard, realizada com o Prof. Dr. Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-04-2006, da IHU On-Line, disponível para download em <http://migre.me/11Ym9>. A edição 314 da IHU On-Line, de 09-11-2009, tem como tema de capa *A atualidade de Soren Kierkegaard*, disponível para download em <http://migre.me/11YmH>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da IHU On-Line, de 16-08-2010, intitulada Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <http://bit.ly/9Zvufy>. (Nota da IHU On-Line)

conhecimento. Isso não é especificamente culpa da filosofia ou de quem quer que seja, pois trata-se de um contexto em que o método disciplinar hegemonizou o imaginário intelectual e científico nos últimos dois séculos aproximadamente.

O método transdisciplinar - será preciso dizer tantas vezes quantas forem necessárias para aqueles que preferem tergiversar sobre o assunto - não é antagonico ao método analítico, à disciplina, à especialidade e à objetividade científica. A disciplinaridade, ao contrário, é um momento essencial da transdisciplinaridade: são mutuamente interdependentes e só ganham sentido no reconhecimento dessa interdependência. Qualquer ciência, qualquer disciplina fora de um contexto transdisciplinar é um anacronismo, ao mesmo tempo em que qualquer contexto transdisciplinar sem os níveis de especialidade disciplinar torna-se perigoso e sem sentido.

Eventualmente, vemos uma ou outra iniciativa de tipo interdisciplinar e muito mais raramente ainda iniciativas de pesquisas transdisciplinares. Teremos muito a fazer ainda do ponto de vista da criação de uma cultura da pesquisa transdisciplinar no Brasil.

O caminho para a transdisciplinaridade poderá ser controverso e contraditório. Entretanto, se compreendemos justamente o papel fundamental das disciplinas no interior do método transdisciplinar, o quadro se transforma, porque não se perde a competência disciplinar específica; ao contrário, ela mantém-se, é requerida, mas também é enriquecida com a articulação com outras disciplinas.

Penso que o avanço passará, entre outras coisas, pela criação de pesquisas temáticas envolvendo grupos de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Sem dúvida, no Brasil os órgãos de fomento à pesquisa terão um papel central na condução de tal processo.

**IHU On-Line - O que significa ecosofia e qual é a sua importância no contexto da preservação da vida e dos sistemas vivos?**

**Celso Candido de Azambuja** - Ecosofia é um conceito proposto pelo filósofo

e psicanalista francês Félix Guattari<sup>15</sup> que pretende articular em um sentido teórico mais amplo e complexo o conjunto das reivindicações ambientais, sociais e subjetivas. Trata-se de colocar em perspectiva uma articulação das três ecologias: a ecologia ambiental, a ecologia social e a ecologia mental.

A perspectiva ecosófica deveria servir para garantir as reivindicações ambientalistas, mas não limitá-las aos problemas estritamente ecológicos. Na verdade, os distúrbios de ordem ambiental são inseparáveis dos problemas sociais e subjetivos. As reivindicações meramente ambientalistas não conseguem atingir o fundo dos problemas políticos, econômicos e subjetivos que estão na base dos problemas ambientais.

Assim, também, uma filosofia que se propusesse a resolver os problemas sociais sem considerar os problemas na ordem da subjetividade, poderia até fazer algum sentido no contexto do capitalismo clássico, mas hoje seria totalmente anacrônica. Por sua vez, abordar os problemas sociais sem levar em conta os efeitos das ações humanas sobre o meio ambiente mostra-se cada vez mais perigoso.

Por essas razões, penso que a sabedoria ecosófica nos oferece um horizonte ético, estético e político adequado e revolucionário para a abordagem dos problemas complexos da sociedade tecnocientífica.

### LEIA MAIS...

Celso Candido de Azambuja já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line

- Sociedade das possibilidades. Publicada em Notícias do Dia de 16-6-2009. Disponível em <http://migre.me/4c7tG>;
- A reinvenção do ser humano a partir da invenção da máquina. Publicada na edição Maio de 1968: 40 anos, número 250, de 10-03-2008. Acesse o link <http://migre.me/4c7zb>;
- A técnica pode ser um instrumento neutro? Publicada na edição 100 anos de Marshall McLuhan: um teórico de vanguarda, número 357, de 11-04-2011. Acesse o link <http://migre.me/62cXH>.

15 Félix Guattari (1930-1992): psicanalista francês, pensador, militante, admirado por movimentos de esquerda alternativos, autor de um dos livros mais discutidos entre os anos 70/80, *O Anti-Édipo*, escrito em parceria com o filósofo francês Gilles Deleuze. Guattari visitou várias vezes o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

## O mito da caverna e a liberdade humana

Texto platônico continua extremamente relevante no século XXI, garante Jean-François Mattéi. Os filósofos podem beneficiar a humanidade ao se “retirarem” do mundo em seu imediatismo para liberar o “horizonte do sentido que lhes é comum” com os demais

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO LUCIANA CAVALHEIRO

Um texto cuja atualidade transcende a filosofia e impacta a ciência, a arte, o teatro e a literatura até nossos dias. Assim é o mito da caverna, de Platão, pertencente ao sétimo capítulo de *A República*. “A caverna simboliza o mundo das aparências, no qual os homens se encontram, e sugere que haja uma realidade que fundamente suas aparências fugindo de suas garras”, acentua o platonista francês Jean-François Mattéi. Explicando o sentido da alegoria, na entrevista que concedeu por e-mail à *IHU On-Line*, pontuou que “os homens procuram viver em um universo fantasmático e virtual, em vez de afrontar o mundo verdadeiro e real. Eles se desviam assim do ser final das coisas que lhe parecem desconhecidas ou perigosas, preferindo desse modo se entregarem à sedução das sombras, de imagens e de fantasias que não lhe exigem nenhum esforço. Todo o enredo do mito da caverna é então o da liberdade humana”. E completa: “A filosofia posterior ensinará a se libertar da dependência das aparências imediatas do mundo para tentar compreender de que forma elas são constituídas e como o mundo as produz racionalmente”. Em termos de importância filosófica, o pensador francês coloca Nietzsche e Heidegger ao lado de Platão, e argumenta que atualmente a política como “governo legítimo dos cidadãos por seus representantes” foi “absorvida” pelos vieses social e econômico. E dispara: “O homem político não ‘governa’ mais homens, ele ‘gerencia’ documentos, a gestão administrativa tendo tomado a frente ao governo político”.

Mattéi é professor emérito da Universidade de Nice-Sophia Antipolis e do Instituto Universitário da França. Escreveu, entre outros, *L'Étranger et le simulacre. Essai sur la fondation de l'ontologie platonicienne* (Paris: PUF, 1983), *L'ordre du monde. Platon, Nietzsche, Heidegger* (Paris: PUF, 1989) e *Platon et le miroir du mythe. De l'Âge d'or à l'Atlantide* (Paris: PUF, 1996). Em português, foi traduzido o livro *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno* (São Paulo: Unesp, 2002). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Em outra entrevista concedida à nossa publicação, o senhor menciona que a alegoria da caverna, de Platão, é o texto filosófico mais importante do Ocidente. Quais são os aspectos que tornam esse escrito tão atual e importante? Haveria algum outro texto que se aproximaria dele em termos de relevância?**

**Jean-François Mattéi -** A alegoria da caverna, no livro VII de *A República* de Platão, é certamente o texto mais importante do Ocidente devido a sua influência sobre os filósofos futuros. Sua atualidade não se limita à filosofia, mas diz respeito também à ciência, à arte, ao teatro e à literatura. A caverna simboliza o mundo das aparências, no qual os homens se encontram, e sugere que haja uma reali-

dade que fundamente suas aparências fugindo de suas garras. Essa dualidade da aparência e do ser, contracenando com a oposição das sombras na tela da caverna e das realidades exteriores ao mundo subterrâneo, comandará o pensamento europeu, depois o ocidental, na paixão pela verdade, no campo do saber teórico, mas também em sua exigência pela justiça, no campo da ação prática. O que Sócrates nos diz sobre isso? Que os homens sejam submetidos, desde o nascimento, a uma sequência contínua de projeções que os mantenham em sua dependência, como espectadores em uma sala de cinema seduzidos pelo desenrolar de um filme interminável que os impeçam de entregarem-se a outra atividade. Várias histórias do cinema salientam,

inclusive, que o princípio do cinematográfico está fundamentado, de uma parte, sobre o mecanismo de projeções automáticas do mundo, como demonstra Stanley Cavell, filósofo americano, em *The world viewed. Reflections on the ontology of film*; e, por outro lado, sobre o desejo dos espectadores de se perderem no universo de ficções ilusórias que eles sabem não serem reais.

### Sedução das sombras

Os homens procuram viver em um universo fantasmático e virtual, em vez de afrontar o mundo verdadeiro e real. Eles se desviam assim do ser final das coisas que lhe parecem desconhecidas ou perigosas, preferindo desse modo entregarem-se à sedução das sombras, de imagens e de fantasias

que não lhe exigem nenhum esforço. Todo o enredo do mito da caverna é então o da liberdade humana. É necessário submeter-se ao jogo das aparências visíveis, que Platão chama de “sombas”, “ídolos” ou “fantasmas”, ou tentar compreender sua *origem* buscando o ser invisível que os produz? Essas sombas não são um puro vazio; elas são uma realidade incerta e passageira, que é preciso, entretanto, compreender para se libertar pelo conhecimento e pela ação.

A filosofia posterior ensinará a se libertar da dependência das aparências imediatas do mundo para tentar compreender de que forma elas são constituídas e como o mundo as produz racionalmente. Imaginemos um espectador, em uma sala de cinema, que está apaixonado por um filme ao qual está assistindo. Ele é livre, entretanto, de desviar sua atenção do filme para tentar compreender de que forma as imagens são produzidas por um aparelho de projeção que as reproduz através de uma fita, como elas foram filmadas antes pelo diretor, qual é o princípio óptico e mecânico do cinematográfico, e qual é, enfim, o princípio físico de difusão da luz, não somente na sala de cinema, mas no mundo iluminado e nutrido pela energia solar.

O texto literário mais admirável que se aproxima do texto de Platão é certamente o romance argentino de Adolfo Bioy Casares<sup>1</sup>, *La invención de Morel*, no qual o protagonista procura se integrar em uma sequência de ações filmadas por um inventor, chamado Morel, para conservar a memória de um tempo passado enquanto todas as pessoas filmadas em três dimensões vão morrer. O protagonista se apaixona pela imagem de uma mulher que não existe mais e que tem então apenas uma realidade virtual, ou fantástica, tão sedutora quanto etérea. Tudo acontece como se o espectador de um filme não quisesse mais sair da sala obscura, mas penetrar no filme que se desenrola na tela e viver para sempre na ilusão.

1 Adolfo Bioy Casares (1914-1999): escritor argentino, cuja obra mais conhecida é *La invención de Morel*. (Nota da IHU On-Line)

## “O social e a economia absorveram e depois fizeram desaparecer o político entendido como o governo legítimo dos cidadãos por seus representantes. O enfraquecimento, se não o desaparecimento do político, já era previsto pelo conde de Saint-Simon”

**IHU On-Line - Que outros pensadores o senhor aponta como fundamentais no panteão filosófico?**

**Jean-François Mattéi** - Os pensadores fundamentais no panteão filosófico são, a meu ver, Aristóteles, Plotino<sup>2</sup>, Descartes, Kant, Hegel, Nietzsche e Heidegger. Todos introduziram uma ruptura na história da filosofia mostrando-se fiéis à tradição que eles pregavam. Todos criaram ou uma escola, como Aristóteles, ou discípulos, como Plotino, ou um método, como Descartes, ou uma ética, como Kant, ou uma filosofia da história, como Hegel, ou um abandono da tradição idealista, como Nietzsche, ou por um “novo começo” no ser, em ruptura com a metafísica, como Heidegger.

O que faz a originalidade de um grande pensador, assim como a de um grande artista, é sua capacidade de

2 Plotino (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de As Enéadas. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seleto grupo de alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada Platonópolis, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da IHU On-Line)

conjugar a fidelidade com a filosofia, desde sua origem grega, e a novidade de um novo olhar sobre o que é. Como demonstrava Bergson<sup>3</sup>, todos os filósofos captaram por uma intuição singular o ser e, a esse título, empenharam-se em explorá-la para encontrar a verdade. Mas esta intuição inexpressível foi expressa através de uma imagem mediadora: a da caverna, por Platão, do Um por Plotino, do cogito por Descartes, da lei universal por Kant, do círculo por Nietzsche, e da estrela por Heidegger (“Caminhar em direção a uma estrela. Nada além” - nossa tradução - escreve em *Da experiência de pensar* em 1947). E essa imagem mediadora, que comanda sua pesquisa e a construção do seu sistema, renova completamente o que exploraram os filósofos anteriores abrindo a via para as pesquisas futuras.

**IHU On-Line - Quais são as maiores contribuições de Heidegger e Nietzsche à filosofia? Por que os coloca “ao lado” de Platão no título de um de seus livros?**

**Jean-François Mattéi** - Nietzsche tentou terminar com o platonismo, ou seja, ao operar a transvaloração de todos os valores partilhados pela tradição, não para terminar com a filosofia e, além dela, com a evolução milenar da humanidade, mas para assumi-la, através da figura do eterno retorno, com o conjunto de sua herança. É o que ele chamava de “a filosofia do martelo”, o martelo que forja os novos valores, e não o que destrói os valores antigos que são assim transmutados pelo martelar do filósofo-forjador.

Heidegger, por sua vez, no caminho aberto por Nietzsche, e, além dele, por Platão, tentou pensar o ser em sua reserva, e não estando em seus diversos modos de eclosão. Reencontrando de forma original, e mesmo nova, a vontade platônica de pensar um co-

3 Henri Bergson (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da IHU On-Line, de 24-09-2007, *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/Jzy0>. (Nota da IHU On-Line)

meço absoluto, *fundamental*, de todas as coisas, ele preparou o pensamento - o *outro* pensamento futuro, dizia - a um *outro* começo. O fim da metafísica para Heidegger, como para Nietzsche o fim do platonismo, não seria o fim da filosofia, ou seu desfecho racional, como para Hegel, mas sua renovação em um pensamento anterior à chegada da metafísica. Trata-se do pensamento de *Geviert*, pouco estudado pelos comentadores que se interessavam, sobretudo pelo “primeiro Heidegger”, o da fenomenologia, e não pelo “segundo Heidegger”, o do pensamento do “alternado”, *Kehre*, sob influência de Hölderlin<sup>4</sup>.

Se eu situo Nietzsche e Heidegger ao lado de Platão é porque eles herdaram de Platão a preocupação de radicalidade que anima a filosofia ao ponto de engajá-los a ir à fonte do ser e do pensamento. Pode-se dizer de Nietzsche e de Heidegger, em relação a Platão, o que Nietzsche dizia das “amizades de estrelas”:

“Como foi necessário que nos tornemos estrangeiros, assim o queria a lei acima de nós a razão de nos respeitarmos, pela qual seria mais santificada ainda a lembrança de nossa amizade do passado! Existe provavelmente uma enorme curva invisível, uma rota estrelar, na qual nossas vias e objetivos diferentes se encontram inscritos como pequenas etapas - elevemo-nos a este pensamento!” (nossa tradução) (*Le Gai savoir*, IV, 279).

**IHU On-Line - Como podemos compreender filosoficamente “a cegueira que nunca abandonamos” em termos políticos, com os totalitarismos e as dificuldades para se efetivar a democracia?**

**Jean-François Mattéi** - Efetivamente creio que as sociedades modernas, como demonstraram Hannah Arendt ou Leo Strauss<sup>5</sup>, manifestam uma “cegueira” em relação à política. Tudo acontece como se os dirigentes das democracias atuais, mas também seus cidadãos, não soubessem mais o que significa a *política*. Segundo Aristóte-

<sup>4</sup> Johann Christian Friedrich Hölderlin (1770-1843): poeta lírico alemão. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Leo Strauss (1899-1973): filósofo político americano. (Nota da IHU On-Line)

**“Paradoxalmente, é se retirando de certa forma do mundo, tal como ele é dado ou perdido, em seu imediatismo, que o filósofo pode beneficiar outros homens liberando o horizonte do sentido que lhes é comum”**

les, a política era a busca do “bem comum” (*Politique*, II, 8, 17), do “bem supremo” (*Politique*, I, 1, 1; II, 2, 7; III, 12, 1; VII, 3, 3), ou ainda do “benefício comum” (*Politique*, III, 3, 2; 6, 3; 11; 7, 2-3; 12, 1; 13, 12; V, 9, 14). Ora, quais são os programas políticos que colocam realmente no primeiro plano a busca - e o partilhar - desse *bem comum*? Os políticos e os partidos, tanto de direita como de esquerda, falam de nível de vida, de previdência social, de contratação de funcionários, de limitação da dívida pública, de diminuição do desemprego, evidentemente de Produto Interno Bruto, ou seja, de problemas econômicos, de dificuldades sociais e de procedimentos administrativos. Mas em nenhum aspecto se pensa em uma *ação política* que dê um horizonte e uma esperança aos cidadãos.

O social e a economia absorveram e depois fizeram desaparecer o político entendido como o governo legítimo dos cidadãos por seus representantes. O enfraquecimento, se não o desaparecimento do político, já era previsto pelo conde de Saint-Simon<sup>6</sup>. No *Catecismo dos industriais*, ele anunciava que, graças ao mundo industrial, o que chamaríamos hoje de capitalismo, “o governo dos homens” ia ceder o lugar para a “administração das coisas”. Vê-se o duplo deslocamento: de um lado, o ato de *governar*, princípio próprio

<sup>6</sup> Claude Henri de Rouvroy - Conde de Saint-Simon (1760-1825): filósofo e economista francês, teórico do socialismo utópico. (Nota da IHU On-Line)

do político, desaparece em prejuízo do ato de *administrar*; de outro lado, os *homens*, sujeitos livres da política, desaparecem em benefício das *coisas*, objetos necessários da administração. O homem político não “governa” mais homens, ele “gerencia” documentos, a *gestão* administrativa tendo tomado a frente ao *governo político*.

Ele retorna à filosofia de fazer cessar tal cegueira insistindo na necessidade do político, e lembrando que, segundo a palavra de Rousseau<sup>7</sup>, “o ato pelo qual o povo é um povo” permite ao homem se realizar como cidadão. Somente cidadãos, e não consumidores, usuários ou clientes, podem perseguir em comum esse Bem que deve ser pensado e partilhado.

**IHU On-Line - Qual é o papel e a relevância da filosofia numa sociedade acometida dessa “cegueira política”?**

**Jean-François Mattéi** - A filosofia toma seu sentido, desde sua origem platônica, quando ela ensina ao homem dirigir seu *olhar*, em grego “teoria”, para um campo de conhecimentos que é então modelizado e idealizado. Assim também é a busca pela “justiça”, que não é um comportamento social ou uma injunção jurídica, mas uma “ideia da razão” como dizia Kant. O olhar do filósofo é *idealizador* quando ele não se satisfaz somente dos fatos, que são contraditórios, para visar uma realidade que, em retorno, dá sentido a sua *ação*, em grego *praxis*. Em segundo lugar, este olhar distanciado do filósofo implica em um distanciamento *crítico* que lhe permite avançar no olhar das realidades imediatas, sejam elas políticas, sociais, econômicas ou culturais, para denunciar as insuficiências e as limitações. Em terceiro e último lugar, este olhar crítico se volta contra si

<sup>7</sup> Jean Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As idéias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da IHU On-Line).

mesmo e permite ao filósofo introduzir uma distância entre si e si mesmo. Sócrates já dizia com humor: “Tudo o que sei é que nada sei”. A filosofia pode nos ajudar a tomar consciência dessa “ignorância sábia”, como dizia Pascal<sup>8</sup>. Quem proíbe o nosso pensamento de se satisfazer de si mesmo? Insisti sobre estas três características do *olhar* filosófico, de tal forma que a Europa e depois o Ocidente desenvolveram e ensinaram, em meu livro *Le Regard vide. Essai sur l'épuisement de la culture européenne*, que recebeu o prêmio de filosofia da Academia francesa em 2008.

Apoio-me nessa obra em uma observação de Claude Lévi-Strauss<sup>9</sup> em um de seus últimos livros *Le Regard éloigné* (Paris, 1983). O antropólogo francês eleva a sua vocação de filósofo a uma observação de Rousseau em seu *Essai sur l'origine des langues*. Rousseau escreveu o seguinte, onde mostra qual é o “olhar distanciado” do filósofo:

<sup>8</sup> Blaise Pascal (1623-1662): filósofo, físico e matemático francês que criou uma das afirmações mais repetidas pela humanidade nos séculos posteriores: O coração tem razões que a própria razão desconhece, síntese de sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. (Nota da IHU On-Line)

<sup>9</sup> Claude Lévi-Strauss (1908-2009): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para o progresso da antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente à tradição humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *Les Structures élémentaires de la parenté* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia realizou um trabalho de pesquisa em aldeias indígenas do Mato Grosso. A experiência foi sistematizada no livro *Tristes Trópicos*, publicado em 1955 e considerado um dos mais importantes livros do século XX. (Nota da IHU On-Line)

## “Se eu situo Nietzsche e Heidegger ao lado de Platão é porque eles herdaram de Platão a preocupação de radicalidade que anima a filosofia ao ponto de engajá-los a ir à fonte do ser e do pensamento”

“Quando se quer estudar os homens é preciso olhar perto de si; mas para estudar o homem é preciso aprender a levar o seu olhar para longe”. Claramente o filósofo é aquele que não se contenta em olhar entorno dele, submetendo-se à pressão das opiniões, mas que se libera deste aspecto, ao contrário, orientando seu olhar em direção a ideia que o chama a pensar. Somente a demonstração *teórica* desse olhar crítico pode nos ajudar, saindo dos “círculos acadêmicos” e dos “colóquios fechados”, reservados aos especialistas, de restabelecer o contato com o mundo social e a vida política. Paradoxalmente, é se retirando de certa forma do mundo, tal como ele é dado, ou perdido, em seu imediatismo, que o filósofo pode beneficiar outros homens liberando o horizonte do sentido que lhes é comum.

**IHU On-Line - Como percebe a influência da filosofia em esferas sociais como a política, por exemplo? O debate filosófico tem conseguido extrapolar a academia e dialogar com a sociedade?**

**Jean-François Mattéi** - A única coisa que importa, nos nossos dias, é restabelecer o contato com o *sentido* da aventura humana, presente na vida política, se é verdade que o homem é um “animal político”, *zoon politikon*. Ou seja, um ser dotado de *vida*, mas de uma vida que, diferentemente dos outros seres vivos como os animais e os vegetais, transcende a todo o momento sua existência para edificar sentido. Bergson falava da “alma aberta”, própria às “sociedades abertas”, que foge ao fechamento de uma vida preocupada somente com a sua sobrevivência. A abertura já era encenada na alegoria da caverna de Platão, que vê um prisioneiro responder ao chamado do Aberto e do Luminoso, simbolizado pelo Sol que deixa sua marca longínqua nas sombras subterrâneas. Que se fale em filosofia de um olhar teórico, de um olhar distanciado, ou de um olhar crítico, entende-se assim a *abertura* de um pensamento que procura, ultrapassando as únicas certezas do dado imediato, visando a uma ideia da razão que, como a estrela da qual fala Heidegger, nos chama a avançar em sua direção. Em um curto texto de 1947, redigido de forma poética, *Da experiência de pensar*, Heidegger nos conduz ao caminho do filósofo: “Caminhar em direção a uma estrela. Nada além”. Em eco, no mesmo texto, encontramos esta sentença: “Pensar é limitar-se a uma única ideia que um dia ficará como uma estrela no céu do mundo”.

### LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Jean-François Mattéi à IHU On-Line  
\* A alegoria da caverna e a barbárie da doçura. Edição número 294, de 25-05-2009, disponível em <http://migre.me/63ank>.

Leia a Entrevista do Dia em  
[www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## A filosofia atrás de uma muralha?

Arraijada em seu historicismo e atrasada no diálogo com o mundo digital, a filosofia permanece “muda” em relação às redes sociais, constata Massimo Canevacci. A relação desse saber com a antropologia é “infeliz”

POR MÁRCIA JUNGES

Assim como a coruja de minerva, que só levanta voo ao entardecer, “o filosofar contemporâneo, se chega, chega atrasado demais”. A crítica é do filósofo e antropólogo italiano Massimo Canevacci, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. “A filosofia me parece ausente. A lógica dela é, ainda, só analógica e não consegue aceitar o desafio de penetrar criticamente na cultura digital”, completa. “Não conheço um filósofo que acompanhou (não digo antecipou) os movimentos das redes sociais”. Em sua opinião, a filosofia permanece muda frente a cultura digital, que é “mais do que somente técnica, é uma fratura deslocante em relação à modernidade”. Canevacci assevera a necessidade da universidade “sair de si própria, de seus muros”, além de abandonar a separação rígida entre os saberes. E desafia: “Steve Jobs cria dispositivos horizontais e inovadores: Agamben reproduz a verticalidade separada da filosofia/muralha. Filosofia murada”.

Massimo Canevacci é doutor em Letras e Filosofia pela Universidade Degli Studi di Roma La Sapienza - URS, na Itália, de onde é natural. Leciona antropologia cultural, arte e culturas digitais nessa mesma instituição e é professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Publicou vários trabalhos sobre a realidade brasileira. É autor de livros como *Antropologia da comunicação visual* (Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001), *Fetichismos visuais* (São Paulo: Atelier Editorial, 2008) e *Antropologia do cinema* (São Paulo: Editora Brasiliense, 1990), *Fake in China* (Maceió: Edufal, 2011). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Com a popularização das redes sociais surgem novas maneiras de manifestação e participação política. Como essas redes impactam a filosofia e o filosofar contemporâneos?**

**Massimo Canevacci** - A filosofia me parece ausente. A lógica dela é, ainda, só analógica e não consegue aceitar o desafio de penetrar criticamente na cultura digital. A política nasceu com a filosofia em relação à cidade-estado. Agora a política vai além da sua filologia clássica: é um cruzamento de comunicação expandida, horizontal, baseada sobre a autorrepresentação de cada sujeito, desafia o dualismo filosófico, é transcultural e além do estado-nação. O filosofar contemporâneo precisa se colocar onde os conflitos nascem com práticas diferentes daquelas modernas. A filosofia atual não só aceitou de novo as “duas culturas”,

mas gosta de se separar com um orgulho provinciano/periférico de tudo o que acontece no âmbito das ciências assim ditas exatas. Informática e física vão além da filosofia atual. Não é só a reprodução daquele que se chamava “duas culturas”: é pior. É imaginar que os filósofos defendem o passado moderno, industrialista, classista, em que eles acharam de ter um papel moral. O filosofar contemporâneo é distante, e diria o inimigo de tudo o que está modificando culturas, tecnologia, subjetividades, metrópoles, artes, ubiquidade, identidades, etc.

### Trilha originária

O filosofar contemporâneo, se chega, chega atrasado demais. Gregory

Bateson<sup>1</sup> e Norbert Wiener<sup>2</sup> trabalharam juntos durante a elaboração da cibernética porque o primeiro descobriu na sua pesquisa etnográfica na cultura latmul o conceito de *schismogenesi*, que se tornou o *feedback*. Uma dialógica flutuante entre antropologia e matemática/física formou a cibernética, isto é, aquilo que agora é a cultura digital. E os filósofos? Ainda imaginam o vilarejo puro e o caminho pela tri-

1 Gregory Bateson (1904-1980): biólogo e antropólogo britânico, dedicou-se a vários campos do conhecimento, como epistemologia, linguística e psicoterapia. Desenvolveu estudos antropológicos pioneiros na Nova Guiné e Bali; participou das reuniões da Macy Foundation que deram origem à ciência da cibernética. (Nota da IHU On-Line)

2 Norbert Wiener (1894-1964): matemático americano conhecido como fundador da cibernética. Criou o termo em seu livro *Cybernetics or Control and Communication in the Animal and the Machine* (MIT Press, 1948). Entre seus livros também incluem-se *The Human Use of Human Beings* (1950), *Ex-Prodigy* (1953), *I Am a Mathematician* (1956). (Nota da IHU On-Line)

lha originária? Você conhece um filósofo que lembra de McLuhan<sup>3</sup>? Será porque Heidegger é ainda hegemônico em muitas universidades através de discípulos que controlam o poder acadêmico? Se a política está ubiquamente *dentro e fora* da cidade (da *polis*), parece que a filosofia não consegue participar. A filosofia parece não ser *ubiqua*, no sentido do cruzamento espaço/tempo que a experiência digital favorece. Não conheço um filósofo que acompanhou (não digo antecipou) os movimentos das redes sociais.

**IHU On-Line - Pode-se dizer que a internet é uma nova ágora? Por quê?**

**Massimo Canevacci** - Na ágora, a única subjetividade presente era do homem cidadão: mulheres, escravos, bárbaros eram excluídos. Eu tenho dúvida e resistência sobre a maneira de fixar o pensamento conceitual (também como metáfora) sobre um passado grego eterno como supostamente a filosofia imagina a si mesma. A internet não é somente um espaço digital material/imaterial (*e-space*): é também uma maneira de poder enfrentar, interpretar, furar e transformar a monológica do domínio dicotômico que a ágora historicamente presenteava. É uma escritura não somente alfabética, mas uma composição icônica, sônica, visual. A ágora é identitária, é um lugar certo no centro da cidade, onde a arte política é baseada sobre a retórica. A internet é um direito da humanidade, como a saúde, a casa, a cidadania e isso significa que cada pessoa no mundo deveria ter acesso a ela. A rede é deslocada, flutuante, desenvolve uma multidão de identidades por sujeito, favorece um *multívduo ubíquo*, como eu gosto de dizer; talvez incorpora o *além* da era pós-colonial. Não se fala uma única língua, apesar de o inglês ser fundamental e, ao mesmo tempo, é um *webpidgin*: a retórica não funciona; a comunicação (mais que o discur-

<sup>3</sup> Herbert Marshall McLuhan (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global de nossa cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). Confira a edição 357 da revista IHU On-Line, de 11-04-2011, intitulada *100 anos de McLuhan: um teórico de vanguarda*, disponível em <http://bit.ly/oZJlRh>. (Nota da IHU On-Line)

so) é um fluxo de expressividades diferentes e coexistentes: multilógicas, transculturais, plurissensoriais. A internet não está só dentro da tradição eurocêntrica. Ela está, simultaneamente, *dentro e fora*. Gosto de sublinhar mais as descontinuidades da cultura digital do que uma suposta continuidade. A cultura digital, mais do que somente técnica, é uma *fratura deslocante* em relação à modernidade: e assim a filosofia fica muda.

**IHU On-Line - Nesse sentido, como podemos compreender o “saber analógico” que as universidades ainda detêm, e como esse tipo de saber é apropriado e retrabalhado pelo pensamento filosófico?**

**Massimo Canevacci** - A formação das universidades, com suas faculdades, departamentos e *curriculum vitae* de muitos professores não é adequada ao desafio atual. Um aluno deveria criar um CV específico, participando nas aulas em qualquer universidade-mundo. Também a universidade é ubíqua. A racionalidade não é singular-universal e ainda menos fixa, mas modifica-se quando acontecem eventos históricos determinantes. A revolução digital imprime uma aceleração e diferenciação no saber como foi (*mutatis mutandis*) na revolução industrial. Naquela época nasceu uma nova dialética (Hegel, Marx etc.), mas agora a dialética é morta, e a síntese é instrumento arqueológico de um domínio em crise e que ainda tenta, às vezes, utilizá-la. Por isso a universidade precisa de sair de si própria, de seus muros. A universidade é uma muralha que agora tenta se defender de tudo aquilo que avança. A separação rígida do saber e da disciplina precisa de ser colocada em crise.

A *divisão comunicacional do trabalho* é mais significativa daquela divisão social que Marx acreditava fundamental dissolver: quem comunica e quem é comunicado é um conflito político/comunicacional. A autorrepresentação é vontade política de não delegar a nenhum (em primeiro lugar aos antropólogos) a própria história e as próprias narrações. É o problema de uma inovadora política comunicacional na qual ninguém quer delegar nada a nin-

guém. Dever-se-iam favorecer alunos e pesquisadores em direção de desenvolver um tipo de pesquisa descentrada, individualizada, transdisciplinar, além do saber por departamentos. Cada departamento está se tornando uma *gate community*. Steve Jobs<sup>4</sup>, por exemplo, pode ser considerado um filósofo contemporâneo, como a arquiteta Zaha Hadid<sup>5</sup>, filósofa ainda mais criativa de novas perspectivas pós-euclidianas nas experiências urbanas diagonais. O mesmo se pode dizer de muitos músicos, como Björk<sup>6</sup>, que elaborando os sons por Ipad (*Biophilia*) - cria uma filosofia da música que horizontaliza o escutar ativo/compositivo de cada um.

**IHU On-Line - Como se dá o diálogo entre a antropologia e a filosofia? Quais são os principais pontos de contato entre ambas as ciências?**

**Massimo Canevacci** - É um diálogo infeliz. A filosofia entende ainda a antro-

<sup>4</sup> Steven Paul Jobs (1955-2011): inventor, empresário e magnata americano no setor da informática. Notabilizou-se como cofundador, presidente e diretor executivo da Apple Inc. Foi, também, diretor executivo da empresa de animação por computação gráfica Pixar e acionista individual máximo da The Walt Disney Company. No final da década de 1970, Jobs, em conjunto com Steve Wozniak e Mike Markkula, entre outros, desenvolveu e comercializou uma das primeiras linhas de computadores pessoais de sucesso, a série Apple II. No começo da década de 1980, ele estava entre os primeiros a perceber o potencial comercial da interface gráfica do usuário guiada pelo mouse, o que levou à criação do Macintosh. Sobre Job, confira os seguintes materiais publicados pelas Notícias do Dia do site do IHU: *O tormento de Jobs: “Às vezes, eu acho que Deus existe. Às vezes, não”*, disponível em <http://migre.me/65tZj>; *Steve Jobs e Edison: divergências paralelas*, em <http://migre.me/65tUw>; *Legado de Jobs esconde seu lado obscuro*, em <http://migre.me/65tX0>; *Steve Jobs: a morte de um deus tecno-humano?*, em <http://migre.me/65tZw>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Zaha Hadid (1950): arquiteta iraquiana identificada com a corrente desconstrutivista da arquitetura. Em 2004, Hadid se tornou a primeira mulher a receber o Prêmio Pritzker de Arquitetura, pelo conjunto de sua obra. Anteriormente ela também fora premiada pela Ordem do Império Britânico pelos serviços realizados à arquitetura. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Björk Guðmundsdóttir (1965): influente cantora e compositora islandesa, vencedora do prêmio Nobel Da Música, instrumentista e produtora musical. Já lançou oito álbuns de estúdio e duas trilhas sonoras. Seu estilo musical eclético alcançou o reconhecimento popular, e este inclui rock, jazz, música eletrônica, clássica e folclórica. Sua voz também tem sido aclamada por suas qualidades distintas. (Nota da IHU On-Line)

pologia como uma elaboração das invariantes pelo *homo sapiens*: conceitos fundantes, arquetípicos, imutáveis. Ainda não coloca o adjetivo *cultural* atrás dela. E ciência do imodificável, do eterno sem retorno. Não conheço um filósofo que entendeu a revolução recente da antropologia cultural, isto é nos últimos 20 ou 30 anos: talvez só Rorty<sup>7</sup> escreveu que a filosofia deveria aprender pela antropologia cultural, diluir-se nela. Os filósofos atuais não entendem a revolução moderada que aconteceu a partir da Geertz e, depois, mais radical, mas incompleta, pelo grupo de "Writing Culture". Antropologia é ainda só Lévi-Strauss, justamente pela fraternidade entre estruturalismo e ciência das invariantes.

Os filósofos xavantes ou bororo que eu conheço não são percebidos ou ouvidos pelos filósofos brasileiros. Por outro lado, os antropólogos culturais (os etnógrafos) precisam fazer pesquisa empírica elaborando processualmente reflexões filosóficas que transitam, misturam, sincretizam tratos locais com tensões mais complexas. Os antropólogos poderiam elaborar pensamentos criativos, descentrados, horizontais/verticais, material/imateriais pós-dualistas. Os pontos de contatos deveriam abordar as subjetividades que emergem a partir da transformação profunda entre *aldeia e metrópole*. Esse trânsito complexo/sincrético, além de uma definição disciplinar ou disciplinada, precisa renovar métodos, conceitos, paradigmas, composições.

Na cultura bororo, a cosmogonia sacral ou uma pragmática ritual performática como desafio a uma morte percebida como domínio por as religiões monoteístas é uma filosofia num sentido estranho. Um canto/choro bororo na frente de uma caveira que se transforma em antenado sagrado, que chama ao som das maracás e de uma voz rítmica todos os mortos de todos os tempos pra tentar estabelecer uma interconexão profunda entre morte/vida: esse foi o evento da minha vida que tento de contar, descre-

7 Richard Rorty (1931-2007): filósofo pragmatista estadunidense. Sua principal obra é *Filosofia e o Espelho da Natureza*. Confira a entrevista "O amor pela democracia é o legado de Rorty", concedida por Paulo Ghiraldelli Jr. à IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/k02Lup>. (Nota da IHU On-Line)

## “O filosofar contemporâneo precisa se colocar onde os conflitos nascem com práticas diferentes daquelas modernas”

ver, escrever e também fotografar e que deixa os filósofos indiferentes, quase enfastiados por uma relíquia do passado. O filósofo parece que não gosta mais de perguntar. E o antropólogo parece não ser penetrado pela webcultura. O ponto é transitivo: a filosofia que aceita se transformar poderia oferecer uma outra maneira para desenvolver critérios metodológicos e narrativos experimentais, conceitos sensoriais e composições multilinguísticas. Os pontos transitivos significam que o antropólogo e filósofo, seja nascido nas metrópoles ou nas aldeias, precisam dialogar para enfrentar o controle ainda colonial dos missionários que, únicos e por uma lei inexistente, podem continuar a morar nas aldeias.

**IHU On-Line - Qual é a atualidade a filosofia da Escola de Frankfurt e de obras como o *Discurso filosófico da modernidade*, de Habermas<sup>8</sup>?**

**Massimo Canevacci - Horkheimer<sup>9</sup>** foi professor de filosofia social. Isso é de um tipo de pensamento crítico, teoricamente baseado sobre a grande tradição da filosofia alemã, e que, ao

8 Jürgen Habermas (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito que encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos estabelecendo o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. Confira no site do IHU, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), editoria *Notícias do dia*, o debate entre Habermas e Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI. Habermas, filósofo ateu, invoca uma nova aliança entre fé e razão, mas de maneira diversa como Bento XVI propôs na conferência que realizou em 12-09-2006 na Universidade de Regensburg. (Nota da IHU On-Line)

9 Max Horkheimer (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. (Nota da IHU On-Line)

mesmo tempo, deseja fazer pesquisa empírica. O projeto *Autorität und Familie* foi não somente transdisciplinar e além da assim dita dialética "estrutura/superestrutura: foi baseado sobre uma atenta hipótese teórica e uma profunda análise dos materiais empíricos elaborados com diversas metodologias e diversos pesquisadores numa perspectiva crítica para enfrentar e contrastar a força de uma autoridade autoritária que se expandia na Alemanha e em culturas ocidentais inteiras. Depois, o mesmo Adorno<sup>10</sup> elaborou a escala "F" sobre a "personalidade autoritária" difundida também nos Estados Unidos. A teoria crítica foi um caso único, talvez irrepetível: misturar a máxima abstração teórica e o máximo de detalhes empíricos. *Máxima teoria e máxima empiria*.

### Procura do incompreensível

Habermas não é, nesse sentido, um continuador da Escola. Ele exprime um refluxo no âmbito da filosofia baseada sobre a filosofia, sobre si mesma. Isso quer dizer que filosofia sem pesquisa empírica é regressão contínua. Frankfurt tem alguns limites, claro, sobre a técnica, a música jazz (pena que Adorno nunca ouviu John Coltrane) e um pensamento que colocou em crise a dialética sem conseguir experimentar o *além do negativo*: mas somente para citar o ultimo livro de Said, *Late style*, onde a influência de Adorno sobre a música contemporânea e, em geral, o desafio que um artista ou teórico enfrenta nos últimos períodos da vida dele, é não só genial, mas também um verdadeiro assunto que deveria misturar antropólogos e filósofos.

A atualidade da escola de Frankfurt não fica no pensamento de Habermas; vive como irreduzível *estilos últimos*. Os *estilos últimos* procuram o incompreensível, que por Adorno não é o des-

10 Escola de Frankfurt: Escola de pensamento formada por professores, em grande parte sociólogos marxistas alemães. Abordou criticamente aspectos contemporâneos das formas de comunicação e cultura humanas. Deve-se à Escola de Frankfurt a criação de conceitos como indústria cultural e cultura de massa. Entre os principais professores e acadêmicos da Escola podemos destacar: Theodor Adorno (1903-1969), Max Horkheimer (1885-1973), Walter Benjamin, Herbert Marcuse (1917-1979), Franz Neumann, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

conhecido: é um pensamento que não fica circundado e bloqueado pela lógica da identidade.

### IHU On-Line - Quais são os filósofos e obras fundamentais na filosofia?

**Massimo Canevacci** - Esta é uma pergunta difícil e, ao mesmo tempo, deliciosa. Sabemos que aparentemente a macarronada é uma, mas na verdade são infinitas as maneiras de cozinhar os spaghetti. E os filósofos criam um tipo de “pasta” utilizando elementos conhecidos e inventando sabores inovadores, nunca experimentados antes. A arte de cozinhar, olhar, comer, mastigar, digerir, descansar, defecar e imaginar. Assim apresento fragmentos saborosos de filósofos misturados com a finalidade de um *late style antropofágico*. A minha tentativa em minha tese de doutorado sobre a Escola de Frankfurt foi sempre de tentar misturar, através de montagem de fragmentos, as correntes mais humanistas ocidentais e como “filósofos sem filosofia” (no sentido de uma disciplina acadêmica ou institucionalizada) que diferentes culturas elaboraram. Assim, gosto menos do Sócrates platônico e mais da crítica que Nietzsche elaborou contra essa construção. Adorei os pré-socráticos, Heráclito<sup>11</sup>, depois Demócrito<sup>12</sup> e Zenon<sup>13</sup>, Pitágoras, Eurí-

11 **Heráclito de Éfeso** (540 a. C. - 470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematisa a questão do devir (mudança). Recebeu a alcunha de “Obscuro” principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do “tudo flui” (panta rei) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas. (Nota da IHU On-Line)

12 **Demócrito de Abdera** (480 a. C. - 380 a. C.), filósofo grego sucessor de Leucipo de Mileto. Sua fama decorre do fato de ter sido o maior expoente da teoria atômica ou do atomismo. De acordo com essa teoria, tudo o que existe é composto por elementos indivisíveis chamados átomos. (Nota IHU On-Line)

13 **Zenão de Eléia** (495 a. C. - 430 a. C.): filósofo nascido em Eléia, hoje Vélia, Itália. Foi discípulo de Parmênides. Seu método consistia na elaboração de paradoxos. Deste modo, não pretendia refutar diretamente as teses que combatia, mas sim mostrar os absurdos daquelas teses (e, portanto, sua falsidade). Acredita-se que Zenão tenha criado cerca de quarenta destes paradoxos, todos contra a multiplicidade, a divisibilidade e o movimento (que nada mais são que ilusões, segundo a es-

pedes<sup>14</sup> e Safo... O mesmo Adriano foi um imperador/filósofo excelente junto com Ovídio. A filosofia de Leonardo e do Renascimento, em geral, é ainda parte de mim. Os *artífices*... Espinosa<sup>15</sup> e os iluministas (Diderot, Rousseau). Hegel da fenomenologia e da estética, claramente Marx, Freud, Rosa de Luxemburgo<sup>16</sup> e Gramsci<sup>17</sup>. Adorno e Benjamin que continuam a dialogar sem parar. Nietzsche de *A genealogia da moral*. Tudo isso se mistura seja com as obras de artistas ou poetas (Rilke<sup>18</sup>, Musil<sup>19</sup>, Baudelaire<sup>20</sup>, Leopardi<sup>21</sup>), seja (e mais complicado ainda) com pes-

cola eléatica). (Nota da IHU On-Line)

14 **Eurípides** (485 a.C. - 406 a.C.): poeta trágico grego, o último dos três grandes autores trágicos da Atenas clássica (os outros dois foram Ésquilo e Sófocles). Especialistas estimam que Eurípides tenha escrito 95 peças, embora quatro delas provavelmente tenham sido escritas por Crítias. Ele foi autor do maior número de peças trágicas da Grécia que chegaram até nós: dezoito no total. (Nota da IHU On-Line)

15 **Baruch de Espinosa** (1632-1677): filósofo holandês, pertencente a uma família judia originária de Portugal. Publicou o *Tractus Tehologico-Politicus*, e a *Ética* e deixa várias obras inéditas, que são publicadas em 1677 com o título de *Opera Posthuma*. (Nota da IHU On-Line)

16 **Rosa Luxemburgo** (1870-1919): filósofa marxista e revolucionária polonesa. Participou na fundação do grupo de tendência marxista que viria a tornar-se, mais tarde, o Partido Comunista Alemão. (Nota da IHU On-Line)

17 **Antonio Gramsci** (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus Cadernos do cárcere, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela “hegemonia” do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. Sobre esse pensador, confira a edição 231 da *IHU On-Line*, de 13-08-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*, disponível para download em <http://migre.me/65usZ>. (Nota da IHU On-Line)

18 **Rainer Maria Rilke** (1875-1926): poeta alemão. (Nota da IHU On-Line)

19 **Robert Musil**: escritor austríaco, autor do célebre *O homem sem qualidades* (2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989). (Nota da IHU On-Line)

20 **Charles-Pierre Baudelaire** (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. Em 1857 lança *As flores do mal*, contendo 100 poemas. O livro é acusado de ultrajar a moral pública. (Nota da IHU On-Line)

21 **Giacomo Taldegardo Francesco di Sales Saverio Pietro Leopardi** (1798-1837): poeta, ensaísta, filósofo e filologista italiano. (Nota da IHU On-Line)

soas assim ditas “outras”, nascida em culturas diferentes da ocidental, não só no Oriente, mas na África, como Ogotemeli (em diálogo com Griaule), nos bororo atuais, Kleber Meritorreu, que tenta afirmar sua cosmogonia cultural além da influência salesiana, Divino Tserewahu, cineasta xavante que elabora a sua própria visão do mundo; Daniel Mundurucu, que escreve livros reivindicando a autonomia da aldeia sem missão.

Os assim ditos indígenas frequentemente (e infelizmente) sem nome que influenciaram Bateson, Lévi-Strauss, Malinowski<sup>22</sup>. E queria ainda mais misturar com Armani, filósofo do corpo e da estética, os arquitetos Herzog & De Meuron, Renzo Piano, Niemeyer<sup>23</sup> que modificam o sentido comum e criam metrópoles. Os estilos últimos de Beethoven<sup>24</sup>: a sonata op. 111 é filosofia,

22 **Bronisław Kasper Malinowski** (1884 -1942): antropólogo polaco considerado um dos fundadores da moderna antropologia social, também conhecida como a escola funcionalista. Suas grandes influências incluíam James Frazer e Ernst Mach. Segundo o antropólogo Ernest Gellner, Malinowski tomou uma posição original em relação aos conflitos de idéias do seu tempo. Ele não repudiou o nacionalismo, uma das ideologias nascentes e marcantes do século XIX, mas fusionou o romantismo com o positivismo de uma nova maneira, tornando possível investigar as velhas comunidades, porém, ao mesmo tempo, recusando conferir autoridade ao passado. A principal contribuição de Malinowski à antropologia foi o desenvolvimento de um novo método de investigação de campo, cuja origem remonta à sua intensa experiência de pesquisa na Austrália, inicialmente, com o povo Mailu (1915) e, posteriormente, com os nativos das Ilhas Trobriand (1915- 1917). (Nota da IHU On-Line)

23 **Oscar Ribeiro de Almeida de Niemeyer Soares Filho**: arquiteto brasileiro. É considerado um dos nomes mais influentes na arquitetura moderna internacional. Foi pioneiro na exploração das possibilidades construtivas e plásticas do concreto armado. Em 1956, iniciou, a convite do presidente da República, JK, colaboração na construção da nova capital, cujo plano urbanístico foi confiado a Lucio Costa, arquiteto e urbanista. Em 1958, foi nomeado arquiteto-chefe da nova capital e transferiu-se para Brasília, onde permaneceu até 1960. Em 1972, abriu um escritório em Paris. Realizou também grande número de projetos no exterior, como a sede do Partido Comunista Francês, em Paris, 1967; a Universidade de Constantine, na Argélia, 1968; a sede da Editora Mondadori, em Milão, 1968. O site da Fundação Oscar Niemeyer ([www.niemeyer.org.br](http://www.niemeyer.org.br)) apresenta suas idéias, obras em arquitetura, urbanismo, mobiliário, esculturas, serigrafia, cenografia e sua bibliografia. (Nota da IHU On-Line)

24 **Ludwig van Beethoven** (1770-1827): compositor erudito alemão do período de transição entre o classicismo e o período romântico. É

como o plano-sequência de Antonioni<sup>25</sup>, doente, que caricia Mosé di Michelangelo ou o canto/choro de José Carlos Kuguri na aldeia de Garças, na frente do crânio transfigurado em arara sagrada da sua esposa.

### IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

**Massimo Canevacci** - Atualmente virou hegemônico o pensamento de Deleuze/Guattari e Foucault/Agamben. Esse último inventa um mito (*homo sacer*) para explicar o estado de exceção do 11 de setembro de 2001. Tudo isso me parece muito estranho, uma regressão pré-iluminista bem perigosa e obscurantista. Ele favorece uma

considerado o maior e mais influente compositor do século XIX. Suas 32 Sonatas para Piano são consideradas o Novo Testamento da Música, sendo o Cravo Bem-Temperado de Bach, o Antigo Testamento. (Nota da IHU On-Line)

**25 Michelangelo Antonioni (1912-2007):** Cineasta italiano. Graduou-se em Economia na Universidade de Bolonha, na Itália, e estudou no Centro Sperimentale di Cinematografia, na Cinecittà, complexo de teatros e estúdios localizados na periferia oriental de Roma. Seu primeiro grande sucesso foi *L'avventura* (1960) seguido por *La Notte* (1961) e *L'eclisse* (1962), que compreendem uma trilogia sobre o tema da alienação. Os filmes mais notáveis de Antonioni mostravam a elite e a burguesia urbana, além de descrever personagens ricos como pessoas vazias e sem alma. Em 1985, sofreu um acidente vascular cerebral que o deixou parcialmente paralisado e impossibilitado de falar. Sua carreira terminou em 2004, aos 92 anos, com o filme *Eros*. (Nota da IHU On-Line)

visão aparentemente crítica, mas na verdade ele é um tipo de pesquisador sobre o direito público que Marx teria já criticado na época dele. Heidegger e o seu irracionalismo racional está presente em Agamben junto com a crítica mais facciosa contra Adorno. Claro, a análise adorniana sobre a relação mito/*ratio* coloca o *homo sacer* e seu autor onde merecem. Agamben continua a afirmar a tradição de uma *razão mítica* (ou de um mito razoável) que não explica nada do estado atual, justifica ou é indiferente ao terrorismo teológico que quer um estado teocrático, sorri distraído na frente da revolução baseada sobre a comunicação digital, como já falamos. Assim, a microfísica/dispositivo de Foucault é o resultado de uma genealogia (aquela de Nietzsche) que virou historicismo. Agamben e Foucault representam a transformação da crítica genealógica em mitologias historicistas. Steve Jobs cria dispositivos horizontais e inovadores: Agamben reproduz a verticalidade separada da filosofia/muralha. Filosofia murada. O mesmo sobre algumas teorias de Deleuze/Guattari, especificamente *Mil platôs*, que eu enfrentei na versão italiana de *Sincretismos* nunca traduzida no Brasil.

Por isso a filosofia atual está fora da filosofia, assim como muita antropologia. Precisamos modificar o que se entende por filosofia: ela não é a

história de uma disciplina, uma história ocidental, uma história historicista. Assim como nos pré-socráticos, no Renascimento, no Iluminismo, a filosofia pensa e modifica o contemporâneo (isto é, não só o que é atual: Michelangelo é contemporâneo para mim como Ovídio).

A filosofia precisa se interrogar novamente sobre o estupor. O estupor é um método filosófico não dos "primitivos", e por isso "superficial". É um método para se abrir ao estranho, ao diferente que está para acontecer mas ainda não se apresentou, e por isso o pesquisador deseja o desconhecido. *Nell'attimo prima*. O estupor é a porosidade do corpo/mente. Conhecer a história da filosofia e ao mesmo tempo os pensamentos de outras culturas ("nativas") é fundamental para produzir pensamentos *hic et nunc*. O historicismo dominante na filosofia é a morte da filosofia.

### LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Massimo Canevacci à IHU On-Line

\* Comunicação horizontal e cidadania transitiva: a construção de um novo modelo democrático. Notícias do Dia 30-08-2011, disponível em <http://migre.me/63PMA>;

\* A cidadania transitiva no contexto da comunicação digital. Notícias do Dia 21-07-2011, disponível em <http://migre.me/63PPd>.

## SIGA O IHU NO TWITTER

## “Já temos uma filosofia brasileira”

É preciso atentar para o uso precoce da denominação filósofo àqueles que se ocupam “com a história, a filologia e a justaposição eclética de textos”, assevera Ernildo Stein. Filosofar exige continuidade e produção de livros e volumes de investigação

POR MÁRCIA JUNGES

“Talvez tenhamos chegado ao tempo em que as grandes questões tradicionais da filosofia possam ser tratadas de modo competente, mas nos deixam solitários, sem que com elas se abram as janelas para as questões da história, da sociologia, da política e da antropologia em geral. Saber coisas de filósofos e recitar textos e combinações de textos de Hegel, Husserl ou Heidegger, já não significa grande coisa na era da globalização”.

A ponderação é do filósofo Ernildo Stein, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. Ele constata que ocorre a produção de “uma massa de titulados em filosofia e uma infinita produção de textos chamados filosóficos, mas motivados por obrigações externas, por rendimento acadêmico, e pressionados para performances vazias”. E completa: “Temos até agora poucos filósofos que se ocupam realmente com o conhecimento da comunidade científica. O que aparece são notas marginais, que servem mais para ornamentar o discurso empobrecido das individualidades filosóficas autossuficientes”. Em seu ponto de vista, “a filosofia exige uma continuidade que vai além de simples artigos e ensaios rápidos. Dela se espera ainda que os que estudam nesse campo produzam livros e volumes de investigação filosófica”. Contudo, observa, já se pode falar numa filosofia brasileira, inclusive internacionalizada. Stein destaca, ainda, a questão da inovação na filosofia, tema que intitula sua publicação mais recente, *Inovação na filosofia* (Ijuí: Unijuí, 2011): “na maioria dos campos de conhecimento, a inovação e os vetores da inovação não dependem tão fortemente das individualidades como na filosofia”.

Stein é graduado em Filosofia e Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. cursou doutorado em Filosofia na mesma universidade e pós-doutorado na Universität Erlangen-Nürnberg, Alemanha. Atualmente é docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e membro do corpo editorial das publicações *Reflexão*, *Problemata*, *Natureza Humana* e *Ágora*. Publicou dezenas de livros, entre eles *Seminário sobre a verdade: lições introdutórias para a leitura do parágrafo 44 de Ser e Tempo* (Petrópolis: Vozes, 1993); *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica* (Porto Alegre: Edipucrs, 1997); *Diferença e metafísica* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000); *Compreensão e finitude* (Ijuí: Unijuí, 2001); *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger* (Porto Alegre: Edipucrs, 2002); *Mundo Vivido: Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia* (Porto Alegre: Edipucrs, 2004) e *Seis estudos sobre Ser e Tempo* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Em quais aspectos Heidegger continua atual nos debates filosóficos?

**Ernildo Stein** - A atualidade de um filósofo deve ser entendida de dois modos. De um lado, o filósofo é atual pelas questões que levanta em sua época, e pela continuidade que elas podem ter através do tempo. Mas, de outro modo, o filósofo torna-se atual através de uma leitura renovadora de questões postas por ele em algum mo-

mento histórico, mas cuja importância somente é descoberta por uma nova leitura feita por pensadores que descobrem para ela um novo contexto e um sentido ainda não percebido.

Heidegger possui uma atualidade que sempre se renova desde a publicação de *Ser e tempo*, em 1927, tanto pelo número de questões que a obra contém (Tugendhat<sup>1</sup> acha que *Ser e*

<sup>1</sup> Ernst Tugendhat (1930): filósofo tcheco, nascido em Brno. É autor de, entre outros, *Der Wahrheitsbegriff bei Husserl und*

*tempo* é a obra principal do século XX, porque mais que qualquer outra levantou o maior número de questões importantes), como pela sucessão de uma grande quantidade de livros que o filósofo foi publicando durante o século XX. Possui uma concepção parti-

*Heidegger* (2 ed., Berlin: Walter de Gruyter, 1970); *Lições introdutórias à filosofia analítica da linguagem* (Ijuí: UNIJUI, 1992); *Lições sobre ética* (Petrópolis: Vozes, 1997) e *Não somos de arame rígido: conferências apresentadas no Brasil em 2001* (Canoas: ULBRA, 2002). (Nota da IHU On-Line)

cular da atualidade dos filósofos. Penso que um filósofo só pode continuar atual, num sentido profundo, quando elementos centrais de seu pensamento se constituem como um paradigma novo na história da filosofia. Com essa afirmação, não quero privilegiar o filósofo como um fenômeno único em seu tempo; pelo contrário, gostaria que Heidegger conquistasse uma epocalidade, isto é, que nós pudéssemos problematizá-lo com outros filósofos, e nele descobrir as fragilidades de qualquer pensamento na filosofia.

**IHU On-Line - Que questões esse filósofo propôs que seguem “não resolvidas” ou ainda pertinentes?**

**Ernilo Stein** - O que causou impacto no surgimento dos temas centrais de *Ser e tempo* foi justamente eles nunca terem sido analisados na tradição ocidental, e por isso não se tinham respostas para eles. Certamente o filósofo traz o estilo de quem faz muitas perguntas que termina não conseguindo responder e que o levam a mudar até de direção por causa dos impasses. Questões filosóficas podem receber várias respostas, mas isso não significa que elas estejam resolvidas. O importante é que elas continuem pertinentes. Entretanto, muitas perguntas não resolvidas pela fenomenologia parecem misteriosas porque em grande parte do século XX não se conseguiu separar de maneira adequada o alcance que tinha a fenomenologia para a filosofia de nosso tempo. Ela foi misturada com a metafísica e posta em conflito com ela, porque não se reconheceu o campo limitado em que se movia a sua interrogação. A fenomenologia não surgiu para resolver tudo na filosofia; ela trouxe algumas questões sem as quais a filosofia seria menos atual e estaria estagnada em certas áreas teóricas. Não olhemos para Heidegger como o pensador que conseguiu responder às perguntas da esfinge, porque na filosofia elas sempre se colocam de outra maneira.

**IHU On-Line - Nesse sentido, como se situam as discussões sobre o fim da metafísica e a fenomenologia hoje?**

**Ernilo Stein** - Num determinado mo-

## “Já temos certamente uma filosofia brasileira. E temos também essa mesma internacionalizada”

mento da história da filosofia ocidental, a metafísica começou a ser considerada uma espécie de guarda-chuva que protegia todos os campos teóricos da filosofia e que defendia sua originalidade diante do resto do conhecimento. Hoje muitos estão em busca de um novo guarda-chuva para garantir essa unidade da filosofia, já que muitos falam no fim da metafísica. Mas Gadamer já dizia que nunca conseguiremos sair da metafísica, ainda que ele mesmo não a tenha trabalhado como um tema central. Heidegger, sim, fala de uma história do ser, que representaria uma sucessão de épocas, em que a metafísica dava um nome ao seu objeto principal, o ser. Mas, como nomes, essas épocas confundiam o ser com algum ente determinado, particular e superior. Quando então fala em fim da metafísica, Heidegger levanta a hipótese de que talvez estejamos chegando a uma época em que não se confunde mais a questão do ser com uma resposta através do apelo a um ente. Podemos lembrar a sua afirmação: “A superação da metafísica não é o fim da metafísica”. Mas cuidemos para não pensarmos que a fenomenologia vai ser a nova metafísica que não chegou ao fim. Temos até o título de um ensaio do filósofo, que nos pode fazer pensar essa questão: “O fim da filosofia e a tarefa do pensamento”.

Lembremos a afirmação de Heidegger de que “a fenomenologia pode desaparecer como movimento, mas ela deve continuar como tarefa do pensamento, mantendo o modo correto de perguntar” na filosofia. Gostaria ainda de observar que o ser do qual fala a fenomenologia não deve ser confundido com o ser da metafísica. A fenomenologia pensa o ser ligado à *compreensão* do ser, portanto, ligado ao modo finito do ser humano. Repito de novo: “Tão finitos somos nós, que precisamos do

conceito de ser para pensar”. O ser da metafísica representa seu tema central desde os gregos. Heidegger apenas pensa que seu verdadeiro sentido foi encoberto na história do pensamento, e que esse fato pode ser tomado como tema central da interrogação filosófica. Podemos, portanto, fazer uma teoria do ser sem talvez entrar em conflito com o conceito de ser de que fala a fenomenologia.

**IHU On-Line - Qual é o grande desafio de ser filósofo em nossos dias, considerando o contexto da técnica, do relativismo e da globalização da informação?**

**Ernilo Stein** - Primeiro, convém deixar de lado o precoce uso de filósofo para quem se ocupa com a história, a filologia e a justaposição eclética de textos. Não quero fixar a data nem medir o nível de competência para que alguém possa carregar esse título. Afirmo isso um pouco como defesa de uma esperada modéstia que hoje a filosofia deve ter diante do pensamento e do conhecimento científico. É que eu dificilmente consigo separar alguém que apareça como filósofo de suas relações com a comunidade científica em geral. É que não há especialista em filosofia, no verdadeiro sentido, sem que sua atividade seja atravessada pela atmosfera que se produz hoje pela investigação em geral. Talvez tenhamos chegado ao tempo em que as grandes questões tradicionais da filosofia possam ser tratadas de modo competente, mas nos deixam solitários, sem que com elas se abram as janelas para as questões da história, da sociologia, da política e da antropologia em geral. Saber coisas de filósofos e recitar textos e combinações de textos de Hegel, Husserl ou Heidegger, já não significa grande coisa na era da globalização. No fundo, o que eu quero dizer é que não podemos trazer as questões fundamentais de nosso tempo, da técnica, da ciência, das novas tecnologias, de fora para dentro da filosofia. A filosofia deve ser posta de maneira tal que a questão da técnica se torne fundamental como, por exemplo, na obra de Heidegger. A mesma coisa acontece com o relativismo, nesse tempo de indigência e medo de afirmação de

valores absolutos. É certo que nunca encontraremos no discurso filosófico sentenças definitivas, que abranjam a totalidade. Ainda não pensamos de maneira suficiente o enraizamento da filosofia nas formações históricas e culturais, para assim pensar o nosso tempo. Mas isso não significa que tenhamos uma resposta conclusiva algum dia, trazida por um gênio da filosofia, que conseguiu se aliar com o conhecimento científico. Não quero agora enumerar toda uma lista de temas, acontecimentos, questões éticas e políticas que certamente devem ser analisados e renovados diante dos desafios do novo milênio.

**IHU On-Line - Em vez do domínio da certeza, o domínio da incerteza e do exercício de questionar. Essa seria uma definição adequada para a filosofia? Por quê?**

**Ernilo Stein** - Para responder à sua pergunta, vem-me à memória um curso que dei a respeito da filosofia na Europa dos anos 1920. Trazia o título: *Incerteza e risco*. Nessa década, entre as duas guerras mundiais, em que a humanidade europeia lamentava seus milhões de mortos e já acompanhava o desenvolvimento dos irracionalismos em diversos campos da cultura e na organização social e política, aparecem muitos gênios na arte, na filosofia e na ciência. Diante do novo em nossa época, certamente também cresce a incerteza, sem falar dos riscos que resultam como consequência dos enormes avanços da aplicação do conhecimento - no homem, na natureza e no futuro do planeta. A filosofia tem se empenhado no registro e na meditação sobre essa nova era de interrogações. Mas ela está muito debilitada e atrasada para responder a essas novas interrogações. O que quero dizer com isso? Simplesmente que produzimos uma massa de titulados em filosofia e uma infinita produção de textos chamados filosóficos, mas motivados por obrigações externas, por rendimento acadêmico, e pressionados para performances vazias. É aqui que se coloca a pergunta que faço num livro sendo atualmente publicado com o título *Inovação na filosofia*. Penso que estamos diante de um sério desafio, de redes-

## “Na universidade, o desafio é bem mais amplo do que a simples procura de um ambiente na cultura onde a filosofia se desenvolva e tenha relevância”

cobrir uma filosofia, produto de séria reflexão, é verdade, mas aliada num diálogo de iguais com o conhecimento científico. Temos até agora poucos filósofos que se ocupam realmente com o conhecimento da comunidade científica. O que aparece são notas marginais, que servem mais para ornamentar o discurso empobrecido das individualidades filosóficas autossuficientes. Não vou me aprofundar nessa questão, da inovação na filosofia, porque estou ensaiando algumas modestas tentativas de pensar essa questão decisiva, da inovação na filosofia.

**IHU On-Line - Quais são os principais limites e possibilidades da Filosofia que se faz no Brasil? Pode-se falar numa filosofia brasileira? Por quê?**

**Ernilo Stein** - Não podemos negar que a expansão da filosofia na graduação e nos programas de aperfeiçoamento e pesquisa tem feito grandes avanços, sobretudo, com o apoio e a consciência dos órgãos de fomento. Esses têm ampliado recursos e negociado projetos de alcance profundo com os pesquisadores da filosofia. Se nos podemos lamentar é pela grande pobreza da produção dos programas em andamento e pela ausência de verdadeiros filósofos em diálogo com a ciência, responsáveis por esses programas. Não estou generalizando, mas apenas insistindo para que não se espere apenas inovação por parte de pessoas, mas com relação aos conteúdos e linhas de investigação dos programas. É verdade que a pressão por produção de quantidade tem levado a uma circulação de materiais muito frágeis para responderem às expectativas da comunidade científica em ge-

ral. Mas já temos certamente uma filosofia brasileira. E temos também essa mesma internacionalizada. Olho com certa ironia essa expressão “já atingimos um nível internacional”, como se a filosofia crescesse em importância somente por trazer esse adjetivo. Vamos preenchê-lo com sentido, através de nossa imaginação filosófica e consciência diante da inovação.

**IHU On-Line - Quais são os maiores desafios das universidades no ensino da filosofia e no estímulo à reflexão própria, à pesquisa?**

**Ernilo Stein** - Pelas razões acima, procura-se para a filosofia uma adaptação através da escolarização e periodização do estudo filosófico que deixa pouca escolha para os interessados desenvolverem seus interesses particulares, quando escolhem a filosofia como área específica. Com isso se pensa poder fugir um pouco dos seminários, dos tutorados e das preleções. Isso produziu transformações que podem pôr em risco a cultura científica da filosofia. É verdade que a filosofia está à procura de um ambiente, na medida em que ela quer ainda manter sua condição de ciência primeira, ou de orientação e integração. Pois dela se separaram e tornaram-se independentes tantas áreas de conhecimento, sobretudo nas ciências humanas, que ela aparentemente está à procura de novos campos em que possa exercer a função que dela se esperava. Mas essa procura parece que reside na escolha de novos critérios de avaliação da pesquisa, em novos modos de apresentação dos trabalhos em monografias custosamente compostas e que são lugar comum nos outros campos do conhecimento. Porque a filosofia exige uma continuidade que vai além de simples artigos e ensaios rápidos. Dela se espera ainda que os que estudam nesse campo produzam livros e volumes de investigação filosófica. É diante deles que se reage na filosofia acadêmica. Com isso se sustentava a relevância cultural da filosofia.

**Espírito de um tempo**

É claro que houve adaptação da produção filosófica à publicação de *papers* e resumos que possam atingir

rapidamente o interesse de um espaço público mais amplo. Mas isso significa que se renuncia a todo um padrão de trabalho que implica em amplas pesquisas de bibliografia de diversas línguas, criando-se assim, com muito menos agilidade, a participação na cultura que é sustentada pela facilidade de acesso e pela brevidade de temas que possam ser absorvidos sem muito esforço. Pode-se observar que muitos filósofos se retiraram do tipo de agitação acadêmica que a opinião pública hoje espera das pesquisas. Mas os que assim desistem não podem esquecer que, em parte, a expectativa que se tem diante de uma filosofia mais ágil surge da multiplicidade de novos campos em que se espera um tipo de presença da filosofia, como, por exemplo, nas Comissões de Ética, nos debates acadêmicos amplos, na formação de adultos, no assessoramento de políticos, etc. Há, portanto, também o espírito de um tempo que tem suas razões em esperar que os filósofos encontrem novas formas de presença sem que com isso sacrifiquem o que é propriamente filosófico.

Na universidade, o desafio é bem mais amplo do que a simples procura de um ambiente na cultura onde a filosofia se desenvolva e tenha relevância. Estamos diante de duas questões que devem ser respondidas mais cui-

## “Cuidemos para não pensarmos que a fenomenologia vai ser a nova metafísica que não chegou ao fim”

dadosamente quando examinamos a situação da filosofia hoje. De um lado, temos que responder à pergunta pela inovação na filosofia. E de outro lado, temos que seguir um caminho para que, em meio a tantas transformações, encontre-se o modo de formar cabeças filosóficas nos ambientes acadêmicos. Assim, é preciso que sejam apresentados modos que transformem a filosofia para que efetivamente seus representantes tragam mudanças que, por sua vez, estão a cargo do tipo de formação que se oferece aos estudantes de filosofia.

Isso porque, na maioria dos campos de conhecimento, a inovação e os vetores da inovação não dependem tão fortemente das individualidades como na filosofia. Talvez seja isso que presente um dos maiores desafios dos que se preocupam com o problema hoje: o desenvolvimento da filosofia está ligado de maneira íntima com o desen-

volvimento do filósofo ou da formação daqueles que se dedicam à filosofia. Assim, temos pela frente as duas questões que deveriam ser respondidas para que se encontrasse uma resposta convergente. No entanto, estão levando, de modo cada vez mais generalizado, a uma divergência crescente. Os centros de pesquisa da universidade devem dar conta da formação dos interessados na filosofia através de diversas formas novas que aprofundem de fato áreas de concentração, linhas de pesquisa e formas institucionais para alcançar novos modos de os indivíduos ampliarem seus horizontes pela integração com outros campos de pesquisa e com a inserção na comunidade científica.

### LEIA MAIS...

Ernilo Stein já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira:

- A superação da metafísica e o fim das verdades eternas. Revista IHU On-Line, nº 185, de 19-06-2006, disponível em <http://migre.me/63dMr>;
- Depois de Hegel: “o mais original diálogo entre Filosofia analítica e dialética”. Revista IHU On-Line, nº 261, de 08-06-2008, disponível em <http://migre.me/63dOd>;
- O abismo entre a ética da psicanálise e o discurso ético universal. Revista IHU On-Line, nº 303, de 10-08-2009, disponível em <http://migre.me/63dQh>;
- O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado. Revista IHU On-Line, nº 328, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/63dSz>.

## UM PROTETOR DA NATUREZA: TRAJETÓRIA E MEMÓRIA DE HENRIQUE LUIZ ROESSLER

IHU IDEIAS - NOVEMBRO 2011

DATA: 17/11/2011

MS ELENITA MALTA PEREIRA - MESTRE E DOUTORANDA EM HISTÓRIA PELA UFRGS

INFORMAÇÕES EM [WWW.IHU.UNISINOS.BR](http://WWW.IHU.UNISINOS.BR)

## Sem grandes intuições, não há grande filosofia

Para Julio Cabrera, o filósofo está sempre “inventando a roda”, ou seja, retomando os velhos temas da filosofia, repetindo e criando

POR MÁRCIA JUNGES E GRAZIELA WOLFART

“**H**oje, o que foi retirado dos estudantes de filosofia é precisamente o risco de pensar e, por conseguinte, de fracassar. O estudante atual não corre outros riscos além de enfrentar com sucesso a sua banca de defesa final; mas sem riscos não há filosofia; pensar é sempre algo perigoso”. A reflexão é do professor Julio Cabrera, da UnB. Na entrevista que concedeu por e-mail para a IHU On-Line ele traz suas concepções sobre o que é fazer filosofia e o que entende pela filosofia no Brasil e na América Latina. Na visão de Cabrera, a Europa “não está interessada em nossa filosofia, e nem mesmo no que possamos vir a dizer sobre a filosofia europeia. Na verdade, a Europa não espera nada de nós, simplesmente não existimos para ela. Mas isso não é o pior, senão que esta indiferença pelo que pensamos desde a América Latina foi internalizada pelos próprios estudiosos latino-americanos de filosofia. Hoje em dia, a Europa não precisa perder seu tempo rejeitando-nos, porque ela já tem representantes internos que desempenham a contento esse papel excludente”.

Julio Ramón Cabrera Alvarez possui graduação e doutorado em Filosofia pela Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. Lecionou nas universidades de Córdoba, Belgrano (Buenos Aires) e Santa Maria (RS). Atualmente é professor titular no Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília - UnB. É autor de, entre outros, *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes* (Rio de Janeiro: Rocco, 2006) e *Margens das filosofias da linguagem* (Brasília: Editora UnB, 2003). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Quais são os principais desafios de se filosofar na América Latina?

**Julio Cabrera** - O principal deles é que ninguém espera que um latino-americano filosofe. Quero dizer, num sentido autoral, além do comentário, a exegese, a historiografia ou tradução de autores europeus. O desafio na América Latina é simplesmente o de filosofar contra todas as expectativas. Todos os outros problemas são menos graves do que esse, que me parece o fundamental. Já no começo do século XX, muitos países latino-americanos começaram a se perguntar acerca de um filosofar desde a América Latina, e o problema da sua mera existência precedia a todos os problemas de es-

sência: antes de discutir as temáticas e metodologias de um filosofar latino-americano, é preciso perguntar se poderá o pensador latino-americano filosofar.

Por um lado, é a própria velha Europa que não está interessada em nossa filosofia e nem mesmo no que possamos vir a dizer sobre a filosofia europeia. Na verdade, a Europa não espera nada de nós, simplesmente não existimos para ela. Mas isso não é o pior, senão que esta indiferença pelo que pensamos desde a América Latina foi internalizada pelos próprios estudiosos latino-americanos de filosofia. Hoje em dia a Europa não precisa perder seu tempo rejeitando-nos, porque ela já tem representantes internos que

desempenham a contento esse papel excludente. Sendo o problema crucial de um filosofar desde a América Latina o da sua própria existência, trata-se de insurgir-se contra aquilo que impede esse filosofar; nos países hispano-americanos, ao longo do século XX, tem deslançado uma vigorosa reflexão sobre este processo de libertação, indispensável para ganhar uma voz. É claro para essas tendências filosóficas que o crucial é criar as nossas próprias tradições de pensamento.

**IHU On-Line** - E no Brasil, quais são as peculiaridades da reflexão filosófica para além de nacionalismos e universalismos? Qual é a sua percepção sobre o tipo de filosofia e pesquisa fi-

losófica que se faz aqui no país? Que limites e possibilidades se apresentam?

**Julio Cabrera** - Infelizmente, a filosofia brasileira não tem participado com a mesma intensidade, a meu ver, desse processo de insurgência que mencionei antes. Vou começar tentando descrever a postura predominante e depois expor o que me parece equívoco nela. Essa postura consta das seguintes ideias:

Foi com a criação das universidades no século XX e com a posterior implementação dos programas de pós-graduação em filosofia no país que começou a haver realmente filosofia no Brasil. Antes disso, só havia diletantismo, improvisação, autodidatismo, falta de profissionalismo no tratamento das fontes, leituras arbitrárias e interpretações mal fundamentadas. O passado filosófico brasileiro pode ser visitado de vez em quando com o respeito que merece um acervo cultural autóctone, mas do qual não se poderia extrair uma única obra filosófica significativa nem um autêntico pensador.

Um pensamento brasileiro, num sentido nacional, não faz qualquer sentido, considerando que a filosofia é uma atividade de caráter eminentemente universal; se lermos os pensadores vindos da Europa, não é por serem franceses ou alemães, mas por eles terem colocado problemas universais, válidos e importantes para toda a humanidade; na medida em que o pensamento brasileiro queira inserir-se nesse contexto universal da filosofia, terá que tentar produzir obras que possam fazer contribuições significativas para o pensamento universal, tal como apresentado e desenvolvido pelos grandes pensadores europeus.

### Conhecer a história da filosofia

Para um pensamento brasileiro surgir, será preciso, antes, termos sólidos conhecimentos de história da filosofia - entendida como história da filosofia europeia; não se pode pensar em fazer filosofia no vazio, desde o nada, sem longos estudos preparatórios; não se pode falar sem conhecer e não se podem correr riscos de "inventar a roda"; filosofia brasileira sem passar por esse longo e trabalhoso preparo

## “Ninguém espera que um latino-americano filosofe”

é pura irresponsabilidade intelectual; é ignorar todo o que foi conquistado através do longo e penoso processo de profissionalização da filosofia ao longo das décadas.

A produção filosófica é, pois, exclusivamente universitária, traduzida em *papers*, livros, aulas, etc., que são avaliados pelos pares e pelos organismos competentes; a metodologia do que for produzido (tanto por estudantes como por professores) consiste na defesa de ideias mediante argumentação e com sólidos apoios bibliográficos, deixando-se de lado estilos narrativos ou literários e norteando-se pela tradição filosófica ocidental.

### No bom caminho

A situação da filosofia no Brasil está muito boa e no bom caminho: as pós-graduações estão consolidadas; o ensino transmitido é de boa qualidade e um número considerável de estudantes é formado nesses padrões ano após ano; nos encontros de filosofia se apresentam trabalhos filosóficos de todas as linhas do pensamento europeu, desde marxismo à filosofia analítica e fenomenologia; esses eventos têm sido acompanhados por numeroso público crescentemente interessado em filosofia; um considerável acervo de obras filosóficas clássicas tem sido traduzido para o português; existem muitas revistas e meios de comunicação de ideias filosóficas e o trabalho filosófico tem atingido um alto padrão de profissionalismo e excelência.

Devo dizer que não estou nada otimista a respeito do futuro da filosofia no Brasil se persistir a vigência deste padrão. Creio que esse se ressentirá de uma grave e curiosa contradição interna: de um lado, se reconhecem como grandes filósofos pensadores como Kierkegaard, Fichte, Mill, Nietzsche, Wittgenstein e Heidegger; de outro lado, os padrões de excelência filosófica estabelecidos não seriam satisfeitos por nenhum desses filósofos: o padrão nos obriga a estudar esses filósofos,

mas nos proíbe fazer filosofia como eles. Para fugir da contradição, o sistema vigente teria que declarar clara e abertamente que não está interessado em abrir as possibilidades de um filósofo surgir, mas apenas em formar profissionais competentes, bons professores de filosofia, mas não filósofos (no sentido dos que o próprio padrão considera como grandes pensadores). Há, de fato, na situação atual uma atitude cética (quase diria niilista) a respeito de que o jovem estudante de filosofia possa transformar-se num pensador; parece partir-se da convicção de que isso seja impossível.

Decorrente dessa ideia central, as minhas observações mais específicas sobre a atual situação dos estudos filosóficos no Brasil são as seguintes:

A criação de universidades e a implementação das pós-graduações foi algo bom por aperfeiçoar as técnicas de tratamento de autores dentro de trabalhos exegéticos; ou seja, ensinou a fazer de maneira melhor o que, por exemplo, Farias Brito<sup>1</sup> tentou fazer de maneira desorganizada e imperfeita. Já li um autor se queixando de Tobias Barreto<sup>2</sup> ter mencionado um pensador alemão do qual nada se sabe, porque Tobias esqueceu de mencionar a fonte. Trata-se de trabalho filosófico mal feito do ponto de vista técnico, e isso é algo que a atual situação ajudou a superar; hoje ninguém que se ocupa com filosofia comete esses erros grosseiros. Entretanto, nem tudo foram ganhos: Tobias Barreto e Farias Brito tinham um espírito filosófico autoral que se perdeu na face profissional; eles (e Sil-

1 **Raimundo de Farias Brito** (1862-1917): escritor e filósofo brasileiro, sendo considerado como um dos maiores nomes do pensamento filosófico do país e autor de uma das mais completas obras filosóficas produzidas originalmente no Brasil, em que identificou os planos do conhecimento e do ser, voltando dogmaticamente à metafísica tradicional, de caráter espiritualista. Era também maçom. Em homenagem a esse filósofo, nomeou-se o colégio Farias Brito, fundado por Ari de Sá Cavalcante, no antigo Colégio São João, em Fortaleza, Ceará. (Nota da IHU On-Line)

2 **Tobias Barreto de Meneses** (1839-1889): filósofo, poeta, crítico e jurista brasileiro e fervoroso integrante da Escola do Recife, um movimento filosófico de grande força calcado no monismo e evolucionismo europeu. Foi o fundador do condoreirismo brasileiro e patrono da cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da IHU On-Line)

vio Romero<sup>3</sup>, e Arthur Orlando, e tantos outros) tentavam apropriações do que liam e se preocupavam mais com um filosofar desde a própria situação pensante; além do mais, faziam algo do qual sentimos falta atualmente: escreviam uns sobre os outros (Silvio Romero escreveu sobre Tobias, Orlando sobre Romero e Tobias, Jackson de Figueiredo<sup>4</sup> sobre Farias Brito, Vilém Flusser<sup>5</sup> sobre Vicente F. Da Silva, etc.). Creio que os profissionais de filosofia são injustos com seu passado filosófico: há muitas ideias importantes nos autores mencionados e outros, mesmo que seus projetos tenham fracassado em seu conjunto; mas fracassaram como só um filósofo pode fracassar. Hoje, o que foi retirado dos estudantes de filosofia é precisamente o risco de pensar e, por conseguinte, o de fracassar. O estudante atual não corre outros riscos além de enfrentar com sucesso a sua banca de defesa final; mas sem riscos não há filosofia; pensar é sempre algo perigoso.

#### Um filosofar histórico-existencial

Pensar desde o Brasil não tem que assumir as feições de um projeto “nacional”; o “desde” de um filosofar não é apenas geográfico, mas histórico-existencial; trata-se, por exemplo, de pensar Wittgenstein a partir de problemas e situações brasileiras e latino-americanas, em lugar de tentar repeti-lo e explicá-lo incansavelmente, ou tentar pensá-lo desde outras situações (por exemplo, saber se Wittgenstein está ou não inserido na filosofia austríaca). Na filosofia hispano-americana já se colocou em xeque há muitos anos - pelo menos desde os escritos de Leopoldo Zea e Salazar Bondy - a identificação entre o “universal” e o europeu;

<sup>3</sup> Silvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914): crítico literário, ensaísta, poeta, filósofo, professor e político brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Jackson de Figueiredo Martins (1891-1928): advogado brasileiro, que atuou intensamente como professor, jornalista, crítico, ensaísta, filósofo e político. Após sua conversão ao catolicismo organizou o movimento católico leigo no Brasil. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Vilém Flusser (1920-1992): filósofo tcheco, naturalizado brasileiro. Autodidata, durante a Segunda Guerra, fugindo do nazismo, mudou-se para o Brasil, estabelecendo-se em São Paulo, onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor. (Nota da IHU On-Line)

## “Um sólido conhecimento de história da filosofia nunca foi necessário para fazer grande filosofia”

a Europa situou problemas universais a partir da sua perspectiva histórico-existencial e nós, latino-americanos, deveríamos fazer o que eles fizeram, situar os universais desde nossa perspectiva pensante (que inclui, por exemplo, a conquista, uma experiência que o europeu nunca teve). Desse modo, nos afastaríamos tanto de um nacionalismo hoje impensável quanto de um universalismo abstrato, aquele que impera atualmente na comunidade brasileira.

O conhecimento de história da filosofia europeia é apenas aconselhável, ou recomendável, mas não é nem necessário nem suficiente para fazer filosofia autoral. Esse é talvez o ponto mais controverso e aquele que desperta mais irritação nos profissionais da filosofia. Em primeiro lugar, história da filosofia deveria entender-se não apenas como história da filosofia europeia; deveria ensinar-se aos estudantes também história do pensamento latino-americano e, no caso do Brasil, de pensamento africano, por exemplo. Mas nem mesmo isso é necessário ou suficiente para filosofar; muitos dos que consideramos grandes filósofos tinham conhecimentos às vezes muito limitados sobre história da filosofia. É difícil apreender Platão através de Aristóteles, Descartes através de Spinoza, Schopenhauer através de Nietzsche ou Heidegger através de Sartre<sup>6</sup>, porque todos estes filósofos não

<sup>6</sup> Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu *ensaio O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964,

se limitaram a “conhecer” a história da filosofia anterior, mas se apossaram dela de maneiras muito criativas e “deturpadoras”. De maneira que a própria história da filosofia europeia - a favorita exclusiva dos profissionais - mostra que um sólido conhecimento de história da filosofia nunca foi necessário para fazer grande filosofia (aquela mesma que os profissionais consideram tal). Por outro lado, o exército de pesquisadores competentes que fazem introduções, comentários, análises, etc., de filósofos europeus e conhecem perfeitamente toda a história da filosofia, mas que não apresentaram um pensamento próprio, mostra que este conhecimento tampouco é condição suficiente para filosofar. Eu creio que, num sentido profundo, o filósofo sempre pensa “a partir do nada”, mesmo que conheça perfeitamente toda a história da filosofia (como Heidegger a conhecia). E, num sentido igualmente profundo, o filósofo está sempre “inventando a roda”, ou seja, retomando os velhos temas da filosofia, sempre repetindo e sempre criando.

#### “Isso não é filosofia?”

Os filósofos europeus, ao longo de toda a sua história, produziram filosofia em todos os estilos possíveis (diálogos, poemas, ensaios, tratados, aforismos, controvérsias, cartas, etc.). Nem sempre foram argumentativos, muitas vezes foram narrativos, metafóricos, retóricos, imagéticos. As universidades deveriam abrir espaço para que os estudantes pudessem escrever também nesses estilos, sob a devida orientação de seus professores para obter resultados profícuos; mas não fechar essas possibilidades de expressão de pensamentos (com a afirmação taxativa de “Isso não é filosofia!”). Um trabalho filosófico pode valer mais pelas suas intuições do que pelos seus argumentos; dificilmente chamaríamos de grande pensador um que simplesmente arguisse brilhantemente; sem grandes intuições, não há grande filosofia. Esse acento no tecido analítico-argumentativo dos trabalhos filosóficos, proibindo o estalo das grandes intuições sintéticas, pode estar tolhendo muitas vocações filosóficas.

foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

Assim, a situação da filosofia no Brasil não está boa se quisermos que o Brasil tenha alguma presença nas futuras histórias do pensamento latino-americano. Não digo europeu, porque nas histórias da filosofia europeia continuarão sem aparecer pensadores argentinos, chilenos ou brasileiros, mesmos que eles sigam o figurino. A situação no Brasil, a meu ver (e tal como o coloquei em meu *Diário de um filósofo no Brasil*, de 2010),<sup>7</sup> poderia melhorar se as universidades não se contentassem com formar comentadores e exegetas competentes (que também são necessários e úteis e cumprem uma função importante no ensino da filosofia), mas abrissem espaços para os estudantes que assim o desejarem tentarem trabalhos mais autorais, com menos acento na erudição histórica, com mais espírito de apropriação, e usando estilos alternativos.

### IHU On-Line - Quais são os clássicos filosóficos latino-americanos? Como se dá a sua interação e diálogo com o pensamento europeu?

**Julio Cabrera** - É bom que pergunte isso porque poucas são as obras do pensamento clássico latino-americano que foram alguma vez traduzidas ao português. Muitas obras do pensamento clássico brasileiro nunca foram reeditadas e apenas são encontradas em sebos em péssimo estado. Isso mostra claramente uma política editorial e uma lógica de visualização (e não visualização) da produção filosófica do planeta.

Pensadores fundadores do pensamento latino-americano do século XIX foram: Andrés Bello (Venezuela, 1781-1865), Juan Bautista Alberdi (Argentina, 1810-1884), Domingo Faustino Sarmiento (Argentina, 1811-1888) e Francisco Bilbao (Chile, 1823-1865). Mas temos também os “clássicos” latino-americanos modernos: Tobias Barreto (Brasil, 1830-1899), José Ingenieros (Argentina, 1877-1925), José Martí<sup>8</sup>

7 CABRERA, Julio. *Diário de um filósofo no Brasil*. Ijuí: Unijuí, 2010. (Nota da IHU On-Line)

8 José Julián Martí (1853-1895): mártir da independência cubana em relação à Espanha. Além de poeta e pensador fecundo, desde sua mocidade demonstrou sua inquietude cívica e sua simpatia pelas idéias revolucionárias que estavam entre os cubanos. Em 19 de maio de

(Cuba, 1853-1895), José Enrique Rodó (Uruguai, 1871-1917). Entre os “clássicos” latino-americanos contemporâneos nós temos: Carlos Vaz Ferreira (Uruguai, 1882-1959), Alejandro Korn (Argentina, 1860-1936), Raimundo de Fariás Brito (Brasil, 1862-1917), Graça Aranha (Brasil, 1865-1931). Mas a lista seria interminável: Alejandro Deustúa (Perú, 1849-1945), Antonio Caso (México, 1883-1946), José Vasconcelos (México, 1882-1959), Pedro Henriquez Ureña (República Dominicana, 1884-1946), Jackson de Figueiredo (Brasil, 1891-1928), Samuel Ramos (México, 1897-1959), José Gaos<sup>9</sup> (Espanha-México, 1900-1969), Vicente Ferreira Da Silva (Brasil, 1916-1963), Francisco Romero (Espanha-Argentina, 1891-1962) e Carlos Astrada (Argentina, 1894-1975).

Na segunda metade do século XX, temos importantes pensadores como: José David García Bacca (Espanha-Venezuela, 1901-1992), Leopoldo Zea (México, 1912-2004), Octavio Paz<sup>10</sup> (México, 1914-1998), Augusto Salazar Bondy (Perú, 1925-1974), Francisco Miró Quesada (Perú, 1918), Arturo Andrés Roig (Argentina, 1922) e Paulo Freire<sup>11</sup>

1895, no comando de um pequeno contingente de patriotas cubanos, após um encontro inesperado com tropas espanholas nas proximidades do vilarejo de Dos Rios, José Martí é atingido e morre em seguida. Seu corpo, mutilado pelos soldados espanhóis, é exibido à população e posteriormente sepultado na cidade de Santiago de Cuba, em 27 de maio do mesmo ano. (Nota da IHU On-Line)

9 José Gaos: nasceu em 1900 em Asturias, Espanha. Foi discípulo de Ortega y Gasset. Em 1938, antifranquista, foge para o México. Aí se consagra ao ensino da filosofia na UNAM. Morreu no México, em 1969. (Nota da IHU On-Line)

10 Octavio Paz Lozano (1914-1998): poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, notabilizado, principalmente, por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda. Recebeu o Nobel de Literatura de 1990. Escritor prolífico cuja obra abarcou vários gêneros, é considerado um dos maiores escritores do século XX e um dos grandes poetas hispânicos de todos os tempos. (Nota da IHU On-Line)

11 Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). No II Ciclo de Estudos sobre o Brasil, do dia 30-09-2004, o professor Dr. Danilo Streck, do PPG em Educação da Unisinos, apresentou

(Brasil, 1921-1997). Menção especial merece a chamada “filosofia da libertação”, como a mais importante corrente filosófica surgida em hispano-américa, mais especificamente na Argentina, em inícios da década de 1970, com importantes antecipações no México (Leopoldo Zea) e Peru (A. Salazar Bondy). Seus representantes mais notáveis são: Enrique Dussel (Argentina, 1934-), o pensador ibero-americano de maior projeção internacional no momento atual; Juan Carlos Scannone, Mario Casalla, Rodolfo Kusch, Carlos Cullen, Horacio Cerruti Gulberg, todos argentinos. Nos estudos interculturais uma figura proeminente é Raúl Fonet-Betancourt (Cuba, 1946). Entre os pensadores brasileiros mais recentes estão Miguel Reale, Vilém Flusser (Checo, naturalizado brasileiro), Luiz Sérgio Coelho de Sampaio, Newton da Costa e Carlos Cirne-Lima<sup>12</sup>.

Esses autores são, em sua maior parte, ignorados pelos professores de filosofia brasileiros (salvo exceções pertencentes a grupos específicos de

o livro *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Sobre a obra, publicamos um artigo de autoria do professor Danilo na 117ª edição, de 27-09-2004. Confira, ainda, a edição 223 da revista IHU On-Line, de 11-06-2007, intitulada *Paulo Freire. Pedagogia da esperança*, disponível para download em <http://migre.me/2peDT>. (Nota da IHU On-Line)

12 Carlos Roberto Velho Cirne-Lima: filósofo brasileiro, professor do PPG em Filosofia da Unisinos. Entre seus livros publicados, citamos: *Realismo e Dialética*. A analogia como dialética do Realismo. Porto Alegre: Globo, 1967; *Sobre a contradição*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993; e *Dialética para Principiantes*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. Dele a IHU On-Line publicou uma entrevista na 80ª edição, de 20-10-2003, sob o título *As universidades perderam a unidade do saber e na 102ª edição, de 24-05-2004, sob o título Karl Rahner defendeu idéias, antes do tempo, cedo demais*. Na edição 142 da IHU On-Line, de 23-05-2005, intitulada *O ser humano como sujeito social na Teoria dos Sistemas, Auto-Organização e Caos*, Cirne-Lima foi um dos integrantes da mesa-redonda que debateu esse assunto com os filósofos Karen Gloy, da Universidade de Lucerna, Áustria, e Günther Küppers, da Universidade de Bielefeld, Alemanha. Outra entrevista concedida pelo filósofo à IHU On-Line foi na edição 183, de 5-06-2006, quando falou sobre o lançamento do CD-ROM *Dialética para todos*, sob o título *Dialética para todos: Aristóteles com o controle-remoto na mão*. Todas as entrevistas estão disponíveis para download no site do IHU, [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Confira, ainda, a entrevista concedida por Cirne-Lima à edição 217 da IHU On-Line, de 30-04-2007, sobre Hegel, e a edição 261 da IHU On-Line, de 09-06-2008, intitulada *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <http://migre.me/zAOX>. (Nota da IHU On-Line)

estudo), e, portanto, igualmente ignorados pelos seus estudantes, treinados apenas em pensamento europeu. Quem quiser adquirir maiores conhecimentos sobre filosofia latino-americana, pode consultar o livro de Carlos Beorlegui, *Historia del pensamiento filosófico latino-americano*, publicado pela Universidad del Deusto, Bilbao, 2006.

#### O autor como tema de estudo

O diálogo com o europeu pode ser de mera leitura exegética, ou devoradora, num sentido aproximadamente oswaldiano (de Oswald de Andrade). Quando no Brasil é lido um filósofo europeu, em lugar de pensar a partir do autor e tentar implementar alguma das suas ideias no contexto brasileiro, transforma-se esse autor em tema de demorado estudo. Temo, inclusive, que, pela força dessa tradição exegética, isso mesmo acabe acontecendo com a leitura dos filósofos latino-americanos: que em lugar de se ler Dussel para ver o que ele teria a dizer para o Brasil, seus leitores se limitem a escrever inúmeros *papers* acerca da “concepção de libertação em Dussel”, ou sobre “As diferenças entre as noções de libertação em Dussel e em Paulo Freire”, em lugar de agir em função do que esses autores propõem, por exemplo, em termos de práticas universitárias efetivas no terreno da formação de alunos.

Por outro lado, também seria inadequado adotar o ponto de vista europeu (como supostamente “universal”) para julgar a nossa produção filosófica. Alguns ainda esperam que os filósofos latino-americanos apresentem teorias do conhecimento que possam “competir” com a teoria de Kant, ou teorias éticas que se confrontem com Spinoza, ou ontologias que possam comparar-se com Heidegger. Bom, não existem tais teorias, de maneira que será inútil esperá-las dos pensadores mencionados. Não se trata de “concorrer” com a Europa, pois isso significa adotar a agenda europeia, pensar que estamos limitados a apresentar “contribuições” à filosofia europeia. É evidente que a Europa não vai considerar a “filosofia da libertação” como uma “contribuição” à filosofia europeia, sendo que essa filosofia contesta precisamente a hegemonia filosófica da Europa.

## “As questões filosóficas realmente cruciais, precisamente por serem filosóficas, não pertencem à sociedade atual, mas a todas as sociedades”

A filosofia europeia continuará sendo estudada; apenas a nossa relação com ela deverá mudar, desde o mero comentário repetitivo à apropriação criadora. A Europa não será deixada de lado (e como poderia?), mas apenas o euro-centrismo. Nesse sentido, não deve considerar-se uma “contradição” o fato de muitos dos pensadores latino-americanos utilizarem fartamente Hegel, Heidegger, Lévinas<sup>13</sup> e outros filósofos europeus, pois o pensamento desses é utilizado para os próprios projetos reflexivos e não são meras “exegeses” (como exegeses, seriam muito imperfeitas). Na interação com a Europa, é crucial entendermos a noção de “filosofia” que é utilizada no contexto do filosofar latino-americano; trata-se de um filosofar eminentemente prático, não desvinculado de uma ação ético-político-religiosa. Praticamente a totalidade dos pensadores mencionados não apenas escreveu obras filosóficas; muitos deles foram jornalistas ou desempenharam importantes atividades políticas, desde a diplomacia até a militância direta ou a ação da Igreja; ao escrever seus textos não procuravam uma “verdade” puramente objetiva que não estivesse vinculada com os processos de libertação e as análises da dependência. De todas as formas, deveremos trabalhar para, num futuro

13 Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, conferir a edição número 277 da IHU On-Line, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível para download em <http://migre.me/Dsy6>. (Nota da IHU On-Line).

próximo, não ter mais que distinguir entre filósofos europeus e latino-americanos; chegar numa situação em que não faça mais qualquer sentido aludir à nacionalidade dos pensadores. Infelizmente, apenas quando somos excluídos é que nos vemos obrigados a lembrar teimosamente das nossas origens.

#### IHU On-Line - Tomando em consideração uma de suas linhas de pesquisas, quais são as relações entre a condição humana e as possibilidades de uma moral negativa?

Julio Cabrera - Ética negativa é uma reflexão, iniciada com a publicação do *Projeto de ética negativa* em 1990 (que acabou de ser reeditada pela Rocco com o título de *A ética e suas negações*); em 1996, apareceria em Barcelona um segundo livro sobre o assunto, a *Crítica de la moral afirmativa*. Ao longo das décadas de 1990 e 2000, numerosos artigos foram escritos, publicados ou apresentados em diversas partes do Brasil e do mundo. Trata-se basicamente de uma reflexão radical acerca da possibilidade mesma da moralidade dentro de uma condição humana caracterizada pela terminalidade do ser, pelo fato de estarmos afetados por um nascimento mortal habitualmente acobertado pelos discursos afirmativos. Isso deslança uma longa reflexão acerca da falta de valor estrutural da vida humana e do esforço permanente do humano por dar-se um valor. Ética negativa é fundamentalmente uma filosofia do nascimento, um tema que a filosofia europeia tem tratado pouco. Os três resultados mais expressivos da ética negativa são: se os critérios morais forem aplicados à risca, a procriação enfrenta graves problemas éticos; em segundo lugar, o suicídio não é - como habitualmente na história da filosofia europeia - máximo pecado moral, mas um ato com mais chances que muitos outros de ser genuinamente ético; e, em terceiro lugar, o heterocídio - o matar a outro - deve ser absolutamente interdito de um ponto de vista ético-negativo, sem quaisquer exceções (nem mesmo “legítima defesa”). Num livro que escrevo atualmente e que será publicado no exterior, chamado, por enquanto, *Bioética radical*, tento dirigir críticas

às principais teorias éticas europeias (Kant, Mill, Aristóteles), no sentido de que essas éticas nunca terem feito realmente considerações radicais sobre a condição humana dentro da qual deveriam funcionar os imperativos, cálculos utilitaristas e virtudes morais. Essa linha de pensamento ético-negativa foi desenvolvida no México, em contato com Enrique Dussel; deu uma polêmica nacional com Paulo Margutti na revista *Philosophos*, apresentações em eventos de bioética em Montevideu e no Brasil e publicações como *Ética negativa: problemas e discussões* (Goiânia, 2008), e dissertações de graduação (Jorge Alam Pereira) e mestrado (Diógenes Coimbra). A *Crítica de la moral afirmativa* foi traduzida ao inglês e será publicada proximamente. Tentei uma explicação sumária da gestão da ética negativa no *Diário de um filósofo no Brasil*.

**IHU On-Line - Quais são as grandes questões filosóficas que se apresentam na sociedade atual?**

**Julio Cabrera** - Creio que as questões filosóficas realmente cruciais, precisamente por serem filosóficas, não pertencem à sociedade atual, mas a todas as sociedades. Se tivesse que mencionar uma dessas questões, diria que a mais grave de todas é sempre a questão do Outro; esse é o problema filosófico fundamental de todos os tempos, o Outro-humano, o Outro-coisa, o estranhamento, o distanciamento entre humanos, que toma características peculiares em nossa época, mas que está presente sempre, como se pode ler, por exemplo, nos livros de Sêneca. O Outro nos aparece como inimigo, como algo repulsivo ou ridículo, simplesmente por não falar como nós, não pensar como nós, não viver e morrer como nós; esta teimosa referência ao próprio, essa condenação do Outro por ser outro, continuará sendo o grande escolho para tudo o valioso que pensemos em construir, inclusive uma filosofia. A corriqueira expressão: “Isso não é filosofia!” é a mais clara manifestação do estranhamento diante do Outro; teríamos que apreender a dizer mais vezes: “Isso também é filosofia!”. Fazer incríveis esforços para tentar incluir o Outro em nossas vidas e nossos discursos.

## Independência do pensamento: prerrogativa máxima da filosofia

Estar livre de demandas pontuais é um dos aspectos que confere grandeza a essa área do conhecimento, destaca Oswaldo Giacóia. No século XXI a filosofia se desdobra em duas linhas gerais: na analítica da verdade e na ontologia política do presente

POR MÁRCIA JUNGES

**I**ndependência do pensamento. Isso sempre foi a diretriz máxima da filosofia. Por essa razão, assinala Oswaldo Giacóia, instrumentalizar tal área do conhecimento se constitui numa “perspectiva de infortúnio”. Recordando Adorno, diz que “a filosofia não serve a nada”, pois não se coloca como instrumento de outrem ou de demandas pontuais. E é exatamente na preservação dessa independência que reside sua grandeza. Atualmente o pensamento filosófico depara-se com a “tarefa indeclinável de retomar e reelaborar a questão do universal. Questões como as de fundamentação, de objetividade do conhecimento, de legitimidade, eficácia e vigência dependem da possibilidade de reconhecimento de referências - inclusive axiológicas - com pretensões de alcance universal”. As afirmações fazem parte da entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo - USP e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, Giacóia é também mestre e doutor em Filosofia por esta instituição. É pós-doutor pela Universidade Livre de Berlim, Universidade de Viena e Universidade de Lecce, Itália, e livre docente pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, onde leciona no Departamento de Filosofia. Especialista em Nietzsche, sobretudo em seu pensamento político, publicou, entre outros: *Nietzsche - para a Genealogia da Moral* (São Paulo: Editora Scipione, 2001), *Nietzsche como psicólogo* (2ª ed. São Leopoldo: Unisinos, 2004), *Sonhos e pesadelos da razão esclarecida: Nietzsche e a modernidade* (Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005) e *Nietzsche & para Além do Bem e Mal* (2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Edgar Morin compreende o ser humano como *sapiens* e *demens*, concomitantemente. Essa compreensão aponta também para um novo tipo de filosofia, não apenas aquele marcado pelo exercício da razão?**

**Oswaldo Giacóia** - Certamente, essa diretriz aponta para uma antropologia com horizontes teóricos mais amplos do que a que se inspira dire-

tamente nos textos seminais do final do século XVII e do século XVIII. No entanto, a filosofia nasce e permanece marcada pelo exercício da razão. Atualmente tudo se passa, creio eu, em termos de uma concepção de racionalidade que inclui também tanto o desenvolvimento das ciências e das artes como as contribuições advindas da própria autocrítica da razão.

**IHU On-Line - O que essa mudança de rumos atesta sobre o filosofar na pós-modernidade?**

**Oswaldo Giacóia** - O próprio termo pós-modernidade não deixa de ser problemático; sua utilização como noção ou conceito histórico-filosófico está longe de ser pacífica. Penso que o pensamento filosófico contemporâneo enfrenta a tarefa indeclinável de retomar e reelaborar a questão do universal. Questões como as de fundamentação, de objetividade do conhecimento, de legitimidade, eficácia e vigência dependem da possibilidade de reconhecimento de referências - inclusive axiológicas - com pretensões de alcance universal. A questão das relações entre o universal e sua historicidade permanece um desafio para o pensamento filosófico mesmo "pós-moderno".

**IHU On-Line - Como percebe o diálogo da filosofia com outros saberes, no exercício da transdisciplinaridade? Esse diálogo tem sido mais frequente? Em que aspectos esse debate entre saberes faz "avançar" o conhecimento?**

**Oswaldo Giacóia** - Tendo em vista o próprio desenvolvimento das ciências e das tecnologias no mundo contemporâneo, bem como a extensão e profundidade de suas consequências e impactos, no campo da filosofia teórica, mas também da ética e da política, seria muito estranho que a transdisciplinaridade não avançasse de modo considerável. Essa mesma conjuntura produz seus desdobramentos no campo das artes, e isso não pode deixar de repercutir como estética filosófica.

**IHU On-Line - Cada filosofia é filha de seu tempo. Em linhas gerais, como pode ser caracterizada a filosofia no século XXI?**

**Oswaldo Giacóia** - Para retomar uma expressão cunhada com rara felicidade ainda no século passado por Michel Foucault, diria que a filosofia no século XXI desdobra-se, em suas linhas gerais, na vertente de uma analítica da verdade e de uma ontologia política do presente.

**IHU On-Line - Que autores considera fundamentais dentro da tradição filosófica e cujo legado prossegue expressivo na sociedade pós-moderna?**

**Oswaldo Giacóia** - A seleção de autores fundamentais no interior da tradição parece-me sempre problemática, porque tudo depende do ângulo de avaliação. Penso que a filosofia presente vivifica-se em referência essencial ao conjunto de sua própria tradição. A reflexão sobre problemas, dilemas, impasses e desafios que são nossos hoje é sempre fecundada pelo diálogo com os pensadores cujo legado nos foi transmitido pela história da filosofia. Nesse sentido, as filosofias de Platão e Aristóteles oferecem uma interlocução tão relevante como as de Heidegger ou Wittgenstein, por exemplo.

**IHU On-Line - A filosofia tem que necessariamente propor respostas, ou fazer perguntas e instigar a reflexão continua sendo seu grande papel?**

**Oswaldo Giacóia** - O papel da filosofia esteve sempre comprometido com a independência do pensamento. Por isso acredito que a instrumentalização da filosofia é uma perspectiva de infortúnio. Adorno afirmou certa vez que "a filosofia não serve a nada"; no sentido de colocar-se utilitariamente como instrumento a serviço de alguma demanda ou tarefa especializada - para isso a filosofia não se presta, não serve para nada. Nisso mesmo, porém, consiste sua grandeza, ou seja, na preservação da independência do impulso crítico e emancipatório do pensamento.

**IHU On-Line - Como podemos compreender e atualizar o conceito de filósofos legisladores, a que Nietzsche se refere?**

**Oswaldo Giacóia** - O conceito de filósofos governantes e legisladores não foi criado por Nietzsche; ele foi apropriado e transfigurado no interior de seu programa crítico da metafísica ocidental. A noção nietzscheana de filósofo legislador é problemática, e para sua compreensão exige uma interpretação adequada do conceito de "grande política". O problema da política, por sua vez, constitui um dos aspectos mais controversos da filosofia de Nietzsche.

**IHU On-Line - A partir do surgimento da "ágora virtual", a internet, estaria em xeque a "era dos grandes sábios"? Por quê?**

**Oswaldo Giacóia** - Ágora virtual e internet são parte do problema genuinamente filosófico que diz respeito à necessidade de reflexão sobre a essência da técnica moderna. Somente uma reflexão dessa natureza, com a densidade e a profundidade que a problematização filosófica exige, pode enfrentar essa tarefa do modo como ela merece ser levada em conta, na medida em que implica a questão do futuro da vida humana sobre a Terra. Não se trata de demonizar *a priori* a tecnologia, de vincular o fim da era dos grandes sábios aos progressos dos recursos tecnológicos. Mas não se pode também permanecer no nível da fascinação que oblitera e ofusca a potência do pensamento.

**IHU On-Line - Como o PPG em Filosofia da Unisinos se situa dentro do contexto nacional filosófico? Qual é a sua percepção sobre essa década de vida que está completando?**

**Oswaldo Giacóia** - Tenho a impressão que o PPG em Filosofia da Unisinos, desde sua criação, inseriu-se no contexto filosófico nacional com uma proposta de seriedade inequívoca, que valoriza sobremaneira o compromisso com a excelência acadêmica de seu trabalho nos segmentos do ensino, da pesquisa, da extensão e da orientação, destacando-se também pelo empenho na promoção dos valores éticos que provêm as bases de sustentação e as diretrizes de sentido de nossa cultura. A percepção que tenho a respeito dessa década que ora se cumpre é de realização e avanço permanentes no sentido desse compromisso.

### LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Oswaldo Giacóia à revista IHU On-Line.

\* Sobre técnica e humanismo. Edição nº 20, Cadernos IHU Ideias, de 21-07-2004, disponível em <http://migre.me/65uYP>

\* Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência. Edição nº 330, Revista IHU On-Line, de 24-05-2010, disponível em <http://bit.ly/a20L4m>

\* Superar a condição humana, uma fantasia antiga. Edição nº 344, Revista IHU On-Line, de 21-09-2010, disponível em <http://migre.me/62jRT>

\* Perfil. Edição nº 345, Revista IHU On-Line, de 27-09-2010, disponível em <http://migre.me/62jTC>

## A ontologia indireta da literatura e a ontologia direta da filosofia

Nascida de uma confluência e diálogo de saberes, a filosofia se une à literatura ao nos conscientizar do “brevíssimo tempo de vida” que temos, nos levando a “assumir intensamente nossos atos e pensamentos”, acentua Luiz Rohden

POR MÁRCIA JUNGES

A partir de um diálogo com a poesia, literatura, religião e política é que nasce a filosofia. Assim, pode-se dizer que, desde seus começos, sua razão de ser se dá “no diálogo com outras formas de saber”, pondera Luiz Rohden, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. “Se à filosofia cabe a tarefa de elevar o real ao conceito, a literatura também se envereda nesta direção com a diferença de que o faz por caminhos, digamos, ‘menos abstratos’. Se a filosofia está preocupada em justificar uma ontologia por assim dizer ‘direta’, a literatura institui uma ontologia indireta do ser humano”. Em sua opinião, a literatura parece fornecer matéria-prima para a filosofia: “Nesse sentido, não raramente a literatura traz à linguagem questões que só posteriormente a filosofia, como a coruja de minerva que só levanta voo ao entardecer, confere atenção e interesse especial em elevar ao conceito”.

Rohden é graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, mestre e doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com a tese *Experiência e linguagem: princípios da hermenêutica filosófica*. cursou pós-doutorado na Boston College, nos Estados Unidos. De suas obras, destacamos: *O poder da linguagem: a arte retórica de Aristóteles* (Porto Alegre: Edipucrs, 1997); *Entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem* (São Leopoldo: Unisinos, 2005) e *Interfaces da hermenêutica: método, ética e literatura* (Caxias do Sul: Editora UCS, 2008). Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Quais são as maiores conexões transdisciplinares entre filosofia e literatura?

**Luiz Rohden** - Embora sejam duas áreas distintas do conhecimento humano, com suas idiossincrasias, encontramos conexões íntimas entre ambas. Do ponto de vista do tema abordado, podemos dizer que ambas aproximam-se em seu esforço para explicitar e compreender o ser humano em suas distintas perspectivas e relações. Por outro lado, a literatura parece fornecer uma espécie de matéria-prima à filosofia. Ricoeur<sup>1</sup> corrobora esta

<sup>1</sup> Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir o artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na edição 49 da Revista IHU On-Line, de 24-02-2003, disponível para download em <http://bit.ly/9m0DBP> e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003, disponível para download em <http://bit.ly/ce-xldt>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória sobre Ricoeur*, em função de seu falecimento. Confira o material em <http://bit.ly/aXJIH1>. A formação de Ricoeur se dá em contato com as ideias do existencialismo, do personalismo e da fenomenologia. Suas obras importantes são: *A filosofia da vontade* (primeira

indicação: “que saberíamos nós do amor e do ódio, dos sentimentos éticos e, em geral, de tudo aquilo a que nós chamamos o si, se isso não tivesse sido trazido à linguagem e articulado por meio da literatura?”). Nesse sentido, não raramente a literatura traz à linguagem questões que só posteriormente a filosofia, como a coruja de minerva que só levanta voo ao entardecer, confere atenção e interesse especial em elevar ao conceito.

Nessa perspectiva, a literatura, como um modo de expressão e de constituição da subjetividade, precede à filosofia à medida que tematiza o real ao mesmo

tempo em que cria novas realidades. Dizemos que a ficção precede e ao mesmo tempo institui a [uma] realidade. O fato é que ambas constituam-se na e enquanto linguagem. Se à filosofia cabe a tarefa de elevar o real ao conceito, a literatura também se envereda nessa direção com a diferença de que o faz por caminhos, digamos, “menos abstratos”. Se a filosofia está preocupada em justificar uma ontologia por assim dizer “direta”, a literatura institui uma ontologia indireta do ser humano. Tomemos, a título de exemplo, a afirmação de E. A. Poe de que “quem tem apenas um momento mais de vida / Nada mais tem a dissimular” [Epígrafe empregada por Poe no seu conto “Manuscrito encontrado na Garrafa”, p. 81]. Estampa-se nela a grande questão de que é diante da consciência da finitude que ele, o ser humano, pode viver de forma mais plena e intensa. A morte, ou seja, a vida é uma questão filosófica e literária à

ra parte: *O voluntário e o involuntário*, 1950; segunda parte: *Finitude e culpa*, 1960, em dois volumes: *O homem falível e A simbólica do mal*). De 1969 é *O conflito das interpretações*. Em 1975 apareceu *A metáfora viva*. O sentido do trabalho filosófico de Ricoeur deve ser visto em uma teoria da pessoa humana; conceito - o de pessoa - reconquistado no termo de longa peregrinação dentro das produções simbólicas do homem e depois das destruições provocadas pelos mestres da “escola da suspeita”. (Nota da IHU On-Line)

medida que sua tematização nos ajuda a viver melhor, o que equivale a dizer que ela nos dá dicas para aprender a morrer. A consciência do nosso brevíssimo tempo de vida nos leva assumir intensamente nossos atos e pensamentos, e nisso a filosofia e a literatura encontram-se de mãos dadas.

**IHU On-Line - A filosofia tem conseguido dialogar com outros saberes e culturas?**

**Luiz Rohden** - A filosofia nasce do diálogo com a poesia, com a literatura, com a religião, com a política. Sua razão de ser enraíza-se, desde suas origens, no diálogo com outras formas de saber. Aliás, ela originou-se da confluência das diferentes culturas existentes em sua volta. Daí porque não podemos reduzir a filosofia à sua história, mas não devemos prescindir dela jamais. Mais que historiografia ou estudo de conceitos, filosofar implica dialogar com os diferentes saberes e culturas. Para corroborar isso, lembro que o curso de graduação de Filosofia da Unisinos oferece disciplinas de *Filosofia e Literatura*, *Filosofia e Pensamento Oriental*, *Filosofia e Técnica*, *Filosofia e Bioética* e na pós-graduação são disponibilizados seminários sobre temas de fronteira.

**IHU On-Line - Há um diálogo ou pontos de aproximação entre a filosofia oriental e a ocidental? Se sim, em que consistem?**

**Luiz Rohden** - Em primeiro lugar, as relações entre filosofia e pensamento oriental são tomadas, muitas vezes, como tensas e excludentes. Um olhar cuidadoso, porém, nos revela que a filosofia grega alimentou-se da tradição oriental agregando-lhe um elemento próprio, ou seja, uma leitura conceitual, ou uma espécie de formalização daquele saber.

Se o pensamento oriental baliza sua proposta em função de uma vida melhor tramada pela noção de totalidade, a filosofia também se pauta por ela com a pretensão, porém, de procurar abstrair e explicitar aquela proposição em uma forma teórica. Se a primeira pode ser vista como uma proposta de se viver a unidade, a segunda continua nesse caminho com o acréscimo de procurar justificá-la com argumentos passíveis de

## “A literatura parece fornecer uma espécie de matéria-prima à filosofia”

serem compreendidos por todos e não apenas por aqueles que creem neste ou naquele deus. Com isso não emitimos um julgamento moral sobre a distinção entre ambas.

Particularmente, às vezes tenho a impressão de que o pensamento oriental encontra-se espelhado, por exemplo, na filosofia prática de Aristóteles, ou, mais precisamente, em seus tratados sobre ética. Sou da opinião de que se a política e a economia já perceberam a necessidade vital de estreitar laços entre Oriente e Ocidente, à filosofia cabe também a tarefa urgente de enveredar-se em tal caminho por razões da sua própria natureza dialogante.

**IHU On-Line - Em que aspectos Guimarães Rosa é um místico-metafísico?**

**Luiz Rohden** - Na sua obra *Tutameia*, Rosa nos brinda com a seguinte declaração: “a vida também é para ser lida, não literalmente, mas no seu suprassenso”. Trata-se de uma pista que nos aponta um caminho de fazer literatura similar ao procedimento metafísico na medida em que justifica um modo de compreendermos a vida não “literalmente”, mas “no seu suprassenso”, não apenas materialmente, mas metafisicamente. Sabemos todos que não nos alimentamos apenas de pão, mas de símbolos, de ideias. Em meio à multiplicidade, à temporalidade e à diversidade da vida, por natureza somos seres metafísicos na medida em que procuramos encontrar e tecer uma unidade à imagem do cosmos. Riobaldo, o jagunço metafísico por excelência, especulava ideias e expressou seu anseio metafísico dizendo “porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total”. Esta ânsia pela totalidade expressa a dimensão místico-metafísica do humano, constitui-se pelo esforço de compreensão do real e plenifica-se numa experiência inobjetivável ao modo

daquele que nos apresenta Platão na sua *Carta Sétima*.

Guimarães, ao falar de sua obra, nos revelou que seus livros são, em essência, “‘anti-intelectuais’ - defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão”. Aliás, era um conhecido leitor da tradição mística, sendo Plotino um dos seus preferidos.

**IHU On-Line - Em que consiste a hermenêutica filosófica de Gadamer? Quais são suas principais proposições e porque continua sendo tão atual?**

**Luiz Rohden** - Em primeiro lugar, não se trata apenas de uma técnica ou arte de interpretar como usualmente se veicula. Ao apropriar-se da tradição hermenêutica - ainda que basicamente enquanto técnica e arte de interpretação - que o precedeu, Gadamer elaborou uma concepção própria de *hermenêutica enquanto filosofia*, que lança suas raízes na filosofia grega apropriando dela principalmente a arte do diálogo socrático-platônico e o conceito de *phrônesis* de Aristóteles.

A hermenêutica filosófica cunhada por ele erige-se sobre a consciência de caminharmos das palavras aos conceitos e desses àquelas ao modo da dialética ascendente e descendente de Platão. Finitos que somos, nos resta assumir o modo amante de ser, de saber, de conhecer o real como totalidade a partir da particularidade e temporalidade que nos constitui. Desse modo, “o que importa é que nos tornemos conscientes desta nossa limitação para ampliar nosso horizonte e crescer um pouco mais além de nosso ponto de vista peculiar, ainda que nunca possamos ir muito mais além de nossa finitude”, o que está espelhado no lema socrático *só sei que nada sei* - diferentemente da atitude do cético, assim como da arrogância do homem moderno. Afinal de contas, “o metodicamente controlável só abarca uma ínfima parte de nossa experiência da vida”. Ora, isso se aplica igualmente aos temas da verdade, do tempo, da vida, do real, enfim, do ser.

Guiado pelos modelos estruturais do jogo, do círculo, do diálogo que tramam sua concepção filosófica, corroboramos, com Gadamer, que o princípio supremo

de toda hermenêutica filosófica é “que nunca podemos dizer totalmente aquilo que nós queríamos dizer” e por isso estamos aí a buscar palavras para as coisas ao modo do amante em busca de sua amada.

**IHU On-Line - Quais são os maiores desafios das universidades no ensino da filosofia e no estímulo à reflexão própria, à pesquisa?**

**Luiz Rohden** - Além de ser um espaço no qual a tradição é relida, a universidade constitui um ambiente em que pesquisadores e estudantes aprendem a arte de apreender o espírito do tempo que os envolve. É isso que nos possibilita oferecer uma palavra mais apropriada e coerente para suprir carências da sociedade, alimentar nossa alma e contribuir no processo de uma crescente consciência e postura republicanas.

Além de abertura, tal perspectiva requer uma aguda percepção da realidade e disponibilidade para reelaborar modos de integrar técnica e história numa perspectiva totalizante e dinâmica aliando qualidade técnica e excelência acadêmica.

Dito de outro modo, o grande desafio é articularmos a aquisição e a transmissão de conhecimento qualitativos com o constante cuidado de nós mesmos, do mundo. Sim, o exame constante de nossas vidas à luz da tradição filosófica no tempo em que nos encontramos perseguindo uma vida autêntica e uma sociedade justa e livre exige que dialoguemos com distintos temas e problemas como: pensamento oriental, mundo digital, economia, política, religião, literatura, futebol e até vinho onde também encontramos a verdade.

#### LEIA MAIS...

Luiz Rohden já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line.

\* Guimarães Rosa, um amante do saber. Edição 275 da Revista IHU On-Line, de 29-09-2008, disponível em <http://migre.me/62fC7>;

\* A crítica de Gadamer e Kierkegaard à filosofia abstrata. Edição 314 da Revista IHU On-Line, 09-11-2009, disponível em <http://migre.me/62fFg>;

\* IHU Repórter. Edição 378 da Revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/62fDy>;

\* Rosa: os textos e a trama de fios. Edição 360 da Revista IHU On-Line, de 09-05-2011, disponível em <http://migre.me/62fHv>.

## A memória como possibilidade de crítica à filosofia

História da filosofia é fundamental para que esse saber possa avançar, afirma Alfredo Culleton. Ockham e Suarez continuam sendo pensadores atuais dentro do debate contemporâneo

POR MÁRCIA JUNGES

**É** preciso reinventar não só a filosofia, mas todas as ciências e saberes, sobretudo no Brasil. A opinião é do filósofo Alfredo Culleton, na entrevista que concedeu por e-mail à IHU On-Line. Questionado sobre se fazer história da filosofia é, também, fazer filosofia, enfatizou: “Se nas ciências em geral o esquecimento é a condição para o seu desenvolvimento, na filosofia a memória é a sua possibilidade crítica”. Especialista no pensamento de Francisco Suarez e Guilherme de Ockham, Culleton retoma a discussão sobre o nominalismo: “As proposições de linguagem são algo sujeito à verdade ou falsidade. As coisas não. Nem tudo é linguagem, mas a verdade o é. Historicamente se chama de nominalista, de maneira depreciativa, àquela tradição pré-moderna, supostamente consolidada por Ockham, que relativiza uma natureza objetiva para as coisas e sustenta que o que era chamado de ser ou natureza de algo não era mais do que uma palavra ou nome (de aqui nominalista) convencionalmente aceito”. Outro assunto da entrevista é o início do bacharelado premium em Filosofia da Unisinos, cujas aulas iniciam em março de 2012.

Culleton é graduado em Filosofia, pela Universidade Regional no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, mestre em Filosofia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e doutor em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com a tese *Fundamentação ockhamiana do Direito Natural*. Atualmente, leciona nos cursos de graduação e mestrado em Filosofia na Unisinos e é coordenador da graduação em Filosofia. É colaborador na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, e na Universidade de Buenos Aires - UBA, Argentina. Atua como assessor do escritório da Sociedade Internacional para Estudos da Filosofia Medieval - SIEPM. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Fazer história da filosofia é, também, fazer filosofia? Por quê? Poderia recuperar as raízes desse antigo e espinhoso debate que se desenrola no Brasil?**

**Alfredo Culleton** - A filosofia é um modo de reflexão que depende da sua própria história. Boécio<sup>1</sup> tem

1 Anício Mânlio Torquato Severino Boécio (480-524): filósofo, estadista e teólogo romano que se notabilizou pela sua tradução e comentário do Isagoge de Porfírio, obra que se transformou num dos textos mais influen-

uma imagem muito bonita no seu livro *A consolação da filosofia*, onde a filosofia é uma mulher vestindo roupas deslumbrantes que tem numa mão um livro e na outra um cetro. O livro representa a tradição e o cetro, a autoridade, o poder da razão. Fazer filosofia sem história tem dois riscos primordiais: por um lado descobrir muitas vezes a mesma coisa, e

tes da Filosofia medieval europeia. (Nota da IHU On-Line)

por outro os totalitarismos característicos da modernidade que desde 1600 tentaram fazer isso - tornar a filosofia uma ciência como as outras. Se nas ciências em geral o esquecimento é a condição para o seu desenvolvimento, na filosofia a memória é a sua possibilidade crítica.

### **IHU On-Line - Quais são as maiores contribuições de Ockham<sup>2</sup> e Suarez<sup>3</sup> à filosofia e em que seus pensamentos continuam atuais?**

**Alfredo Culleton** - Só para colocar um exemplo, é do jesuíta espanhol o primeiro e único tratado sistemático de metafísica na história da filosofia. O seu livro *Disputações metafísicas* recuperou toda a história da filosofia a respeito e acrescentou uma nova perspectiva, própria do seu tempo, incorporando uma maneira de ler Aristóteles que foi inaugurada por Ockham

2 William de Ockham (1285-1350): filósofo lógico, teólogo escolástico inglês, frade franciscano e criador da teoria conhecida como Navalha de Ockham (em inglês, Ockham's Razor), que dizia que as "pluralidades não devem ser postas sem necessidade". Considerado um dos fundadores do nominalismo, teoria que afirmava a inexistência dos universais, que seriam apenas nomes dados às coisas, e portanto produto de nossa mente sem uma existência prática assegurada. Por causa de suas ideias foi excomungado pela Igreja. O conceito, bastante revolucionário para a época, defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. Ockham foi discípulo do filósofo Duns Scotus e precursor do empirismo inglês, do cartesianismo, do criticismo kantiano e da ciência moderna. (Nota da IHU On-Line)

3 Francisco Suarez (1548-1619): teólogo jesuíta espanhol nascido em Granada. Estudou latim, direito, filosofia e teologia em Salamanca. É um dos fundadores do direito internacional e criador da doutrina do suarismo. A partir de 1570, trabalhou como instrutor de teologia em vários centros dos jesuítas, na Espanha e em Roma, até se estabelecer como professor de teologia na Universidade de Coimbra (1597), Portugal, pertencente então à coroa espanhola, por indicação do rei Filipe II. Ali firmou sua conduta erudita e tornou-se o principal representante da nova escolástica do século XVI. Sua obra mais influente foi *Disputationes Metaphysicae* (1597), um amplo tratado que articulava todo o saber metafísico, concebido como teologia natural. Escreveu várias obras por encomenda do papa Paulo V e de outras autoridades religiosas, como *De legibus* (1612) e *Defensio fidei catholicae* (1613), destinadas a elaborar uma teoria jurídica e política baseada nos princípios católicos. Negou o direito divino dos reis e pregou o direito do povo derrubar qualquer monarca que atuasse contra o interesse social. Também criticou muitas das práticas da colonização espanhola nas Índias. Lecionou filosofia em Segóvia e teologia em Valladolid. (Nota da IHU On-Line)

que dá à linguagem um papel preponderante na maneira de pensar o ser. Esse protagonismo da linguagem vai marcar a modernidade até os dias atuais. Por outro lado, criticar a metafísica sem se referir a esta obra do Suarez é petulância e amadorismo no tema. Isto sem falar no *De Legibus*, texto onde se formula de maneira original e atual uma fundamentação do direito e um direito internacional que consegue articular elementos ontológicos e contratualistas, surpreendentemente.

### **IHU On-Line - Por que você está estudando a filosofia colonial? Que projeto é esse?**

**Alfredo Culleton** - É um projeto de Cooperação Internacional apoiado pela Capes desenvolvido pela instituições de ensino: Unisinos, PUCRS, Católica do Perú e Católica do Chile, o qual visa recuperar a filosofia desenvolvida na América Latina em universidades e centros de altos estudos entre 1551, data da fundação da Universidade de San Marcos em Lima e as primeiras independências no início do século XIX. São quase 300 anos de uma vasta produção intelectual não só na área de filosofia e teologia como também na economia, ética e direito. Autores latino-americanos que ensinam e publicam nas colônias e que servem como referências para as universidades europeias, como é o caso de Antonio Rubio com a sua *Lógica mexicana*, que foi adotado como livro-base na Universidade de Alcalá por gerações, ou Nicolau de Olea, um jesuíta que introduziu a filosofia de Descartes nas colônias no século XVII.

### **IHU On-Line - Na última entrevista que concedeu à IHU On-Line, você afirmou que "A verdade é uma formulação de linguagem". Tomando isso em consideração, como analisa o nominalismo dentro do debate filosófico atual?**

**Alfredo Culleton** - As proposições de linguagem são algo sujeito à verdade ou falsidade. As coisas não. Nem tudo é linguagem, mas a verdade o é. Historicamente se chama de nominalista, de maneira depreciativa, àquela tradição pré-moderna, supostamente consolidada por Ockham, que relativiza

uma natureza objetiva para as coisas e sustenta que o que era chamado de ser ou natureza de algo não era mais do que uma palavra ou nome (de aqui nominalista), convencionalmente aceito. A modernidade, pela dificuldade que se tem em acessar o que as coisas são achou por bem e prático convencionar o que coisas como *justiça, bem, certo ou errado* sejam. Isso levou a pensar que estas coisas não existissem e que pudessem ser pura convenção. Provavelmente muita coisa seja relativa e sujeita à convenção, mas para a filosofia, desde sempre, há algumas poucas coisas que são objetivas e podem ser conhecidas e ditas como verdade. Nós, seres humanos, *sabemos e dizemos* com tranquilidade que aquele que matar outro ser humano *tem que dar* uma explicação.

### **IHU On-Line - Quais são as motivações para o lançamento do bacharelado em Filosofia da Unisinos?**

**Alfredo Culleton** - A Unisinos há muitos anos tem bacharelado e licenciatura. Nos últimos tempos, por diferentes motivos, entre os que destacamos um decréscimo na procura geral das licenciaturas e a ampliação do número de vagas nas universidades estatais, a quantidade de candidatos à licenciatura vem diminuindo progressivamente. Para garantir a sustentabilidade do curso e responder a uma demanda antiga dos candidatos, e sem abrir mão da licenciatura, a Unisinos oferece um bacharelado diferencial, que chamamos *premium*, capaz de instrumentalizar o discente com os melhores meios disponíveis de formação, para habilitá-lo à carreira de pesquisador mediante a capacitação para pensar sistemática e criticamente temas e problemas da tradição filosófica e do mundo contemporâneo.

### **IHU On-Line - Que inovações o curso traz em sua proposta?**

**Alfredo Culleton** - Alguns dos diferenciais são um corpo docente integralmente constituído de doutores/pesquisadores, com pós-doutorado no exterior e vasta experiência em orientação e formação; um professor tutor do corpo permanente do curso desde o primeiro semestre; participação e

aproveitamento das aulas de pós-graduação, *stricto e lato sensu*, a partir de 70% do curso concluído; participação no grupo de pesquisa do professor tutor; possibilidade de dar continuidade à pesquisa filosófica na sua área científica de interesse (p. ex.: direito, economia, ciências sociais, bioética, ciência da religião, psicologia entre outros) nos níveis de especialização, mestrado e doutorado; desconto especial para quem estiver cursando segunda carreira; a possibilidade de bolsa de iniciação científica voluntária para todos os alunos que dispuserem do tempo requerido para a participação em projeto de pesquisa: 20 horas, com chance de concorrência à bolsa de iniciação financiada por agências de pesquisa e pela universidade; possibilidade de intercâmbio com as universidades de Buenos Aires, University of London, Católica do Perú e a rede de universidades jesuíticas do mundo além de outras com as quais a área está construindo parcerias. Outros diferenciais são a participação, a partir da conclusão de 70% do curso e mediante processo seletivo, na equipe de editores da *Revista Controvérsia*. Esta revista-escola se propõe a envolver o aluno no processo de editoração do periódico científico, designação de avaliadores, pareceres, e tudo o que

## “É preciso reinventar todas as ciências e saberes constantemente em todo lugar e muito especialmente no Brasil”

envolve uma publicação de qualidade; acesso ao acervo virtual FiloWeb-Unisinos, com cursos, tutoriais, conferências e podcasts.

**IHU On-Line - Quando inicia a primeira turma, quantos alunos são aguardados e qual é a expectativa para o primeiro semestre?**

**Alfredo Culleton** - Iremos receber os candidatos no próximo vestibular para iniciar no primeiro semestre de 2012. Outro diferencial importante é que o bacharelado contará com um desconto de 40% no valor do crédito. Realmente uma proposta inovadora e atraente que responde a uma demanda e ao interesse de muitos dentro e fora da universidade.

**IHU On-Line - É preciso reinventar a filosofia ou a forma de estudá-la? Por quê?**

**Alfredo Culleton** - Certamente. É pre-

ciso reinventar todas as ciências e saberes constantemente em todo lugar e muito especialmente no Brasil. Precisamos levar a sério a **excelência** daquilo que fazemos nas diversas áreas da filosofia; a filosofia ajuda a pensar e pensar bem e isso exige muita leitura e domínio de línguas. Não há nova forma de estudá-la; é sempre ler e escrever muito e bem. Em tempos de alta produção e resultados a tendência é deixar de lado a qualidade e a excelência. Em geral, está se publicando mais do que se está lendo. Melhor é publicar menos, cuidando mais da qualidade.

### LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Alfredo Culleton à Revista IHU On-Line.

\* Em nome de Deus: um retrato de época. Edição número 160, Revista IHU On-Line, de 17-10-2005, disponível em <http://migre.me/62j5K>;

\* A interculturalidade medieval. Edição número 198, Revista IHU On-Line, de 02-10-2007, disponível em <http://migre.me/62j7u>;

\* Ninguém aceita a morte por suposição. Edição número 269, Revista IHU On-Line, de 18-08-2008, disponível em <http://migre.me/62j6v>;

\* Ninguém aceita a morte por suposição. Edição número 269, Revista IHU On-Line, de 18-08-2008, disponível em <http://migre.me/62j6v>;

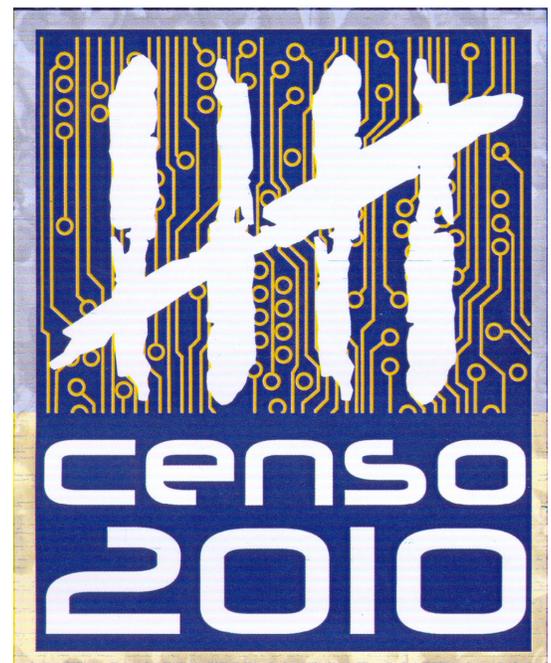
\* “A verdade é uma formulação de linguagem”. Edição número 363, Revista IHU On-Line, de 30-05-2011, disponível em <http://migre.me/62j8D>.

## Oficina sobre os dados censitários 2010 da Região do Vale do Sinos

Prof. MS Ademir Barbosa Koucher, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Data: 16/11/2011

Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)



## 10 anos do PPG em Filosofia da Unisinos: desafios, avanços e perspectivas

Ao longo de sua primeira década de existência, o curso ganhou o respeito da comunidade acadêmica filosófica brasileira. Planos de expansão incluem a primeira disciplina oferecida totalmente em inglês e o lançamento de uma especialização sobre História da Filosofia

POR MÁRCIA JUNGES E THAMIRIS MAGALHÃES

O coordenador do PPG em Filosofia da Unisinos, Adriano Naves de Brito, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, afirma que nessa década de curso há muitas conquistas a serem comemoradas. Nos próximos anos, no entanto, os planos para seu aperfeiçoamento são ainda maiores. “Lançamo-nos nessa próxima década com o ímpeto da internacionalização. Muitos são os desafios que teremos de enfrentar nesse campo, inclusive o da língua, mas vamos nos preparando para isso. Já em 2012, iremos oferecer a primeira disciplina totalmente em inglês e esperamos que a experiência possa ser repetida pelo menos uma vez ao ano e depois intensificada”. Essa será, segundo o docente, uma oportunidade importante de aprendizagem para os professores e alunos.

Adriano Naves de Brito é, desde 2005, professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. É doutor pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Estudou, no âmbito do doutorado, na Universidade de Bielefeld, Alemanha, país em que também cumpriu estágio pós-doutoral, na área da filosofia, na Universidade de Tübingen. Concluiu o mestrado pela UFRGS, tendo feito, durante o curso, intercâmbio discente na Unicamp. Coordena o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos e dirige a Sociedade Brasileira de Filosofia Analítica - SBFA. Em sua pesquisa atual, investiga, a partir das teorias e literatura recentes, o valor na interseção com o interesse, a normatividade a partir da interação humana e sob a luz do modelo do funcionamento da linguagem humana, e a liberdade, numa perspectiva imanente, naturalizada e evolucionista. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Na última entrevista que concedeste à IHU On-Line, afirmavas que a filosofia analítica, tal como concebida tradicionalmente, esgotou-se. Contudo, continuam a interessar os “exercícios filosóficos com caráter preponderantemente lógico, como a metafísica analítica, derivada da lógica modal”. Qual é a relevância dessas discussões e o que elas apontam de temas candentes no pensamento filosófico?**

**Adriano Naves de Brito** - Antes de tudo, vale a pena reiterar algo que indiquei na entrevista passada<sup>1</sup>, a saber, que o conceito de filosofia analítica é

hoje muito menos preciso na sua delimitação da produção filosófica do que o foi na sua origem, de sorte que hoje os polos antes em disputa, filosofia analítica e filosofia continental, estão muito mais entretecidos do que a história dessa oposição poderia antecipar. E isso se deve a que as questões colocadas à filosofia levam-na (hoje, assim como no seu nascimento, vale frisar) a explorar zonas metodológicas no cruzamento de diversas tradições, no caso contemporâneo, também no cruzamento da fenomenologia com a análise lógica. Há, pois, entrecruzamentos importantes e que são feitos mediante o enfrentamento de problemas. Diferente disso é o trabalho historiográfico que se dedica a questões de interpretação de textos e à

reconstrução do universo filosófico dos autores. Não obstante a importância desse trabalho em torno da história da filosofia, ele vai se tornando menos dominante na produção da área.

Retomando a sua questão, a chamada filosofia analítica começou definida pelo método de análise lógica da linguagem como instrumento de elaboração de teorias filosóficas. Exemplos eloquentes disso são os artigos intitulados *Sobre o sentido e a referência*, de Frege e *Da denotação*, de Russell, além do livro *Tractatus logico-philosophicus*, de Wittgenstein. Com esse método, a filosofia ganhou um poderoso aliado para revisitar seus temas tradicionais, avaliar seus resultados e propor soluções alternativas. Isso foi feito em profusão no século XX. Ocor-

<sup>1</sup> A referida entrevista foi publicada na IHU On-Line número 363, de 30-05-2011, intitulada *O esgotamento da filosofia analítica e disponível em <http://bit.ly/KJZC3W>* (Nota da IHU On-Line)

re que o método, como é natural, foi sendo enriquecido pelas ciências que sempre foram vistas como aliadas pela tradição analítica e tal método chegou a um esgotamento quanto à sua capacidade de fazer avançar a filosofia sem uma conexão ainda mais profunda com as ciências. A situação atualmente é exatamente essa. Discute-se, em vários seminários pelo mundo, que a “filosofia de poltrona” (*armchair philosophy*) pode contribuir com a investigação de temas candentes como a mente e a ética aplicada, para citar apenas dois. Do lado dos defensores da filosofia de poltrona estão justamente os que, fortemente amparados nos instrumentos lógicos, fazem metafísica em sentido clássico. Essa, como mencionei, é uma discussão em curso. De minha parte, sou um naturalista em filosofia e defendo um modelo de conhecimento filosófico não apriorista, mas amparado e em diálogo com as ciências empíricas. A propósito dessa discussão, em novembro deste ano, dias 24 e 25, vamos realizar aqui na Unisinos um workshop justamente sobre esse tema, com o título: “Novos horizontes metodológicos à pesquisa em Filosofia”. Quem se interessar, que venha e participe. São todos bem-vindos.

**IHU On-Line - Conforme Bertrand Russell, a filosofia é uma espécie de “Terra de ninguém”, campo intermediário entre a ciência e a teologia. Pensando na época em que vivemos, profundamente marcada pela técnica e pelo relativismo, o que é a filosofia e quais são suas peculiaridades?**

**Adriano Naves de Brito** - A filosofia é terra de ninguém porque é um empreendimento por terra incógnita. Uma investigação na fronteira do conhecimento. Assim que essa fronteira é conquistada, ela se move adiante, para além desses limites conquistados. Com isso ela e as ciências com as quais está mais e mais imbricada exploram e conquistam novas terras, mas também redefinem a geografia do conhecimento, ressitando o que já era conhecido. Nesse sentido, a filosofia não é hoje muito diferente do que tem sido sempre.

## “Não há uma diferença fundamental entre o que é ser filósofo hoje e o que o definiu na sua origem grega. O seu interesse pelo conhecimento o define”

**IHU On-Line - Não viver em segurança, mas também não ficar paralisado pela hesitação é o benefício que a filosofia oferece àqueles que a estudam, ponderava Russell. O que é ser filósofo hoje?**

**Adriano Naves de Brito** - É imiscuir-se nos assuntos indecisos; é costurar as linhas divisórias entre os campos do conhecimento e é se arriscar por terras desconhecidas do conhecimento humano em diálogo e parceria com as ciências, com a observação, com a argumentação e sem apego excessivo às concepções estabelecidas. Por óbvio que há diferenças circunstanciais entre o que o filósofo faz atualmente e o que fizeram seus congêneres em outros momentos históricos, mas não há uma diferença fundamental entre o que é ser filósofo hoje e o que o definiu na sua origem grega. O seu interesse pelo conhecimento o define.

**IHU On-Line - Em que medida a filosofia continua a ser a disciplina que Kant apontava como ocupada com quatro grandes questões: a metafísica, a religião, a ética e a antropologia?**

**Adriano Naves de Brito** - Essas questões cobrem regiões muito amplas e profundas das inquietações humanas e isso não mudou. É possível, contudo, identificar, ao longo da história da filosofia, que um peso diferente foi dado a cada uma delas, à exceção da ética, na respostas que foram sendo formuladas. Se houve épocas em que o eixo sobre o qual se sustentavam as respostas, esse estava na metafísica; em outras, ele estava na religião. A antropologia veio ocupando este lugar com peso crescente desde a modernidade e

hoje, creio, é o campo no qual a disputa em torno dos problemas filosóficos vai ser decidida. Vivemos um momento em que se consolida a passagem da metafísica residual da filosofia moderna à antropologia. Essa exercida, cada vez mais, com recursos da biologia, da psicologia, da neurologia, da economia e de tantas outras ciências do homem. Conseguimos, nesse século, reunir um cabedal de conhecimentos que nos permitem realizar grande parte do que almejávamos os pensadores do século XIX, quando estabeleceram as bases das ciências humanas. Estamos mais bem aparelhados do que em qualquer período histórico para conhecer o homem e, num conceito que nos remete a Aristóteles, tentar lhe proporcionar uma vida boa.

**IHU On-Line - O que caracteriza a história do PPG em Filosofia da Unisinos nessa primeira década de atuação?**

**Adriano Naves de Brito** - Essa foi a década da construção do PPG em Filosofia. Sob a liderança do Pe. Marcelo Aquino, unida à disposição pioneira do colegiado da Filosofia daqueles anos iniciais, preparou-se o projeto que foi exitosamente implementado em 2001, com a abertura da primeira turma do mestrado. As primeiras dissertações foram defendidas dois anos depois, num ritmo mantido até hoje. Com isso se fechou a primeira fase de construção do Programa. O próximo passo foi a busca pela aprovação do doutorado, já previsto no projeto inicial, mas que dependia da consolidação do mestrado. Em 2007, então sob a liderança do professor Inácio Helfer, o doutorado foi aprovado e a primeira turma começou os seus estudos em 2008. As primeiras teses serão defendidas no início do próximo ano, concluindo o processo de implantação plena do Programa. Nesses dez anos de muito aprendizado, o PPG em Filosofia da Unisinos também teve de aprender a se despedir de alguns pioneiros, aos quais muitíssimo se deve. Márcia Tiburi, José Nedel e Mario Fleig deixaram o colegiado e o docente Carlos Roberto Cirne-Lima deixou as atividades regulares de docência para nos acompanhar como Professor Emérito, título raramente concedido pela

instituição. Novos valores humanos foram paulatinamente agregados ao grupo que se prepara para, nos próximos dez anos, se consolidar como um dos melhores centros de pesquisa em filosofia do país. Uma menção especial deve ser feita à integração entre a pós-graduação e a graduação de Filosofia durante estes últimos dez anos. Graduação e pós-graduação estreitaram seus laços até o ponto de construir um só colegiado e formar, a partir daí, um único núcleo de filosofia com todos os níveis de formação, da licenciatura ao pós-doutorado. A liderança do professor Celso Candido Azambuja na graduação, continuada desde o início desse ano pelo docente Alfredo Culleton, foi decisiva para esse avanço. Fechamos, pois, os dez anos, como um núcleo de ensino maduro, que soube vencer desafios e enfrentar mudanças, mas que o fez buscando sinergia, sustentabilidade e inovação. Acima de tudo, porém, esse grupo sempre manteve o foco na excelência e na tarefa de oferecer a melhor formação possível a todos os seus discentes.

**IHU On-Line - Como a Unisinos se situa em termos de pesquisa em relação à filosofia no Brasil?**

**Adriano Naves de Brito** - Nesses dez anos de construção, o PPG em Filosofia da Unisinos ganhou o respeito da comunidade acadêmica filosófica brasileira. Nossa trajetória esteve sempre marcada pela lealdade às regras institucionais dos órgãos de avaliação e pela disposição de, pelo mérito, receber as licenças que nos eram necessárias para implantarmos plenamente o projeto gestado no início dessa década. Foi também uma trajetória de incessante procura pela qualificação e pela excelência acadêmica, e que tem sido paulatinamente reconhecida em nível nacional. Mediante a editora, mantemos um fluxo de publicações na área que é referência em qualidade. Nossas revistas se profissionalizaram e avançamos a passos firmes para a internacionalização do periódico *Filosofia Unisinos*. Nossos docentes estão profundamente integrados às atividades da filosofia no Brasil, seja na direção de entidades acadêmicas, seja na

**“Já em 2012, iremos oferecer a primeira disciplina totalmente em inglês e esperamos que a experiência possa ser repetida pelo menos uma vez ao ano e depois intensificada”**

organização de eventos ou na inserção no debate filosófico. Tudo isso nos tem colocado como atores importantes na filosofia brasileira. Não somos um curso tradicional no país, mas temos buscado primar por sermos os que desejam inovar, mediante a experimentação de modelos, temas e processos novos na filosofia, sem, contudo, descuidar da tradição na qual estamos inseridos e na qual nossos alunos buscarão se posicionar.

**IHU On-Line - Quais são os planos, objetivos para o futuro desse curso da Unisinos?**

**Adriano Naves de Brito** - Lançamos nessa próxima década com o ímpeto da internacionalização. Temos clareza que o processo de integração da vida acadêmica nacional com nossos congêneres no exterior é caminho necessário e sem volta. Muitos são os desafios que teremos de enfrentar nesse campo, inclusive o da língua, mas vamos nos preparando para isso. Já em 2012, iremos oferecer a primeira disciplina totalmente em inglês e esperamos que a experiência possa ser repetida pelo menos uma vez ao ano e depois intensificada. Será uma oportunidade importante de aprendizagem para nossos professores e alunos. Também em 2012, começamos o curso de Especialização História da Filosofia: os clássicos e suas obras em profunda integração com a pós-graduação. Nesse curso, em modelo singular e experimental na instituição, vamos oferecer aos discentes uma sólida formação em história da filosofia mediante a lei-

tura minuciosa de obras clássicas. Retomaremos, no próximo semestre, as ofertas de vagas na graduação com um bacharelado *premium*, num modelo inovador e caracterizado pelo acompanhamento personalizado do aluno desde o início do curso por um orientador. No campo da pesquisa, a instalação de vários laboratórios com recursos conquistados pela área de humanidades junto à Finep, em movimento inédito no país, nos há de colocar em condições de interagir em termos mais simétricos com os grupos de pesquisa no exterior. Merece destaque o laboratório de Ciências Cognitivas que nos dará condições de abordar os grandes e atuais temas relacionados às pesquisas do cérebro e seus desdobramentos para as questões filosóficas. Finalmente, no campo da aplicação do saber filosófico e no espírito do trabalho interdisciplinar, esperamos submeter em 2013 uma proposta de mestrado profissional em Ética Aplicada, que, se bem sucedido, será o primeiro do gênero no país.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Adriano Naves de Brito** - Estivemos, neste ano de comemorações, promovendo uma série de conferências sob o título geral **PPG Filosofia Unisinos: 10 anos**. Fecharemos esta série com o XIV Colóquio de Filosofia, nos dias 8, 9 e 10 de novembro. Conclamamos a comunidade da Unisinos a vir celebrar conosco ao modo que mais cabe à academia, com boa discussão, boa crítica e, oxalá, muito boa filosofia.

#### LEIA MAIS...

Confira outras entrevistas concedidas por Adriano Naves de Brito à IHU On-Line.

\* IHU Repórter. Edição nº 211, revista IHU On-Line, de 12-03-2007, disponível em <http://migre.me/63ctp>

\* Cirne-Lima, um filósofo com grande respeito pelas ciências. Revista IHU On-Line nº 261, de 09-06-2008, disponível em <http://migre.me/63ctJ>

\* Ética e sentimentos morais. Cadernos IHU Ideias número 52, em autoria com Thomas Kesselring, disponível em <http://migre.me/63cuX>

\* O esgotamento da filosofia analítica. Revista IHU On-Line nº 363, disponível em <http://migre.me/63cvj>

## A filosofia precisa de mais audácia

Diálogo com clássicos do passado, reinterpretando nossas questões atuais é imprescindível, adverte Paul Valadier. Assim como a literatura, a filosofia “está ameaçada pelos sistemas escolares ou universitários que creem poder substituí-los somente pelas disciplinas científicas”

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“U ma filosofia que não responde às questões existenciais que se colocam os homens é digna deste nome?” O questionamento é do filósofo jesuíta francês Paul Valadier, na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. O maior desafio dessa área de conhecimento hoje é ter mais audácia, pondera. “De maneira estranha, é o que não cessaram de solicitar aos filósofos papas como João Paulo II e Bento XVI”. Valadier observa que as filosofias “mais fecundas” são as que “não cessam de meditar e de reinterpretar as grandes questões lançadas pelos antigos, mas, a partir das questões que são as nossas”. Ele discute, ainda, a tradição filosófica francesa e a colaboração da Companhia de Jesus: “a tradição jesuíta deve honrar a filosofia para formar espíritos livres, críticos, refletidos, capazes de discutir, de justificar suas posições, de entender e compreender as dos outros”.

Paul Valadier é professor de filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É licenciado em Filosofia pela Sorbonne, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Lyon. Foi redator da revista *Études* e é autor de uma vasta bibliografia, da qual citamos: *Nietzsche et la critique du christianisme* (Paris: Cerf, 1974); *Essais sur la modernité, Nietzsche et Marx* (Paris: Cerf, 1974); *Nietzsche, l'athée de rigueur* (Paris: DDB, 1989); e *Nietzsche l'intempestif* (Paris: Beauchesne, 2000). É autor, também, de *La part des choses. Compromis et intransigeance* (Paris: Lethielleux - Groupe DDB, 2010), e *Elogio da consciência* (São Leopoldo: Unisinos, 2001). Foi conferencista no Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, com as conferências A moral após o individualismo e O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo. A esse respeito, confirma o artigo *O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo: leitura filosófica e teológica*, publicado na coletânea *O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos* (Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Leopoldo: Unisinos, 2009). Em 13-08-2009, convidado pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, proferiu a conferência Narrar Deus no horizonte do niilismo. Confira a entrevista.

### IHU On-Line - Quais são os principais temas e problemáticas da filosofia em nosso século?

Paul Valadier - Você me interroga sobre a “filosofia em nosso século”. Penso que não se trata somente do século XXI que recém inicia. Viso, pois, os anos após 1990, isto é, após o desmoronamento dos regimes bolcheviques, acontecimento que acarretou uma desconsideração muito forte e sem dúvida injusta, do pensamento marxista. A própria desilusão atingiu todos os filósofos da história, e mais em geral as filosofias mais sistemáticas (fim dos grandes relatos; dúvida sobre a ideia de progresso); ela restitui uma forte atualidade às diversas formas de fenomenologia, que propunham um re-

torno à própria coisa, que supunham, pois, um afastamento das concepções englobantes, com o tema do fim da metafísica. A este respeito, Husserl<sup>1</sup> permaneceu como referência maior, fecundando filosofias muito diversas: Paul Ricoeur, Michel Henry<sup>2</sup>, Jacques Derrida (para a França). De outro lado, muitos retornaram a uma reflexão so-

bre a democracia após o fim dos totalitarismos (nos EUA em particular), e a uma reflexão sobre questões muito concretas e vivas das ditas democracias: assim, do tema da justiça com J. Rawls, M. Walzer<sup>3</sup> e outros. A filosofia ético-moral encontrou nova força e, num certo sentido, os pensamentos da emancipação, da libertação (na América Latina), do feminismo deveriam ser inscritos nesta perspectiva. Trata-se menos de transformar o mundo do que de fazer calar injustiças, posições petrificadas, situações bloqueadas, ou de abrir debates novos em torno da ecologia (J.P. Dupuis, D. Bourg).

### IHU On-Line - Quais os autores que

<sup>3</sup> Michael Walzer (1935): ensaísta americano, filósofo e político.

<sup>1</sup> Edmund Husserl (1859-1938): filósofo alemão, principal representante do movimento fenomenológico. Marx e Nietzsche, até então ignorados, influenciaram profundamente Husserl, que era um crítico do idealismo kantiano. Husserl apresenta como ideia fundamental de seu antipsicologismo a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como o da intuição eidética e epoché. Pragmático, Husserl teve como discípulos Martin Heidegger, Sartre e outros. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Michel Henry (1922-2002): filósofo e escritor francês. (Nota da IHU On-Line)

considera atuais e relevantes no debate filosófico?

**Paul Valadier** - Os autores pertinentes continuam sendo sempre os grandes clássicos. Podemos nós deixar de nos deter em Platão, Aristóteles, os estoicos, Kant ou Hegel? Evidentemente não, e talvez as filosofias atualmente mais fecundas sejam aquelas que não cessam de meditar e de reinterpretar as grandes questões lançadas pelos antigos, mas, a partir das questões que são as nossas... Cito como exemplo: Hannah Arendt, Eric Weil (infelizmente tão pouco conhecido apesar de sua obra maior, *Lógica da filosofia*), Simone Weil (que não se para de redescobrir), Levinas.

**IHU On-Line - Como a Alemanha, a França possui uma sólida tradição filosófica. É possível falar de uma filosofia francesa em nossos dias? Por quê? O que a caracteriza?**

**Paul Valadier** - Existe, falando em sentido próprio, uma filosofia francesa? Alguns o afirmam. Sem dúvida, é preciso falar antes de um estado de espírito, de um modo de ver as coisas, de um olhar, menos sistemático que o espírito alemão, menos pragmático que o espírito anglo-saxão. Os franceses mais notáveis, aliás, quase sempre "dialogaram" com os alemães (Kant, Hegel, Marx, Heidegger), ou com os americanos (filosofia analítica, Lévi Strauss, pragmatismo). Hoje notar-se-ia antes um interesse pela história da filosofia, indefinidamente comentada sem muita inventividade, embora com muita fineza e penetração, ou uma reticência a se deixar instruir pelas ciências humanas, como foi recentemente o caso quando as ditas ciências tinham tenores reconhecidos: Claude Lévi-Strauss, J. Lacan, P. Bourdieu<sup>4</sup>, R.

4 Pierre Bourdieu (1930 - 2002) sociólogo francês. De origem campesina, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Desenvolveu, ao longo de sua vida, mais de trezentos trabalhos abordando a questão da dominação. Seu primeiro livro, *Sociologia da Argélia* (1958), discute a organização social da sociedade cabila, e em particular, como o sistema colonial interferiu na sociedade cabila, em suas estruturas e desculturação. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e presidiu o CISIA (Comitê Internacional de Apoio aos Intelectuais Argelinos), sempre se posicio-

Aron. Hoje já não é mais o caso. Antigos discípulos de Althusser<sup>5</sup> tentam desenvolver vida a concepções marxistas da política ou da sociedade: J. Rancière, A. Badiou<sup>6</sup>, E. Balibar, mas são pensamentos marginais e até extravagantes (Zizek<sup>7</sup> filósofo esloveno plurilíngue!), estimados pela mídia, mas pouco apreciados por seus colegas filósofos. Pelo menos assim me parece. Sem dúvida se encontraria uma situação análoga na Itália em torno dos escritos de Toni Negri<sup>8</sup>, influente também na França nos mesmos meios pós-marxistas.

**IHU On-Line - Quais são os desafios de ser filósofo numa época marcada pela secularização e pelo relativismo?**

**Paul Valadier** - O desafio para a filosofia consistiria em ter ela mais audácia. De maneira estranha, é o que não cessaram de solicitar aos filósofos papas como João Paulo II (Encíclica *Fides et Ratio*, 1998) e Bento XVI (seus discurs-

nado clara e lucidamente contra o liberalismo e a globalização. (Nota da IHU On-Line)

5 Louis Althusser (1918-1990): filósofo marxista francês. Seu envolvimento com a ideologia marxista pode ser devido ao tempo gasto nos campos de concentração nazista, durante a segunda guerra mundial, depois da qual começou sua carreira acadêmica. (Nota da IHU On-Line)

6 Alain Badiou (1937): filósofo, dramaturgo e romancista, leciona filosofia na Universidade de Paris-VII Vincennes e no Collège International de Philosophie. É autor, entre muitos outros, do livro *Saint Paul. La fondation de l'universalisme* (Paris: PUF, 1997), várias vezes reeditado na França e traduzido em diferentes línguas como o inglês e o italiano. (Nota da IHU On-Line)

7 Slavoj Zizek (1949): sociólogo, filósofo e crítico cultural esloveno. (Nota da IHU On-Line)

8 Antonio Negri (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000 publica o livro-manifesto *Império* (5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Atualmente, após a suspensão de todas as acusações contra ele, definitivamente liberado, ele vive entre Paris e Veneza, escreve para revistas e jornais do mundo inteiro e publicou recentemente *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005), também com Michael Hardt. Sobre essa obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da IHU On-Line, de 29-11-2004. O livro é uma espécie de continuidade da obra anterior da dupla, *Império*. Ele foi apresentado na primeira edição do evento *Abrindo o Livro*, promovido pelo IHU, em abril de 2003. Em 2003 esteve na América do Sul (Brasil e Argentina) em sua primeira viagem internacional após décadas entre o cárcere e o exílio. (Nota da IHU On-Line)

nos em Regensburg ou na La Sapienza de Roma, que não pôde mais ser pronunciado ante a oposição de professores intolerantes): não vos detenhais na superfície, colcai os problemas fundamentais que dizem respeito à existência dos homens, ousai pensar (slogan kantiano retomado por alguns papas, o que é surpreendente). Eis o programa proposto! O que é uma crítica indireta tanto à fenomenologia, como à filosofia analítica que se situa deliberadamente numa postura pós-metafísica. Ora, o slogan da pós-metafísica caracteriza uma recusa do pensamento, uma autolimitação estanha para pensadores. Aí há incontestavelmente um desafio a realçar para uma filosofia viva (o que tenta na França um Remy Brague, *Les ancrés dans le ciel. L'infrastructure métaphysique [As âncoras no céu. A infra-estrutura metafísica]*, 2011). Uma filosofia que não responde às questões existenciais que se colocam os homens é digna deste nome? Mas, a filosofia é, sem dúvida, esmagada pela amplitude dos problemas enfrentados pela humanidade atual: não somente a ecologia e o futuro do planeta, mas o encontro das culturas e das religiões. O que pode e o que deve dizer a filosofia sobre essa maré dos sistemas de crenças, sobre a violência que ela por vezes gera, sobre a necessidade de uma compreensão mútua? Aqui a hermenêutica de um Gadamer pode prestar grandes serviços para se avançar num terreno difícil. Mas, os trabalhos de Hans Blumenberg também permitem interrogar o movimento de secularização e se perguntar se este é tão inelutável como tinham acreditado as filosofias da história.

**IHU On-Line - Como a obra de Charles Taylor, Uma era secular, ajuda a compreender o tipo de sociedade ocidental na qual vivemos?**

**Paul Valadier** - Deste ponto de vista, a última obra de Charles Taylor<sup>9</sup> traz suas

9 Charles Taylor: filósofo canadense, autor de vários livros como *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola, 1997). Também é o autor do livro *The malaise of modernity*, publicado em 1991 e traduzido para várias línguas. Em português podem ser conferidos, ainda, *Argumentos filosóficos* (São Paulo: Loyola, 2000) e *Multiculturalismo: Examinando a poli-*

contribuições a esta reflexão. *Uma era secular* (São Leopoldo: Unisinos, 2010), recoloca, com efeito, a questão do lugar das crenças num universo desencantado. Este trabalho, muito e até demasiado abundante, não é absolutamente novo, mas ele também põe em causa a ideia de um progresso inelutável e unilateral da secularização. Ele mostra que este abala todos os sistemas de crenças, todas as filosofias, mesmo os ateísmos e que, portanto, ninguém sai indene da situação cultural de nosso tempo. Talvez ele desmonte admiravelmente sobretudo os mecanismos das lógicas que presidiram o advento desta época secular (a ideia de mobilização ou da autenticidade); diversamente de muitos outros, ele não poupa as teses da Reforma protestante e mostra bastante bem em que elas nem sempre contribuíram ao melhor, longe disso, pelo menos no campo cultural e político.

**IHU On-Line - Na última entrevista que concedeu a IHU On-Line, você escreveu que “a busca de um Deus tranquilizador e ofuscante não está próxima de extinção”. Como entender esta constatação em contraposição à revivescência do divino à qual se refere na mesma entrevista, e a secularização de nosso tempo?**

**Paul Valadier** - A filosofia, enquanto reflexão livre e crítica, é parte constitutiva da modernidade democrática; isso se vê bem onde ela está entravada ou tornada impossível, em particular nas regiões em que domina o Islã: assim é a democracia que foi tornada inconcebível. Todavia, não é preciso ampliar o papel individual dos filósofos, nem seus engajamentos que frequentemente são mais do que discutíveis. Os neo-marxistas de que falei acima dão disso exemplos bastante tristes (exaltação de um maoísmo criminoso, sonho de um novo comunismo, ou anarquismo assumido, justificação do terror por Zizek!). É a

*tica de reconhecimento* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998). Confira, nesta edição da IHU On-Line, a entrevista “Em uma era secularizada o perigo de se construir um horizonte fechado é muito grande”, concedida pelo filósofo Elton Vitoriano Ribeiro. Nas *Notícias do Dia* 09-06-2009, do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, leia o artigo *Nem todas as reformas vêm para prejudicar*, escrito por Charles Taylor. O material está disponível para download no link <http://bit.ly/qvAqNZ>. (Nota da IHU On-Line)

**“Sem dúvida, é preciso falar antes de um estado de espírito, de um modo de ver as coisas, de um olhar, menos sistemático que o espírito alemão, menos pragmático que o espírito anglo-saxão”**

filosofia como tal que representa esta caminhada de retorno sobre si, essencial a toda sociedade que procura melhorar a condição dos homens. Ela é necessária justamente enquanto não procura colar na atualidade, mas se concede os meios da distância, da reflexão, da amplitude de visão. A “théoria” é, para Platão, o que permite ver de cima e de longe e, portanto, de mensurar todas as dimensões da realidade.

A filosofia, sob o mesmo título que a literatura, está ameaçada pelos sistemas escolares ou universitários que crêem poder substituí-los somente pelas disciplinas científicas. Assim se corre o risco de formar tecnocratas ou especialistas sem alma e sem visão. O espetáculo do mundo financeiro dá a esse respeito um espetáculo muito triste: reinam aí *traders* mais do que hábeis, mas sem escrúpulos e sem contato com a realidade vivida, porque encerrados no virtual onde os obstáculos podem sempre ser superados.

**IHU On-Line - Descartes foi um dos alunos célebres dos jesuítas, estudante do La Flèche, em Paris. Como avalia a influência dos jesuítas no pensamento filosófico atual?**

**Paul Valadier** - É preciso lembrar o apego da tradição universitária jesuíta às letras clássicas, mas também às ciências. As primeiras não vão sem as outras, mas hoje são antes as “letras” que estão ameaçadas. Parece-me que, em fidelidade a si mesma, a tradição jesuíta deve honrar a filosofia para formar espíritos livres, críticos, refletidos, capazes de discutir, de justificar suas posições, de

entender e compreender as dos outros. É inútil dizer que em relação à teologia, a filosofia é também essencial. Em sua falta corre-se o risco de soçobrar nos diversos iluminismos ou integristas que também caracterizam a atualidade da vida eclesial. Essas atitudes são muitas vezes feitas em desprezo pela razão; ora, se existe uma tradição católica forte, é bem seu respeito pela razão em todo o seu alcance, sem a qual a fé soçobra no vazio. Os papas acima citados ainda insistiram recentemente neste ponto essencial, senão é o fideísmo que a faz submergir. Ora, o fideísmo é a ruína de uma fé entregue, em conhecimento de causa, à Sabedoria suprema e ao Verbo de Deus. Infelizmente, não é certo que estes papas sejam bem entendidos e ainda menos seguidos neste ponto. E é verdade que muitos suspeitam da filosofia moderna por seu ceticismo, seu relativismo, seu agnosticismo, e mesmo por seu ateísmo. Mas, uma fé viva deve poder enfrentar estes sistemas, não para esmagá-los por sua suficiência, mas para compreender suas lógicas e aprender a situar-se em relação a elas. Além disso, talvez seja a fé que pode dar à razão (aos filósofos) a coragem de pensar até o fim e não desabar na desconstrução niilista.

#### LEIA MAIS...

>> Paul Valadier já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Confira.

\* Investidas contra o Deus moral obsessivo. Publicada na edição 127 da Revista IHU On-Line, de 13-12-2004, disponível em <http://migre.me/65x54>

\* O futuro da autonomia, política e niilismo. Publicada na edição 220 da Revista IHU On-Line, de 21-05-2007, disponível em <http://migre.me/65x7l>

\* “A esquerda francesa está perdida”. Publicada nas Notícias do Dia do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em 27-05-2007, disponível em <http://migre.me/65x9i>

\* Narrar Deus no horizonte do niilismo: a revivescência do divino. Publicada na edição 303 da Revista IHU On-Line, de 10-08-2009, disponível em <http://migre.me/65x1E>

\* O desejo e a espontaneidade capciosos. Publicada na edição 303 da Revista IHU On-Line, de 10-08-2009, disponível em <http://migre.me/65x3C>

\* A intransigência e os limites do compromisso. Publicada na edição 354 Revista IHU On-Line, de 20-12-2010, disponível em <http://migre.me/65xju>

\* Investidas contra o Deus moral obsessivo. Publicada na edição 15 dos Cadernos IHU em Formação, disponível em <http://migre.me/65xbj>

\* A moral após o individualismo: a anarquia dos valores. Publicada na edição 31 dos Cadernos Teologia Pública, disponível em <http://migre.me/65xcZ>



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

# B.

## Destques da Semana

# Entrevista da Semana

## Lady Gaga: espelho de nosso cotidiano

Levantando a bandeira do “seja o que você quiser” ou “faça do jeito que quiser”, a cantora acaba refletindo práticas do nosso dia a dia, frisa o professor Thiago Soares

POR THAMIRIS MAGALHÃES E MÁRCIA JUNGES

**L**ady Gaga, por sua performance e ousadia, causa interesse não só nos fãs de cultura pop. A própria academia, com seus pesquisadores, começa a se interessar em estudar o fenômeno Lady Gaga. Thiago Soares é um deles. Em entrevista concedida pessoalmente à IHU On-Line, o docente afirma que Gaga encena o lugar do “seja o que você quiser” ou “faça do jeito que quiser”. “E esse acaba sendo um discurso muito oportuno hoje em dia no momento em que temos tão poucas ideologias contra as quais lutar”. Além disso, continua, “essa coisa da Lady Gaga ser um personagem me parece que é uma das questões mais fortes nas nossas relações contemporâneas. Hoje, nós somos avatares no Twitter, no Facebook; podemos criar fakes, postar como ‘anônimos’, ou seja, as identidades estão muito moduláveis. Podemos nos ‘fantasiar’ daquilo que quisermos nas redes sociais, na internet e, também, na vida. Daí a importância de Lady Gaga ‘jogar’ com as identidades, ‘brincar’ com seu corpo. Ela está reproduzindo uma prática que é bastante comum no nosso cotidiano”.

Thiago Soares é doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA e professor do Departamento de Comunicação e Turismo - Decomtur, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e mestrado em Letras pela mesma universidade. Confira a entrevista.

### IHU On-Line - O que faz de Lady Gaga um ícone pop?

**Thiago Soares** - O destaque que Gaga<sup>1</sup> ocupa na mídia hoje e a forma com que se posiciona na indústria fonográfica creio que sejam aspectos fundamentais para entendê-la na cultura pop. Essas lógicas de ame/odeie; a forma como ela utiliza a cultura midiática, as *performances* que realiza, a forma como usa o videoclipe, os instrumentais da televisão, da internet... Tudo isso aciona o lugar de destaque dela dentro da cultura pop. Porque não é a questão apenas de ocupar um espaço, é ocupar um lugar de destaque; é como essas formas de legitimação dela funcionam na engrenagem midiática. Falar de Lady Gaga é pensar esse lugar de destaque que ela está ocupando

<sup>1</sup> Stefani Joanne Angelina Germanotta (1986) mais conhecida pelo nome artístico Lady Gaga: cantora, compositora e produtora musical dos Estados Unidos, considerada uma das 25 pessoas mais influentes e uma das 5 pessoas mais bem remuneradas do mundo. (Nota da IHU On-Line)

hoje nas instâncias midiáticas.

### IHU On-Line - Qual seria a razão para que Gaga explore tanto em seus cliques aspectos cristãos, especialmente católicos?

**Thiago Soares** - Temos que pensar a questão da religiosidade na cultura pop. Lady Gaga não está criando nada de novo. Agora, ela está fazendo de uma forma bastante emblemática, usando em videoclipes, *performances*, shows. Mas, por exemplo, a Madonna<sup>2</sup> já fez

<sup>2</sup> Madonna Louise Veronica Ciccone (1958), mais conhecida como Madonna: cantora, compositora, atriz, dançarina, empresária e produtora musical e cinematográfica norte-americana. Ela se mudou para Nova Iorque em 1977 para seguir a carreira na dança moderna. Após se apresentar nos grupos musicais Breakfast Club e Emmy, lançou seu álbum de estreia em 1983. Em seguida, para uma série de álbuns bem sucedidos a trouxeram popularidade, quebrando as barreiras do conteúdo lírico da música popular tradicional e da imagem em seus videoclipes, que se tornaram constantemente exibidos na MTV. Ao longo de sua carreira, várias de suas canções se tornaram bastante lembradas e executadas, entre elas “Like a Virgin”, “Papa Don’t Preach”, “Like a Prayer”,

isso. Esta deu um beijo num santo negro em “Like a prayer” na década de 1980. Então, 30 anos atrás, a rainha do pop já fez esse questionamento em torno da relação da igreja como elemento de polemizar a cultura midiática. A Lady Gaga traz à tona novamente esse discurso, por isso que ela é tão comparada com Madonna, porque traz elementos já utilizados anteriormente pela cantora, como questões religiosas, como dispositivo de reconfiguração.

### IHU On-Line - Nesse sentido, em que aspectos Lady Gaga difere e se aproxima de Madonna?

**Thiago Soares** - Lady Gaga tem muitas semelhanças com questões de *performance*, de composição; ela compõe as próprias músicas dela, é produtora. Tem uma coisa muito parecida com a Madonna sonoramente também. As músicas

“Vogue”, “Frozen”, “Music”, “Hung Up” e “4 Minutes”. Madonna tem sido elogiada pela crítica por suas produções musicais diversificadas. (Nota da IHU On-Line)

são parecidas. São baladas e canções pops com apelo midiático muito forte, sintetizador; música eletrônica, dançante... Então, tem toda uma semelhança. Mas também é preciso pensar as diferenças entre as duas. Se formos pensar do ponto de vista da trajetória, Gaga tem um caminho muito diferente do da Madonna. Esta encena talvez aquela utopia do sonho da cantora que chegou a Nova Iorque com pouco dinheiro; entregou uma fita cassete na gravadora que a descobriu. Gaga não. Ela já era produtora antes mesmo de ser cantora. Ou seja, já estava dentro dos mecanismos da indústria e isso a difere muito de Madonna, que encenou todo aquele sonho e utopia da cantora que seria descoberta pela indústria. Lady Gaga, por sua vez, usou dos mecanismos da indústria já como uma forma de se inserir na música mesmo. Ademais, os discursos das duas são muito distintos. Madonna sempre teve uma preleção muito racional, defendeu causas (negros, gays etc.). Já Lady Gaga fala em monstros... em bandeiras menos claras talvez.

**IHU On-Line - Como analisa a extravagância e o visual “over” de Gaga? Qual é o sentido dessa *mise-en-scène*?**

**Thiago Soares** - Um fator que faz com que Gaga tenha uma importância muito grande na cultura midiática hoje é que ela entende ser tudo *performance* e leva isso ao extremo. Os vestidos dela de noite, por exemplo, são três vezes maiores que os outros. Ela sai na rua para comprar um cachorro quente toda montada, porque sabe que vai ser fotografada, que pode gerar repercussões etc. Ou seja, o que faz Lady Gaga importante, essa coisa *over* da roupa dela etc., é porque ela está levando a questão da *performance* ao extremo. Está reconhecendo que tudo o que fazemos é performatizado. E ela materializa isso, na moda e na música.

**IHU On-Line - Você afirma que Lady Gaga é, em si, uma simulação, performance e uma personagem que se insere num contexto mais pós-moderno, niilista. Poderias explicar melhor tais aspectos?**

**Thiago Soares** - Nihilista é aquele que questiona as coisas, mas não sabe muito o quê. A Lady Gaga é um pouco isso.

Ela fala muito, por exemplo, que os fãs são “monstrinhos” dela. Então, qual a questão dos monstros? É se sentir à parte da sociedade. Mas, em quê de fato? Acredito que o novo álbum dela, o *Born this way*, está mostrando certa clareza no discurso gay dela. Mas a cantora tem ainda muitas sombras que não sabemos. Ela está reclamando da vida, porém, não sabemos muito bem de quê. Há certo discurso niilista nisso. É aquele tipo de pessoa que quer lutar, mas não sabe contra quê. É um pouco a nossa luta na contemporaneidade. Vivemos em uma sociedade tão individualista, que não sabemos muito bem contra o quê lutar, quem é nosso inimigo. Gaga acaba mostrando a problemática de nossa era mesmo. Apesar de não gostar muito do termo pós-modernidade, acredito que ele, para que possamos entender Lady Gaga, seja útil.

**IHU On-Line - Há uma identificação dos jovens com Lady Gaga, uma projeção? Em que sentido?**

**Thiago Soares** - Sim, muito grande. Creio que essa coisa do jovem está muito atrelada ao discurso individualista de autoajuda que Lady Gaga tem. Discursos individualistas, do tipo “Seja diferente”, acabam causando certo engajamento em torno da cultura jovem muito forte, sobretudo naquele que não tem um propósito.

**IHU On-Line - Há um quê de burlesco nas aparições de Gaga. Mais do que chocar, ela diz ser ela mesma quando “se monta” para os shows. Como percebe a questão da identificação dos jovens com esse figurino e esse personagem?**

**Thiago Soares** - Acredito que há um fator muito interessante nesse aspecto, e muito ligado à cultura gay também. Por exemplo, se Madonna encenava o lugar e poder da mulher, Gaga, por sua vez, encena o lugar do “seja o que você quiser” ou “faça do jeito que quiser”. E esse acaba sendo um discurso muito oportuno hoje em dia no momento em que temos tão poucas ideologias contra as quais lutar. Além disso, essa coisa da Lady Gaga ser um personagem me parece que é uma das questões mais fortes nas nossas relações contemporâneas. Hoje, nós somos avatares no Twitter, no Facebook;

podemos criar *fakes*, postar como “anônimos”, ou seja, as identidades estão muito moduláveis. Podemos nos “fantasiar” daquilo que quisermos nas redes sociais, na internet e, também, na vida. Daí a importância de Lady Gaga “jogar” com as identidades, “brincar” com seu corpo. Ela está reproduzindo uma prática que é bastante comum no nosso cotidiano.

**IHU On-Line - Percebe influências de Madonna nos figurinos e na obsessão camaleônica de Lady Gaga? Por que a aparência é tão importante em suas apresentações?**

**Thiago Soares** - É Madonna, mas acredito ser também uma necessidade midiática de se fazer interessante. Acredito que essa necessidade camaleônica não é uma relação direta de Madonna com Gaga. Parece-me que é uma necessidade de reconfiguração do próprio sistema de consumo dessas celebridades no campo da indústria da música. Creio que a aparência é relevante em suas apresentações porque Gaga leva ao extremo a ideia de que a *performance* é essencial na aparição da cultura pop. Para ela, performatizar está em todos os ambientes da vida. Está quando ela sai de casa, aparece na MTV, está no videoclip; quer dizer, essas instâncias estão todas semelhantes e ocupam espaço de valor dentro da lógica dela, que são muito parecidas e bastante análogas.

**IHU On-Line - Por que Gaga “deu certo” e Ke\$ha, que segue um visual trash, por vezes parecido com o de Gaga, não tem a mesma projeção ou impacto?**

**Thiago Soares** - Não seria sensato atestar que “Ke\$ha<sup>3</sup> não deu certo”. Ke\$ha tem projeção sim, mas sua trajetória na dinâmica midiática ainda é bastante inferior à da Lady Gaga. Se pensarmos em músicas como “Tik tok”, “We r who we r” e “Blow”, por exemplo, temos faixas que foram exaustivamente tocadas e tiveram seus cliques também muito bem exibidos. As matrizes performáticas de Lady Gaga e de Ke\$ha são, de fato, bem

<sup>3</sup> Kesha Rose Sebert (1987), mais conhecida pelo nome artístico Kesha (estilizado Ke\$ha): cantora e compositora pop dos Estados Unidos. Começou sua carreira em 2005 como backing vocal, e em 2009 fechou contrato com a RCA Records. (Nota da IHU On-Line)

parecidas. Elas flertam com o trash, com o grotesco, com a “bagaceira”. Mas acho que a Lady Gaga cerca seu discurso de uma carga mais “artística” e “autoral”. Ke\$ha ainda está ligada a uma premissa de que é “nova” no campo das cantoras musicais...

**IHU On-Line - Gaga disse que a cultura pop é sua religião, e para isso é preciso acreditar que seu trabalho nunca está finalizado, e que a arte é algo que transcende, que transforma. Em que medida essa concepção muda a forma como o artista pensa a arte na pós-modernidade?**

**Thiago Soares** - Lady Gaga mistura tudo no seu trabalho: arte, comércio, *performance*, ficção, realidade. Tudo se amalgama e vira esse “caldo” interessante para a cultura pop. Na verdade, como estratégia de diferenciação, Lady Gaga se aproxima do campo da arte, da *performance*, do *happening*, para ocupar espaço midiático. É preciso pensar a questão da “cultura pop como uma religião” a partir da retranca do engajamento que as duas propõem. Shows pop são, em certa medida, momentos de adoração dos ídolos, assim como a coisa da religião. A questão da pós-modernidade pressupõe entender a arte e comércio sem limites claros, borrando suas “bordas”. Lady Gaga é assim: O que nela é arte, o que é comércio? Que corpo é aquele? Onde começa o personagem e onde termina a *performer*? Até quando ela vai durar? Essas são questões centrais para se pensar Gaga a partir de uma retranca pós-moderna.

**LEIA MAIS...**

>> Leia o que o sítio do IHU já publicou sobre Lady Gaga:

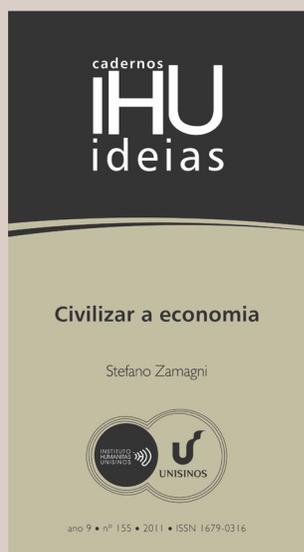
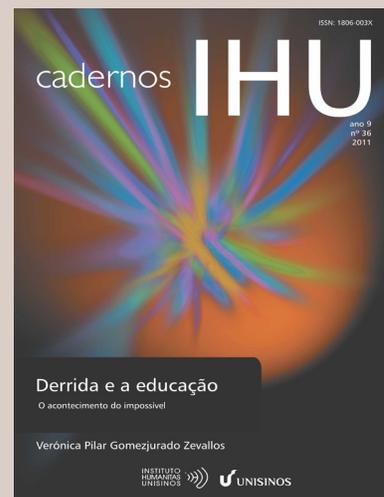
- \* O fim do sexo na era de Lady Gaga. Notícia publicada em 15-10-2010, disponível em <http://bit.ly/91pZQC>
- \* Gaga e Judas. Notícia publicada em 06-05-2011, disponível em <http://bit.ly/mGAQJZ>
- \* Lady Gaga em perspectiva teológica. Notícia publicada em 08-05-2011, disponível em <http://bit.ly/rccusa>
- \* Lady Gaga é a rainha que o pop precisa que ela seja. Notícia publicada em 23-05-2011, disponível em <http://bit.ly/k8LyXf>
- \* O anjo e o monstro. Notícia publicada em 13-06-2011, disponível em <http://bit.ly/mMyJJB>

## CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA  
WWW.IHU.UNISINOS.BR

# CONFIRA AS PUBLICAÇÕES DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA

WWW.IHU.UNISINOS.BR



## O papel da comunicação e da mídia de massa na crise da superprodução - informação, reflexão e ideologia: o caso da crise imobiliária irlandesa

POR HENRY SILKE\*

Há uma crescente relação simbiótica entre empresas, redes de comunicação e meios de comunicação de massa. Empresas dependem de redes de comunicação e da mídia em diversas maneiras: na conduta de seus negócios, na sua necessidade de obter informações sobre o mercado, para a publicidade e criação de (novos nichos de) mercado e como um aparato ideológico que age para adaptar economias de mercado e defender os interesses de classe. Na realidade, argumenta-se que os meios de comunicação tornaram-se parte integral do processo econômico, em vez de simplesmente informar sobre essas questões. Além disso, empresas de comunicação de massa estão se transformando, cada vez mais, em corporações multinacionais cujo interesse está investido nos vários mercados e sociedades sobre os quais elas noticiam. O presente artigo explora o papel da mídia e das redes de comunicação junto à crise de superprodução, mais especificamente a irlandesa. Tal crise tem suas raízes na natureza [de dependência] semiperiférica do país e na sua economia doméstica fraca. To-

davia, a situação atual é consequência de uma crise fundada na superprodução de imóveis, impulsionada pela especulação e encorajada pela mídia e pela política governamental pró-cíclica.

A crise de superprodução descreve como, no modo de produção capitalista, cada produtor busca aumentar a sua mais-valia (ou o lucro) ao desenvolver suas forças de produção (inovação), que levam a um aumento na escala de produção e uma correspondente (e às vezes repentina) queda dos preços. Além disso, como a distribuição da riqueza excedente está inclinada a favor da classe capitalista minoritária, as classes trabalhadoras (no sentido mais amplo) carecem de dinheiro para comprar o que elas próprias produzem. Essa contradição existente entre a produção social e a apropriação privada é, para Marx, uma das contradições básicas do sistema capitalista.

A classe capitalista, ao mesmo tempo, possui uma constante necessidade de encontrar novas áreas de investimento, que alimentam a produção de crédito e a atividade especulativa, e que

\* Henry Silke é doutorando em sociologia pela City University of Dublin (Irlanda) e jornalista, tendo participação ativa no grupo de trabalho de Economia Política da Comunicação da IAMCR e colabora regularmente com o Grupo Cepos. E-mail: <henrysilke@gmail.com>.

podem agir de forma a ampliar e alongar o processo de superprodução. Por fim, é somente com a destruição da riqueza que o valor (?) retorna para o produto e mercado. Os meios e redes de comunicação desempenham um papel importante na crise de superprodução, primeiramente na divulgação de informações para os agentes do mercado, a natureza reflexiva e dialética de como os atores respondem a informações de mercado e, por fim, como um aparelho ideológico que age para adaptar o mercado ao que a pesquisa descreve como um mecanismo orientado para o mercado.

A contradição da superprodução combinada com a inflação dos preços (movido pela especulação e pelos créditos) é a chave para a crise irlandesa. Por exemplo, em 1995 uma casa de segunda mão de preço mediano custava 4.1 vezes o salário médio industrial. Em 2007, o custo subiu 11.9 vezes. Os especuladores aceleraram a produção e mantiveram os preços subindo, atuando no que poderia ser descrito como um mercado imobiliário “fictício”. Em 2007, 28% das hipotecas eram empréstimos especulativos. O mercado imobiliário começou a declinar em 2007 e a crise irlandesa acelerou ao lado da crise de crédito internacional.

A resposta do governo de 2007 à crise foi dupla. Por um lado, ele embarcou em uma política de austeridade com redução de todos os gastos do governo, incluindo os salários de funcionários públicos. Paralelamente, ele deu um “cheque em branco” aos setores financeiros

“Empresas de  
comunicação de massa  
estão se transformando,  
cada vez mais, em  
corporações  
multinacionais cujo  
interesse está investido  
nos vários mercados e  
sociedades sobre os quais  
elas noticiam”

e bancário, tanto na recapitalização como na nacionalização de dívidas inabráveis e bancos à falência. A política do governo colocou a Irlanda em um ciclo deflacionário. O novo governo eleito em fevereiro de 2011 (apesar da retórica pré-eleitoral) adotou a mesma política.

A mídia irlandesa desempenhou um papel crucial junto ao mercado imobiliário irlandês: em primeiro lugar, muitos jornais diários e de domingo incluem, como forma de informação e publicidade, cadernos de imóveis (*property supplements?*) lucrativos e periféricos. Aliás, empresas irlandesas de mídia fizeram relevantes investimentos em websites designados à listagem de propriedades. Em segundo lugar, a mídia agiu de uma

maneira ideológica na qual questões da habitação eram vistas através de uma ótica descrita pela pesquisa como uma *estrutura orientada para o mercado*, em vez de, por exemplo, ver a habitação como uma questão social.

Este texto, como parte singular de minha pesquisa de tese de doutorado, vem explorando a cobertura do periódico *Irish Times* nas questões ligadas à habitação e à propriedade no período que antecedeu a eleição de 2007. As principais tendências encontradas são as seguintes: uma estrutura predominantemente orientada para o mercado, incluindo o privilégio do valor de troca estar acima do valor de uso; um viés produzido pelos bancos, hipotecas, imobiliárias e construtoras cujas declarações foram reportadas de maneira indiscriminada. Na seção de notícias, políticos também foram citados incluindo alguns de natureza crítica e de oposição, embora eles fossem a minoria. Não houve nenhuma fonte oriunda de compradores de imóveis ou locatários de imóveis privados (fontes de valor de uso). Questões estruturais, tais como superprodução, excesso de zoneamento, custo crescente dos terrenos e habitações foram completamente ignorados. A pesquisa vai continuar a explorar o papel ideológico da imprensa na esfera política *pós-crash*; entrando em coordenação com o Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Globalização Transnacional e da Cultura do Capitalismo - Nieg (parte integrante do Cepos), comprovando a ausência de explicações causais óbvias para a bolha imobiliária e seus derivativos.



NÚCLEO DE ANÁLISE DA  
TELEDRAMATURGIA

INFORMAÇÕES: WWW.GRUPOCEPOS.NET/NAT | KALIKOSKE@HOTMAIL.COM

## Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 31-10-2011 a 05-11-2011.**

**Protestantismo: é tempo de refletir**

Entrevista especial com os luteranos Cláudio Kupka, Martin Dreher e Walter Altmann

Confira nas Notícias do Dia de 31-10-2011

Acesse no link <http://bit.ly/u8VyUR>

Luteranos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB e da Igreja Evangélica Luterana do Brasil - IELB preparam atividades para celebrar os 500 anos da Reforma.

**Por uma agenda comum: Fórum Social Mundial 2012**

Entrevista especial com Moema Miranda, antropóloga

Confira nas Notícias do Dia de 01-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/vODS50>

Segundo avalia a integrante do Grupo de Reflexão e Apoio ao Processo Fórum Social Mundial - Grap, a descentralização do Fórum Social Mundial permite “uma expansão do encontro e ajuda a nutrir a dinâmica do Fórum com as diferentes expressões de luta que existem ao redor do mundo”.

**Morte, amor e saudade**

Entrevista especial com Luiz Carlos Susin, teólogo

Confira nas Notícias do Dia de 02-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/w2pquC>

Conforme a visão do teólogo, “a morte é uma perda, é tempo de luto, da obrigação de ter que curtir uma perda

importante. Por isso é uma grande prova e uma decisão para a fé e para a esperança”.

**Impunidade no Pará. ‘Uma mancha do governo Dilma’**

Entrevista especial com Dom Frei Wilmar Santin, bispo da Prelazia de Itaituba

Confira nas Notícias do Dia de 03-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/rPtTSb>

O bispo da Prelazia de Itaituba considera que “se esses crimes que estão acontecendo no Pará ficarem impunes, o governo Dilma ficará manchado”.

**A ‘economia verde’ será ‘verde’ o suficiente a ponto de permitir a aplicação da Consulta Prévia?**

Entrevista especial com Ricardo Verdum, antropólogo

Confira nas Notícias do Dia de 04-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/uYzoxl>

Segundo constata o antropólogo, “ainda predomina o viés colonialista na relação do Estado brasileiro com os povos indígenas”.

**Moratória da soja e os desafios do desmatamento na Amazônia**

Entrevista especial com Bernardo Rudorff, pesquisador do Inpe

Confira nas Notícias do Dia de 05-11-2011

Acesse no link <http://bit.ly/tQogtu>

Conforme informa o pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - Inpe, “a soja é responsável por uma parte muito pequena do desmatamento da Amazônia: 0,39%”.

### XIV Colóquio de Filosofia - Subjetividade e Objetividade: novas tendências em epistemologia e filosofia moral

Palestrantes: Barry Smith (Oxford University - USA), Enrique Del Pécio (Universidade de Buenos Aires - Argentina) e Cain Todd (Lancaster University - UK).

Data: 8, 9 e 10/11

Local: Unisinos São Leopoldo



UNISINOS



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

IHU **ON-LINE**

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

## **Ciclo de Palestras: Economia de Baixo Carbono. Limites e Possibilidades**

**Por outro modo de consumir: descrição de algumas experiências alternativas**

**Prof. Dr. Serge Latouche - Professor de Economia na Universidade de Paris XI - Sceaux/Orsay**

**Horário: das 16h às 18h  
Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros, no IHU**

**Data: 22/11/2011**

**Informações em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)**

# Agenda da Semana

Confira os eventos desta semana realizados pelo IHU.  
A programação completa dos eventos pode ser conferida no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)).

<b>Dia 07-11-2011</b>
<p>Evento: Ciclo de Estudos: Repensando os Clássicos da Economia Palestrante: Prof. Dr. Flavio Comim - UFRGS Tema: Amartya Sen: o desenvolvimento como liberdade para a superação da fome, da miséria e do mal-estar social Horário: 20h às 22h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Maiores informações: <a href="http://bit.ly/ndTF3S">http://bit.ly/ndTF3S</a></p>
<b>Dia 10-11-2011</b>
<p>Evento: IHU ideias Palestrante: Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira - PPG História/Unisinos Tema: De Zumbi aos lanceiros negros - a luta pela liberdade Horário: 17h30min às 19h Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU Maiores informações: <a href="http://bit.ly/sAXpQa">http://bit.ly/sAXpQa</a></p>

## XIV Semana de Filosofia da Unisinos

Em 2011, o Programa de Pós-Graduação em Filosofia comemora 10 anos de atividades. No ensejo, convidamos a comunidade filosófica brasileira, alunos, professores e amigos a celebrarem conosco. Ao longo deste ano, conforme a programação, ofereceremos uma série de conferências intitulada “**PPG Filosofia Unisinos: 10 anos**”, com convidados estrangeiros e brasileiros, sobre temas concernentes às pesquisas em curso na Unisinos, culminando com a realização da **XIV Semana de Filosofia da Unisinos**. A entrada é franca para todas as atividades e não é necessário inscrição para o evento. Confira abaixo a programação das próximas atividades.

### XIV Colóquio de Filosofia - Subjetividade e Objetividade: novas tendências em epistemologia e filosofia moral

Palestrantes: Barry Smith (Oxford University - USA), Enrique Del Pécio (Universidade de Buenos Aires - Argentina) e Cain Todd (Lancaster University - UK).

Data: 8, 9 e 10-11

Local: Unisinos São Leopoldo

Mais informações pelo fone (51) 3590 8781 ou email <[ppgfilo@unisinos.br](mailto:ppgfilo@unisinos.br)>.

Acesse a página do IHU no Facebook em  
[www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos](http://www.facebook.com/InstitutoHumanitasUnisinos)

## Amartya Sen, o ser humano e a alternativa do diferente

“Muitos trabalhos importantes refletem uma visão de liberdade que só pode existir se o ser humano for pensado de modo mais complexo”, pontua o docente Flavio Vasconcellos Comim

POR GRAZIELA WOLFART E THAMIRIS MAGALHÃES

“São muitas as contribuições do trabalho de Sen para o desenvolvimento humano. E, qualquer pessoa que fale sobre o trabalho dele, começa fazendo uma seleção que considera mais relevante para a realidade em que está”, afirma o professor Flavio Vasconcellos Comim, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**. Ele adianta o tema “Amartya Sen: o desenvolvimento como liberdade para a superação da fome, da miséria e do mal-estar social”, que apresentará na programação do Ciclo de Estudos: repensando os clássicos da economia, no dia 7 de novembro, das 20h às 22h, na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Para o docente, o trabalho do Sen ainda não aterrissou no Brasil. “Suas pesquisas ainda não foram absorvidas pela política pública no nosso país; nós continuamos medindo a pobreza da maneira que se media na década de 1950; permanecemos tratando a desigualdade em termos unidimensionais; continuamos vendo a educação apenas como item de mercado, de formação de capital humano; desconsideramos ainda todos os aspectos relativos à saúde, no sentido de sua produção, o envolvimento dos próprios cidadãos como parte, não do problema, mas da solução, para o desenvolvimento humano”. E completa: “os ensinamentos mais importantes de Sen, apesar de conhecidos na academia brasileira, ainda não aterrissaram na política pública e talvez esse seja o maior desafio dos próximos anos: compreender melhor o que ele diz e dar um sentido de uso às ideias que sejam relevantes para o desenvolvimento do Brasil”.

Flavio Vasconcellos Comim possui graduação em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestrado em Economia pela Universidade de São Paulo - USP, mestrado em Economia pela University of Cambridge e doutorado, na mesma área, pela University of Cambridge. É pós-doutor pela University of Cambridge. Atualmente, é professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - De que maneira os estudos de Amartya Sen contribuem para pensarmos o desenvolvimento de nosso país com liberdade, visando a superação de grandes problemas, como a fome, a miséria e o mal-estar social?**

**Flavio Vasconcellos Comim** - São muitas as contribuições do trabalho de Sen para o desenvolvimento humano. E, qualquer pessoa que fale sobre o trabalho dele, começa fazendo uma seleção que considera mais relevante para a realidade em que está. Então, a minha seleção começa com a ideia de pobreza como privação de capacidades. Isso parece ser apenas teórico, mas no fundo tem uma implicação prática que é dramática. Trata-se do fato de que a pobreza não é apenas insuficiência de renda, de saúde e

educação, mas tem a ver com a transformação do ser humano e é algo que ainda não é completamente apreciado pelas políticas públicas. Logo, essa é a primeira contribuição de Sen que eu saliento referente à maneira de enxergar a pobreza. A segunda, relacionada a ela, tem a ver com o conceito de justiça social, principalmente no trabalho recente dele, mas é característica de quase toda a sua obra uma articulação de tópicos como: desigualdade, pobreza, abordagem das capacidades, como a questão da fome, que estão profundamente articulados através de um conceito de justiça social. E ele, por muito tempo, fundamentou o seu trabalho na contribuição do John Rawls<sup>1</sup>. Cabe agora notar que, nesse

1 John Rawls (1921-2002): filósofo, professor de Filosofia Política na Universidade de Harvard, autor de Uma teoria da justiça (São Pau-

seu trabalho recente sobre justiça, Sen constrói uma alternativa própria fundamentada no conceito de que a justiça é construída nas sociedades através das reações que as pessoas têm às injustiças, que elas presenciam e vivenciam. Então, ele tem uma teoria de justiça social que é diferente, posterior à contribuição de John Rawls, e que é muito articulada com uma terceira dimensão do trabalho de Sen, que é a dimensão dos indicadores. E

lo: Martins Fontes, 1997); Liberalismo Político (São Paulo: Ática, 2000); e O Direito dos Povos (Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001). A IHU On-Line número 45, de 02-12-2002, dedicou sua matéria de capa a John Rawls, sob o título John Rawls: o filósofo da justiça, disponível para download em <http://bit.ly/bf90Gu>. Confira, ainda, o 1º dos Cadernos IHU Ideias, intitulado A teoria da justiça de John Rawls, de autoria do Prof. Dr. José Nedel e disponível para download em <http://bit.ly/90aBiu>. (Nota da IHU On-Line)

aqui cabe citar o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH. Ao ser baseado em três dimensões, ele procura construir a razão pública. Trata-se da ideia de informar os cidadãos sobre o que está acontecendo na sociedade.

### Democracia

Um quarto tema que perpassa esses outros, e que é importante na obra do Sen, é a questão da democracia, como esta faz parte do desenvolvimento humano. Em 1981, ele fez um trabalho sobre a pobreza e fome e chamou a atenção de que a maior parte das nações que passavam por grandes fomes generalizadas eram países que não eram democráticos. E a democracia não tem a ver apenas com as instituições democráticas, com voto; a preocupação dele com a democracia não é de procedimento, mas sim uma preocupação efetiva, das liberdades substantivas que as pessoas têm para que a democracia possa existir. Então, o chamamento do Sen é para uma visão de desenvolvimento humano que articula uma série de conceitos que são, em geral, ausentes do entendimento do desenvolvimento econômico ou da economia tradicional.

### IHU On-Line - De que maneira a liberdade ocupa um papel central para a superação do mal-estar social?

**Flavio Vasconcellos Comim** - A liberdade é um conceito-chave para Sen, porque ele escreve dentro de uma perspectiva que nós podemos chamar de liberalismo americano. A ideia do liberalismo americano é a promoção das liberdades das pessoas. É importante qualificar, porque Sen não está preocupado com as liberdades negativas. O que são liberdades negativas? São as liberdades principalmente do cidadão, de não ter sua vida modificada ou sofrer interferência pela intervenção de outros cidadãos ou pelo Estado. A preocupação fundamental dele não é essa. Ele se preocupa com o que nós chamamos de liberdades positivas, que são aquelas coisas que as pessoas podem ser ou fazer e que é importante para a vida delas. Ou seja, educação e saúde são liberdades po-

## “Muitos trabalhos importantes refletem uma visão de liberdade que só pode existir se o ser humano for pensado de modo mais complexo”

sitivas; poder expressar sua opinião livremente é uma liberdade positiva fundamental, faz parte da carta dos direitos humanos. Então, toda a perspectiva dele está centrada nisso. E muitos trabalhos importantes refletem uma visão de liberdade que só pode existir se o ser humano for pensado de modo mais complexo. Esse, dentro do trabalho de Sen, é um ser humano mais complexo. O indivíduo dentro da economia é uma pessoa simplista que reage mecanicamente a contas e a cálculos; entre vantagens e desvantagens, custos e benefícios. No trabalho do Sen, o ser humano tem a opção moral de ser diferente, de escolher de maneira diversa; de optar, por exemplo, em função de normas, costumes, regras e não apenas porque isso traz uma vantagem. Tem um trabalho do Sen, que se chama *Bobos racionais*, publicado em 1976, que é muito emblemático, no qual ele mostra os limites da racionalidade, da economia, e como ela produz alguns resultados que muitas vezes não são aderentes à prática, porque na prática os seres humanos são mais complexos. Dito isso, a liberdade tem papel crucial na obra do Sen, e isso está em diversos aspectos, mas deve chamar atenção mais a liberdade positiva do que a negativa, que é a preocupação dele, e isso está articulado com uma visão do ser humano mais complexa.

### Mal-estar social

Podemos dizer que os problemas que poderiam estar vinculados ao mal-estar social, que são os da pobreza e da desigualdade, são respondidos por Sen de forma concreta, no sentido de

que a pobreza não seja vista apenas como insuficiência de renda, mas analisada dentro de uma perspectiva multidimensional e que coloque o cidadão na direção do seu próprio destino, que estimule a razão pública para oferecer informação para as pessoas. Então, do ponto de vista dele, a pobreza é um problema muito mais complexo do que apenas distribuir renda para as pessoas. Esse é o primeiro ponto. O segundo, que diz respeito à desigualdade, é que Sen fundamentou toda a perspectiva de que essa desigualdade tem que ser avaliada nos espaços das capacidades. O que é isso? Capacitações são liberdades que as pessoas têm. Com isso ele chama atenção de que não é importante você ficar fazendo as mesmas contas de desigualdade de renda sempre, porque o que interessa não é apenas a capacidade que as pessoas têm em gerar tributo (renda), mas sim em utilizá-lo. Esse uso da renda é o que dá a ele o enfoque no que as pessoas podem ser e fazer a partir dela. Então, toda a atenção de Sen é no uso que as pessoas dão para este aspecto. Você pode ter um salário muito alto, mas se o seu nível de educação é baixo, possivelmente irá comprometer a sua saúde, porque não irá saber utilizar seu dinheiro. E essa ênfase faz com que a educação seja uma questão-chave em todo o trabalho de Sen, como motor de promoção de desenvolvimento humano.

### IHU On-Line - O senhor acredita que o nosso país tem liberdade, no sentido de promover o desenvolvimento?

**Flavio Vasconcellos Comim** - Dentro da perspectiva de Sen, acredito que nós temos boas condições. A pobreza monetária no nosso país diminuiu; houve uma redução significativa de insegurança alimentar. Hoje, temos um percentual de crianças que estão na escola bem superior ao que nós tínhamos há duas décadas. E, apesar de ainda vivermos pouco - a nossa média é de 73,5 anos, houve um grande progresso, se analisarmos os últimos 30 anos. Então, melhorou. O grande problema é que melhoramos pouco. Para respeitar os direitos das pessoas sobre liberdades substantivas, segundo o que Sen diria, precisaríamos andar em

passos mais rápidos. Existe progresso em termos individuais, mas muito tem que ser feito ainda. Nós não eliminamos uma herança histórica de um país do tamanho do nosso, com o tamanho dos problemas que o Brasil tem, em apenas uma geração.

**IHU On-Line - Além de trabalhos referentes à fome e à liberdade, Sen realizou alguns estudos sobre a mulher. Quais foram as descobertas que o economista fez nesse sentido?**

**Flavio Vasconcellos Comim** - O principal texto do Sen se chama *As mulheres que estão faltando*, em que ele fez algumas pequenas contas demográficas e viu que na Ásia a relação entre homens e mulheres era mais baixa, quando deveria ser uma relação de 10.2 mulheres para cada homem, essa relação era 0.96, 0.98. Então, ele se deu conta que estavam morrendo mais meninas que meninos. Ele foi investigar por que isso estava acontecendo e registrou que tanto na China como na Índia, que foram os dois focos principais do trabalho dele, as meninas morriam por preconceito. Então, ele abriu uma caixa preta cultural que mostrou que na Índia, por exemplo, quando nasce uma menina, os pais veem como uma carga, porque eles vão educar, criá-la e irão entregar depois para trabalhar para outra família. Por outro lado, os meninos eram vistos como ativos. A falta de atenção às meninas nessa idade, até os cinco anos, fez com que a mortalidade infantil fosse muito alta, que houvesse uma descompensação demográfica e que mulheres estivessem faltando. Esse é o trabalho mais importante de Sen, apesar da questão do gênero sempre estar presente, em todos os trabalhos dele. Mas eu destacaria esse estudo das mulheres que estão faltando como um divisor de águas na questão do gênero na pesquisa dele.

**IHU On-Line - O que caracteriza a “vergonha social”, apontada por Amartya Sen?**

**Flavio Vasconcellos Comim** - Sen resgata dentro do trabalho de Adam Smith<sup>2</sup> a ideia de que as pessoas têm um

<sup>2</sup> Adam Smith (1723-1790): considerado o fundador da ciência econômica. *A Riqueza das*

## “Os ensinamentos mais importantes de Sen, apesar de conhecidos na academia brasileira, ainda não aterrissaram na política pública e talvez este seja o maior desafio dos próximos anos”

conjunto de necessidades que extrapolam o conceito de necessidades básicas. Então, ele recorre à teoria dos sentimentos morais para tratar a ideia de que o indivíduo é um ser muito mais complexo e completo, como ele dizia no início, em relação ao que ele é modelado normalmente pela ciência. A dificuldade principal é a de enxergar essa complexidade. Mas quando começamos a perceber a complexidade do ser humano, nós vemos que já no

*Nações*, sua obra principal, de 1776, lançou as bases para um novo entendimento do mecanismo econômico da sociedade, quebrando paradigmas com a proposição de um sistema liberal, ao invés do mercantilismo até então vigente. Outra faceta de destaque no pensamento de Smith é sua percepção das sofríveis condições de trabalho e alienação às quais os trabalhadores encontravam-se submetidos com o advento da Revolução Industrial. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu em 2005 o I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. No segundo encontro deste evento a professora Ana Maria Bianchi, da USP, proferiu a conferência *A atualidade do pensamento de Adam Smith*. Sobre o tema, concedeu uma entrevista à IHU On-Line nº 133, de 21-03-2005, disponível em <http://migre.me/xQmm>. Ainda sobre Smith, confira a edição 35 do Cadernos IHU Ideias, de 21-07-2005, intitulada *Adam Smith: filósofo e economista*, escrita por Ana Maria Bianchi e Antônio Tiago Loureiro Araújo dos Santos, disponível para download em <http://migre.me/xQnc>. Smith foi o tópico número I do Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2009, estudado de 13-04-2009 a 02-05-2009. O Ciclo de Estudos em EAD - Repensando os Clássicos da Economia - Edição 2010, em seu primeiro módulo, falou sobre *Adam Smith: filósofo e economista*. Em sua edição 2011, esse evento contou com a palestra do Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo, em 29-08-2011, com o tema *Adam Smith: os sentimentos morais e as razões da acumulação e da conservação da fortuna material*. (Nota da IHU On-Line)

século XVIII, relato de Adam Smith, algumas pessoas tinham vergonha de sair à rua se não vestissem uma camisa de linho. No Brasil, nós temos relatos, logo após a escravidão, de pessoas que andavam com sapatos pendurados no ombro, como um símbolo, signo, de não sentir vergonha de ter sido escravo anteriormente. Hoje em dia, pessoas, mesmo pobres, usam camisa da Nike, do Barcelona, uma vestimenta que simboliza uma inserção social, que muitas vezes elas não têm. Então, Sen problematiza essa ideia de necessidade básica. Ele faz a mesma pergunta: “Você tem fome de quê?” Creio que, ao colocar essa dimensão mais complexa das necessidades básicas, ele faz com que termine essa dicotomia nas ciências sociais entre aspectos absolutos ou relativos da pobreza e da desigualdade, porque uma coisa que é relativa para um é essencial para outro. Ou seja, essa vergonha social, no fundo, tem nome e sobrenome para a pessoa que sente isso, pois afeta a sua dignidade.

**IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo?**

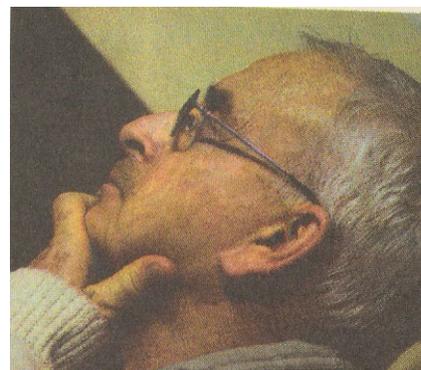
**Flavio Vasconcellos Comim** - Gostaria de dizer, num tom provocativo, que o trabalho do Sen ainda não aterrissou no Brasil. Suas pesquisas ainda não foram absorvidas pela política pública em nosso país. Continuamos medindo a pobreza da maneira como se media na década de 1950; permanecemos tratando a desigualdade em termos unidimensionais; continuamos vendo a educação apenas como item de mercado, de formação de capital humano; desconsideramos ainda todos os aspectos relativos à saúde, no sentido de sua produção, o envolvimento dos próprios cidadãos como parte não do problema, mas da solução, para o desenvolvimento humano. Os ensinamentos mais importantes de Sen, apesar de conhecidos na academia brasileira, ainda não aterrissaram na política pública e talvez este seja o maior desafio dos próximos anos: compreender melhor o que ele diz e dar um sentido de uso às ideias que sejam relevantes para o desenvolvimento do Brasil.

## IHU Repórter

## José Alberto Baldissera

POR THAMIRIS MAGALHÃES | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Muito exigente. O professor do curso de História da Unisinos, José Alberto Baldissera, assim se autodefine. Docente e apresentador do programa *Desatando Nós* da TV Unisinos, Baldissera procura ser organizado e diz que sempre busca fazer o melhor possível, mesmo sabendo que muitas vezes deixa a desejar. Ator profissional, já ganhou diversos prêmios. Seus maiores sonhos são continuar tendo muita saúde e ainda poder viajar bastante. Conheça um pouco mais da sua história, em entrevista concedida pessoalmente à IHU On-Line.



**Autodefinição** - A pior coisa é nos definirmos. Mas acredito que sou bastante exigente comigo mesmo. E se sou comigo mesmo, também sobra para os outros. Aprendi isso com meus pais, essa questão de responsabilidade. Eles me ensinaram duas coisas que nunca esqueço: respeito aos outros, de qualquer religião, nível social, etnia, orientação sexual etc., e exigência consigo próprio, sempre fazer o melhor. Além disso, procuro entender as pessoas e gosto também que elas me entendam.

**Origem** - Nasci em Veranópolis, aqui no Rio Grande do Sul, e depois vim para São Leopoldo, já com 16 anos, para estudar. Fiquei morando 22 anos aqui e depois fui para Porto Alegre, onde estou até hoje. Moro sozinho a maior parte do tempo. Meus pais já são falecidos, mas chegaram a morar certo tempo comigo em São Leopoldo. Tenho um irmão que mora em São Leopoldo, outro em Porto Alegre e um que faleceu pequenininho, com seis meses de idade. Nunca casei. Já estive em outros estados civis, mas não casado. Não tenho filhos.

**Formação** - Formei-me na então Faculdade de Ciências e Letras Cristo Rei, de São Leopoldo, que depois deu origem à Unisinos. Quando eu terminei os cursos, começou a Unisinos. Estudei na Faculdade durante toda a década de 1960, cursando Filosofia, História e Letras - Português. Fiquei nove anos lá. Antigamente, fazíamos mais rápido os cursos. Em nove anos, fiz três licenciaturas. Fiz mestrado, na área de educação, mas dirigido ao ensino de história, e doutorado, ambos na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Tenho dois livros publicados e vários artigos, um feito a partir da dissertação de mestrado, intitulado *O livro didático de história e uma visão crítica*; o outro, como organizador em parceria com um colega, cujo título é *Qual ensino? Qual história? E qual cidadania?* Durante o mestrado, por minha conta, fiz uma disciplina como “sanduíche” nos Estados Unidos, na Universidade de Cornell.

**Ingresso na Unisinos** - Em 1975 e 1976 fiz dois cursos de Especialização na Unisinos. Nessa ocasião, fui convi-

dato a participar do curso de História por uma colega que faleceu ano passado, a professora Beatriz Franzen<sup>1</sup>, que era a coordenadora do curso. Então, foi quando comecei a dar aula de História Antiga, em 1976, há exatamente 35 anos. Hoje, leciono para o curso de História, trabalhando com os alunos que fazem estágio de História e também a disciplina História e Imagem. Trabalho ainda com a área da administração, que é no curso Gestão, Inovação e Liderança - GIL. Além deles, ainda apresento um programa na TV Unisinos e assessoro as gravações das aulas em Educação a Distância (EAD).

<sup>1</sup> **Beatriz Franzen** (1934-2010): professora, uma das fundadoras do curso de História da Unisinos. Graduada em História e Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, era doutora em História na Universidade de Lisboa. Escreveu as obras *Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no Sul do Brasil e Paraguai (1580-1640): um estudo comparativo* (São Leopoldo: Unisinos, 1999) e *Jesuítas portugueses e espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais: novos estudos* (São Leopoldo: Unisinos, 2003). A IHU On-Line número 351, de 22-11-2010, dedicou um espaço à memória da professora Beatriz Franzen, publicando depoimentos de pessoas que conviveram com ela. O material pode ser acessado em <http://bit.ly/rq2fr1> (Nota da IHU On-Line)

**Teatro** - Comecei a fazer teatro em 1962, mas naquele tempo era teatro universitário. Teatro que a Faculdade, depois Unisinos, continuou. Nós, inclusive, viajamos para atuar. Era a época em que o teatro universitário tinha muita importância no Brasil. Depois, com a ditadura civil-militar, praticamente não houve como manter aberto, porque ele era muito apontado, os estudantes eram os mais visados, junto com os artistas e professores de história e filosofia. Comecei a fazer teatro profissional em Porto Alegre em 1972. Já totalizam cerca de quarenta peças encenadas; desde textos mais comerciais, passando Shakespeare e também tragédias gregas. Mesmo assim, em 1979 nós repetimos uma peça aqui na Unisinos, com grande sucesso, que havia sido produzida em 1969, que era a *Rômulo - O Grande*. Depois, ainda cheguei a atuar com a mesma peça em Porto Alegre em 1989. Já fiz cinema também, uma dúzia de curtas-metragens, e participei de três longas daqui do Rio Grande do Sul. Foram sempre participações especiais. Faz dois anos que não atuo em teatro por outros compromissos, mas ano que vem pretendo voltar.

**Prêmios** - No teatro, já ganhei alguns prêmios. Não sei se merecidos, pois havia concorrido com colegas excelentes. Mas como receber um prêmio é sempre muito bom, e faz bem pro ego, claro que aceitei. Por *Rômulo - O Grande* ganhei o Prêmio Açorianos de melhor ator. Em 2007, ganhei o Prêmio Açorianos de melhor ator coadjuvante, em uma tragédia grega - *Medeia*, em que interpretava um escravo. Ademais, ganhei um prêmio também do sindicato dos atores do Rio Grande do Sul, em 1994, por um velho cego, na peça *Alpes em Chamas*. Outros prêmios também foram ganhos no teatro amador.

**TV Unisinos** - Tenho um programa chamado *Desatando Nós*, que é de entrevistas - já foram feitas mais de 300, e também realizamos gravações de educação a distância - EAD. Funciona assim: os professores gravam e faço



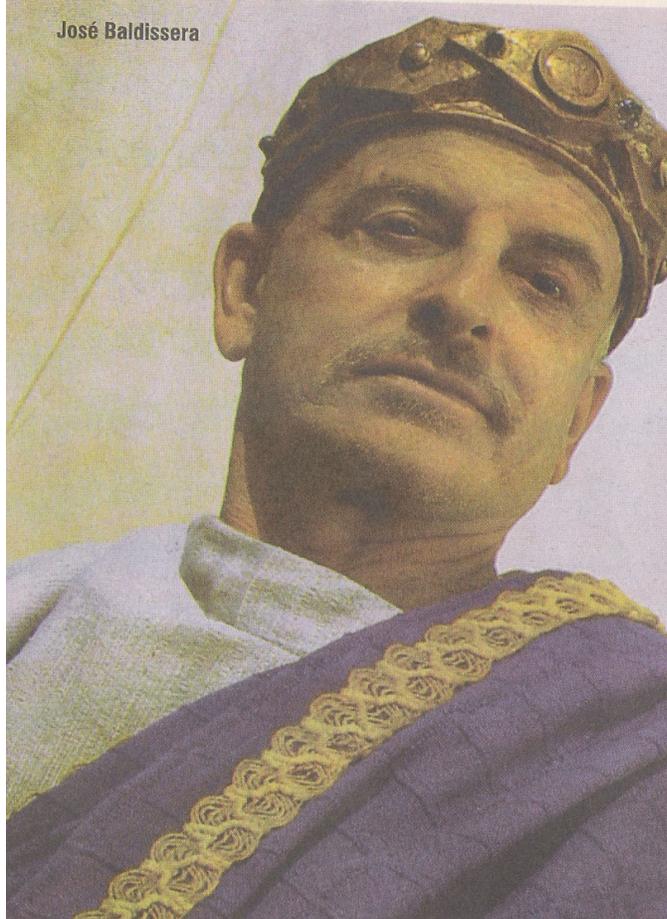
BALDISSERA EM O PROCESSO DE JESUS, DE DIEGO FABBRI, INTERPRETANDO JUDAS

uma espécie de assessoria nas gravações das aulas em EAD. Estou na TV desde quando ela começou, em 1999. No programa, entrevistamos professores (daqui ou de fora), funcionários, pesquisadores, alunos, artistas de teatro, enfim, pessoas interessantes que sempre têm alguma coisa para dizer. Até o ex-presidente Lula nós já entrevistamos, antes dele ser presidente da República.

**Trabalho** - Trabalhei em escolas do Estado, e também particulares. Em escolas estaduais fiquei mais de 35 anos. Estou aposentado desde 1995. Continuo trabalhando agora só na Unisinos. Fui alfabetizador numa vila aqui em São Leopoldo por quase seis anos, logo que comecei a estudar na Unisinos. Aprendi muito sobre isso com uma colega professora, na época com mais

idade do que eu, e com mais experiência. Daquele tipo de professora que entendia tudo e que, hoje, já quase não existe mais. Foi uma das melhores fases da vida de professor.

**Lazer** - Quase não tenho horas livres. Meu tempo disponível tiro para estudar aquilo que eu tenho que fazer. Gosto de ir ao teatro, cinema, o que acaba fazendo parte do que estou trabalhando, porque, por exemplo, a arte, como pintura, escultura, arquitetura, e também o cinema, fazem parte da História. Há mais de 15 anos me interessa a relação entre História e Imagens, por isso faço pesquisas nessa área, inclusive com vários artigos publicados. Então, o lazer acaba fazendo parte do próprio trabalho. Além disso, adoro viajar, conhecer coisas, culturas novas e pessoas diferentes.



BALDISSERA INTERPRETANDO O REI CREONTE, ANTÍGONA, DE SÓFOCLES E, AO LADO, O VELHO CEGO - ALPES EM CHAMA

**Organização** - Têm três coisas em torno das quais procuro organizar a minha vida: trabalho, que é dar aula e a televisão; o teatro, que é a minha outra profissão. Tenho carteirinha e tudo do sindicato dos artistas do Rio Grande do Sul, ou seja, sou sindicalizado, e o outro bloco é viajar - disso não abro mão, já que aproveito para estudar, pois tudo tem relação com os assuntos que trabalho em aula e pesquisa.

**Autor e livro** - Tem um livro que já li várias vezes e para mim o personagem e o livro são muito significativos, que é o *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes. Esse é o personagem que mais chamou minha atenção na vida, porque acredito que acabamos sendo, de alguma forma, Dom Quixote em nossas vidas, senão o tempo inteiro, pelo menos em muitos momentos, vivendo no mundo dos sonhos, querendo conquistar uma coisa ideal.

**Filme** - Penso mais em filmes do cinema antigo, considerados cult, que acabam sendo reprisados e fa-

zem muito sucesso, como *Cidadão Kane*, *Casablanca*, ... *E O Vento Levou*. Além deles, nunca esqueci o filme de Fellini, cineasta italiano, *A Estrada da Vida*, um longa simples, pobre, do neorealismo italiano, que é lindo. E outro, também de Fellini, *Amarcord*, que é belíssimo. Além deles, gostei muito do filme *Agonia e Êxtase*, sobre Michelangelo e a pintura da Capela Sistina.

**Religião** - Fui batizado na Igreja Católica pelos meus pais que eram católicos praticantes, mas considero-me católico não praticante. Acredito que religião é acreditar que existe alguma coisa, não precisa ter nome. Tudo bem que temos que respeitar todas as crenças, porém, não necessariamente precisamos ser catalogados dentro de uma determinada religião, seja ela qual for, para termos uma consciência religiosa. Acredito que existe algo superior.

**Sonho** - Não tenho sonhos muito exigentes. Primeiramente, desejo ter muita saúde, porque sem ela

não fazemos absolutamente nada, e depois viajar bastante ainda. E ler muita coisa que está atrasada.

**Unisinos** - Estou há 35 anos na Unisinos. Estudei mais nove, quando ainda era Faculdade. Estou, então, praticamente há 45 anos aqui. Mais da metade da minha vida, muito mais. Ela representa muita coisa. Coisas boas como estudar, trabalhar, conviver com pessoas. Se eu falo da minha vida, não posso deixar de incluir a Unisinos de qualquer forma. Para mim está sendo muito bom. Olho para trás e penso que a Unisinos faz parte da minha vida, é lógico. A maioria das recordações é muito boa.

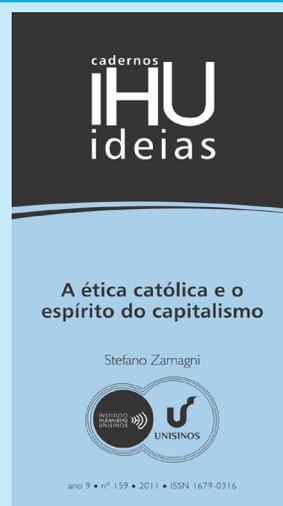
**IHU** - Já participei bastante, concedendo entrevistas e alguns textos para a revista. Leio sempre e recomendo vários artigos para os alunos. É uma publicação séria e muito elogiada. Além disso, tenho recomendado a revista para pessoas de fora, como professores de outras universidades, que gostam bastante.

## Igreja, cultura e sociedade - IHU prepara o simpósio de 2012

Com o objetivo de debater em perspectiva transdisciplinar a semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da tecnociência, desenhando possibilidades e perspectivas de interlocução com a nova cultura, O Instituto Humanitas Unisinos promove o XIII Simpósio Internacional IHU - Igreja, cultura e sociedade. A semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnocientífica. O evento será realizado de 02 a 05 de outubro de 2012, na Unisinos, e buscará analisar transdisciplinarmente os discursos, as linguagens, os signos e os símbolos teológico-religiosos e seus significados para a cultura e a sociedade atual. Em breve, a programação será publicada no sítio do IHU. Mais informações podem ser obtidas em <http://bit.ly/rUzE9I>

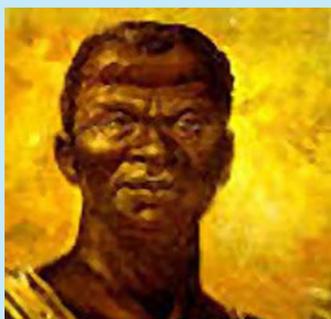
## A ética católica e o espírito do capitalismo

A edição número 159 de **Cadernos IHU ideias** traz o texto “A ética católica e o espírito do capitalismo”, de autoria do economista italiano e professor da Universidade de Bolonha, Stefano Zamagni. O próprio título se refere diretamente a um contraste à obra de Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Inspirado em uma reflexão do Papa João Paulo II sobre o mercado, Zamagni resgata historicamente a origem do mercado em seu sentido ético de bem comum. Para adquirir o exemplar impresso do caderno basta ir até a Livraria Cultural ou solicitar através do endereço eletrônico [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br). A partir de 05-12-2011 estará disponível no sítio do IHU ([www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)) a versão integral do texto em formato PDF.



## De Zumbi aos lanceiros negros

Na próxima quinta-feira, dia 10-11-2011, o tema do evento **IHU ideias** será “De Zumbi aos lanceiros negros - a luta pela liberdade”. O palestrante será o Prof. Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira, do PPG em História da Unisinos. O IHU Ideias acontece sempre das 17h30min às 19h, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Para obter mais informações acesse <http://bit.ly/sAXpQa>



Siga o IHU no



([http://twitter.com/\\_ihu](http://twitter.com/_ihu))

E também no



(<http://bit.ly/ihufacebook>)

Apoio:

